

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

SARAYNA MARTINS MENDES

**SER MULHER NA CIDADE:
UM ESTUDO SOBRE A CIRCULAÇÃO DAS MULHERES DO PORTO DO CAPIM
PELA CIDADE DE JOÃO PESSOA.**

JOÃO PESSOA / RIO TINTO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

SARAYNA MARTINS MENDES

**SER MULHER NA CIDADE:
UM ESTUDO SOBRE A CIRCULAÇÃO DAS MULHERES DO PORTO DO CAPIM
PELA CIDADE DE JOÃO PESSOA.**

Dissertação submetida pela mestranda Sarayna Martins Mendes à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Profº Drº Marco Aurélio Paz Tella

JOÃO PESSOA / RIO TINTO

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M538s Mendes, Sarayna Martins.

Ser mulher na cidade: um estudo sobre a circulação das
mulheres do Porto do Capim pela cidade de João Pessoa /
Sarayna Martins Mendes. - João Pessoa, 2018.
133 f. : il.

Orientação: Marco Tella.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Mulher, Corpo, cidade. I. Tella, Marco. II. Título.

UFPB/BC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



SARAYNA MARTINS MENDES

**“SER MULHER NA CIDADE: UM ESTUDO SOBRE A CIRCULAÇÃO DAS MULHERES
DO PORTO DO CAPIM PELA CIDADE DE JOÃO PESSOA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: APROVADA

Em: 15 de AGOSTO de 2018.

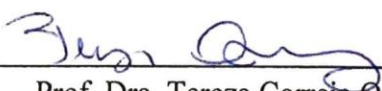
Banca examinadora



Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella
(Orientador)
PPGA/UFPB



Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro Oliveira
(Examinadora interna)
PPGA/UFPB



Prof. Dra. Tereza Correia Queiroz
(Examinadora externa)
UFPB

AGRADECIMENTOS

Acordo cedo e fico mal humorada por ainda ter tantas coisas a escrever, por ainda ter que olhar para a tela do computador, os prazos parecem correr atrás de você como perseguidores e a insegurança, por dias gruda no calcanhar que parece não largar mais, então eu choro, mais uma vez.

No final do dia faço uma ligação para Arthur, meu companheiro a quase 9 anos, que no afago da distância, questiona meus medos e me tranquiliza de alguma forma, tantas foram as vezes que fez isso, tantas foram as vezes que me fez perceber o quanto tenho que me olhar melhor e me autovalorizar. Neste fim, sou grata demais por ter um parceiro real, que acredita na minha luta, nas minhas vontades, na minha escrita, me escuta e aprende comigo, que foi peça fundamental desde o processo de seleção até a entrega deste.

Sendo sincera aqui, acho que minha mãe não achava que eu entraria no mestrado, não por capacidade mas pelo tanto que falei mal da academia ao acabar a graduação, lembro-me de discussões entre nós duas, ela professora e já doutora, eu graduada e sedenta por dar aulas e negar o lugar acadêmico, ela não me compreendia direito e eu não estava muito interessada na compreensão dela, apenas pela contradição. E depois de 7 anos, comemoramos juntas minha passagem na seleção do mestrado em antropologia e pela descoberta de um lugar de interesse, a vi feliz por mim, por minhas conquistas. A casa da minha mãe sempre foi o lugar do descanso, do refúgio, das comidinhas saudáveis e do carinho, de livros emprestados, de discussões fervorosas, mas também das festas e das bebedeiras, todas peças fundamentais para a sobrevivência. Sou grata por ela sempre ter estado perto, pelos abraços, pela vontade de ver um mundo melhor e pelo cheiro que ela deixa em mim.

Meus dois pais, cada um com sua forma estiveram presente neste trabalho. O pai fotógrafo que me ensinou a observar com cautela o mundo, que sonha pelas lentes e que me fez olhar para as pessoas como se elas fossem paisagens da vida, acho que se estudo o corpo tem a ver com essa presença dele e dessa vontade de olhar as pessoas. O outro, o pai pintor, também um grande observador, dos lugares da cidade, prédios, cortiços, favelas e postes, sou grata demais pela sensibilidade que me trouxe e pelo eterno amor em andar pela cidade a luz da lua, assim como minha avó Odette, a maior de todas as caminhantes que conheço nesta vida, que aos 84 anos, sai para andar na rua, apenas pela vontade de estar ao lado de fora, de ver gente e de rever lugares que antes, aos 18, 28, 38 e tantos outros anos, são sentidos de forma diferente.

Mas foi no companheirismo das amigas que me fiz forte, Drica, Bia, Jojo, Lidy e Xima foram minha base. Aquele almocinho que tira a amiga de dentro de casa antes que ela vire texto, mas que aquela única cervejinha, promessa antes de sair de casa, acaba sendo várias e o dia de trabalho se transforma em um dia de folga e de muito amor. Sou grata pelos banhos de mar, pelo cineminha, mensagens em hora de desespero, longas discussões, saidinhas insistentes, jantares na casa das amigas, pelos abraços, beijos e afetos que vão ficar em meu corpo pela eternidade.

E tudo se completa quando participo do grupo de estudo mais amor que podia existir, o GUETU já faz parte de mim como um chiclete que gruda no asfalto. É um grupo de parceria em que tudo é decidido junto e a hierarquia não vale de nada, ali minha paixão pela cidade e pelas pessoas cresceram ainda mais. E algumas pessoas foram mais presentes e essenciais nesse processo: Deyse, Luciana, Claudiovan, Formiga, Muniz, Fernanda, Camila e Phelipe, cada uma de forma diferente, mas todas na sua importância.

Tem que agradecer orientador também? Marco foi certo, tranquilo e sem pressão com os prazos (ele sempre soube que ia dar tempo), as conversas fluíam e as trocas se fizeram, tive total poder de escolha da minha forma de escrita que sempre insistiu em me fazer presente no trabalho final, “fale sobre você!”, repetia. Fazendo eu me olhar mais, me perceber mais e me transformar junto ao processo/estudo.

Sem Flávia, Giovana e Helena esse estudo seria impossível, suas vivências, falas e olhares à cidade possibilitaram esta pesquisa. Sou grata por todo o aprendizado que tive nestes anos ao lado dessas mulheres, recheadas de luta, sabedoria e vozes pelo corpo.

Por último quero fazer um agradecimento especial a uma amiga. Ivandielly é força, amiga que teve um AVC no período em que eu estava fazendo campo, mais uma mulher guerreira que foi assediada, por toda uma cidade, por ser uma mulher independente, que sabia o que queria, ao sair, conquistar, aprender, conhecer, e viver sem marcas e sem regras, mas foi pega por elas. Chorei feito criança quando recebi a ligação sobre o ocorrido, gritei em casa sozinha, com raiva, ódio, desesperada, impotente e cansada. Sou totalmente grata por tê-la na minha vida, uma mulher admirável que tem sede de vida e luta por sua total recuperação. Por isso, também sou Ivandielly, pela força, pela garra e pelo amor.

(...) Passei no açougue para comprar meio quilo de carne para bife. Os preços era 24 e 28. Fiquei nervosa com a diferença dos preços. O açougueiro me explicou que o filé é mais caro. Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existência no mato, se alimenta com vegetais, gosta de sal, mas o homem não dá porque custa caro. Depois de morta é dividida. Tabelada e selecionada. E morre quando o homem quer. Em vida dá dinheiro ao homem. E morta enriquece o homem. Enfim, o mundo é como o homem quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações.

(Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

Partindo de três mulheres, moradoras da comunidade do Porto do Capim, localizada no centro da cidade de João Pessoa, este estudo visa fazer uma etnografia da circulação do corpo feminino pela cidade. O trabalho escrito foi produzido após uma metodologia de campo que buscou estar presente nos caminhos dessas mulheres, circulando com elas em seus espaços de ocupação na cidade, junto a conversas informais e entrevistas. São mulheres com um baixo poder aquisitivo e por esse motivo são obrigadas a andar e/ou trabalhar pelas ruas e a utilizarem o transporte público para se deslocarem. Acreditando na circulação e nos fluxos como uma fonte de potência da cidade, proponho pensar o fazer-cidade através das vivências e dos relatos dessas mulheres, dando visibilidade as suas experiências urbanas que por vezes se amplia ao estarem nas ruas, criando afetos e sensibilidade sentidas em seus corpos, para assim compreender qual é a cidade dessas mulheres. Entendendo que a cidade tem suas subjetividades criadas através dos fluxos dos próprios sujeitos, e que também produz tantas outras subjetividades nesses sujeitos da cidade, analiso aqui a relação corpo-cidade, como uma constante troca, em que um influencia o outro, na construção das corporeidades dessas mulheres. Nesta perspectiva, faço um apanhado sobre as especificidades do ser mulher nos espaços públicos, como medos e inseguranças que são sentidos diariamente em seus corpos femininos e em como essas mulheres acabam por criar *habitus* corporais, a partir dessas vivências externas, para permanecerem minimamente seguras no seu caminhar cotidiano, do meu ponto de vista, por si só um ato de resistência diário.

PLAVRAS-CHAVE: Mulher; Corpo; Cidade.

ABSTRACT

Starting from three women, residents of the community of Porto do Capim, located in the center of the city of João Pessoa, this study aims to make an ethnography of the female body circulation through the city. The written work was produced after a field methodology that sought to be present in the ways of these women, circulating with them in their spaces of occupation in the city, along with informal conversations and interviews. They are women with low purchasing power and therefore are forced to walk and / or work on the streets and to use public transportation to move around. Believing in circulation and flows as a source of power in the city, I propose to think of the city-making through the experiences and stories of these women, giving visibility to their urban experiences that sometimes increase when they are in the streets, creating affections and sensibility that are felt in their bodies, to understand these women's city. Understanding that the city has its subjectivities created through the flows of the subjects themselves, and that this also produces so many other subjectivities in these subjects in the city, I analyze here the relation body-city, as a constant exchange, in which one influences the other, in the construction of the corporations of these women. In this perspective, I make a research about the specificities of being women in public spaces, such as fears and insecurities that are felt daily in their female bodies, and how these women end up creating bodily habitus from these external experiences to remain minimally safe in their daily walk, from my point of view, by itself an act of daily resistance.

Key-words: women; body; city.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
	.
Capítulo 1. Apresento-as:	17
1.1. As mulheres	17
1.2. A comunidade do Porto do Capim	30
1.3. As Cidades	43
Capítulo 2. Metodologia: Transformando-me em estudo	54
Capítulo 3. Corpo, gênero e raça na cidade	74
3.1 Corpos que andam	74
3.1.1. Processos de corporificação social	74
3.1.2. Ir para longe ao encontrar com o outro diferente de si.....	79
3.2. Uma questão de gênero, mas não só isso.....	90
3.2.1. Construção do discurso sobre o corpo e a sexualidade da mulher ...	91
3.2.2. Três contos de um campo	97
3.2.3. Outras experiências da mulher na cidade	99
3.3 O corpo reage: táticas de resistência da mulher na cidade	117
Considerações Finais	124
Referências Bibliográficas:	128

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	26
Figura 2	31
Figura 3	33
Figura 4	52
Figura 5	53
Figura 6	82
Figura 7	83
Figura 8	108

INTRODUÇÃO

Vivo em João Pessoa desde março de 2009, antes, por 20 anos, morei em São Paulo, cidade onde cresci, foi lá onde iniciei minhas caminhadas pela cidade. Andava muito a pé e utilizava bastante o transporte público, o que me possibilitou conhecer e vivenciar diferentes espaços, colocando-me na convivência de pessoas nunca antes vistas. Como caminhante da rua, criei uma série de afetos, em relação aos espaços, aos sons, cheiros e as pessoas que entrei em contato.

A cidade e seus fluxos, pessoas que andam e circulam por seus espaços, são produtoras de subjetividade e os sujeitos da cidade integrantes fundamentais dessa subjetividade, tanto produzindo como sendo influenciado por ela, ambos os pontos, fundamentais para a formação da identidade pessoal (CAIAFA, 2002). São os contatos com os espaços externos, com os estímulos produzidos pela cidade, as pessoas que circulam e esbarram e com o diferente de si, produz nos sujeitos conjuntos específicos de formas de ver, sentir e existir na cidade, moldando sua subjetividade ao construir diferentes afetos e percepções. Ao mesmo tempo, essas nossas subjetividades e as diferentes formas de nos afetar e de afetar, também são impostas a cidade, moldando-as a partir de nossas experiências, afetando-as em um processo constante de trocas, em que um produz o outro.

“Os jogos dos paços moldam espaços. Tecem lugares” (CERTEAU, 1994). O andar, como um conjunto de pontos de passagem me interessa menos do que uma real produção dos espaços pelo ato do andar. O conjunto desses pontos cria uma série de trajetos, a depender do sujeito, quase como um desenho que liga todos os pontos de passagem, mais do que a performance em si, ou como um traço mais do que o ato, por esse motivo, Certeau (1994) acredita que a representação da trajetória acaba por se tornar insuficiente para pensarmos, junto ao espaço, questões referentes a temporalidade e ao movimento.

Quando pensamos em uma caminhada, principalmente ao colocar nossos trajetos em um papel, a primeira ideia que vem à mente é a produção de pontos de passagens e a ligação destes, formando lugares de passagem como se vivêssemos dentro deles. Esse formato de espaço desenhado, reproduzido e pensado, acaba limitando os reais movimentos produzidos no ato de caminhar, perdendo tanto a noção de que vivemos através dos espaços e não dentro deles (INGOLD, 2015), quanto os possíveis afetos e percepções construídas ao longo do caminho.

Não podemos reduzir, dessa forma, o andar em pontos sem experiência ou sem ação, já que o existir na cidade é um constante produzir. O processo do caminhar tem a ver com o processo de “fazer-cidade” descrito por Agier (2011), redefinindo os espaços e como eles serão

utilizados pelos sujeitos. O formato de escrita que utilizarei neste trabalho será a descrição desses movimentos, relatos do meu olhar sobre a experiência do outro que se batem às minhas, foi com os relatos de campo que encontrei a prática do espaço.

Nessa organização, o relato tem papel decisivo. Sem dúvida, “descreve”. Mas “toda descrição é mais uma fixação”, é “um ato culturalmente criador”. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços. Reciprocamente: onde os relatos desaparecem (ou se degradam em objetos museográficos), existe perda de espaço [...] (Certeau, 1944, p. 209).

Mas, como mulher na rua, fui afetada tanto positivamente quanto negativamente, neste último caso, senti-me mais insegura, com mais medo e mais desconforto em relação a certas pessoas e a certos lugares, unicamente pela minha condição de mulher. Seguindo as noções de poder, que funcionam com limitações, proibições e controles, os sujeitos são formados e definidos com base na exclusão e na legitimação de normas e posturas, que são impostas aos nossos corpos (BUTLER, 2017). Uma dessas imposições é a negação à mulher dos espaços públicos como corpos não pertencentes e a imposição do espaço privado como o lugar natural a nós.

Esse seria um primeiro motivo para pensarmos que o sujeito mulher na cidade passa por desconfortos e vivências totalmente diferentes do sujeito homem, não porque são pessoas distintas, mas porque são pessoas tidas como inferiores, por isso falamos em hierarquia dos sexos. O estudo em questão tem por objetivo pensar nessas questões descritas acima, sobre o andar na cidade e principalmente sobre o andar da mulher pela cidade. Para isso, utilizarei a noção de corpo e corporalidades, pois é o corpo que anda, que vive em sociedade, que sofre e recebe todo tipo de estímulos vindo dos espaços de circulação e das vivências cotidianas, entendendo assim o corpo como sujeito, que recebe e produz informações e sensibilidades, contribuindo para a crença de um certo agenciamento dos indivíduos.

Com essas indagações que cheguei ao Porto do Capim, comunidade ribeirinha de João Pessoa, foi no contato com as mulheres que ali vivem, que já havia sendo construído desde 2010, que achei meu campo. Nos contatos com essas mulheres, meu campo foi melhor se modelando e aos poucos três delas apareceram para mim com mais força, aceitando participar deste estudo, contribuindo para tantos questionamentos que me rodeavam e trazendo tantos outros que as rodeavam. São elas, Flávia, Helena e Giovana, todas moradoras do Porto do Capim, a primeira, estudante de psicologia e liderança política e cultural na comunidade, trabalha em seu próprio ateliê de costura e de produção de trançados para o cabelo, a segunda, estudante de serviço social que trabalha na seção de e-mail de uma empresa de *marketing* e

apaixonada pelas festividades juninas e a terceira catadora de material reciclável, que trabalha nas ruas do centro da cidade, mas que pouco sai de casa nos finais de semana.

Todas as três mulheres andam a pé e circulam de diferentes formas e por distintos motivos pelos espaços externos da cidade. Partindo de uma metodologia que buscou se aproximar mais desses espaços e de suas vivências, foram feitas entrevistas e conversas informais, aliada as observações e aos diálogos feitos ao andar pelos diferentes espaços de circulação dessas mulheres, ao trabalhar na rua com Giovana, nos espaços do Porto do Capim com Flávia e nos transportes públicos com Helena. Junto dos seus relatos de vida, e focando em seus corpos femininos, fontes de recepção, busco compreender suas vivências pelas ruas da cidade: Por onde essas mulheres andam? Como andam? E o que percebem nesse e desse andar? Com que sujeitos esbarram e como se dá esse conflito de corpos, principalmente sendo corpos femininos.

Multiplica-se ao fato de serem mulheres o fato de serem mulheres negras, criando ainda mais especificidades no seu caminhar. O andar da mulher negra é mais recheado de estereótipos relacionados a inferioridade e a objetificação. A princípio, este não era meu foco no trabalho, e nem se tornou, por uma falta de tato ao me aproximar dessas mulheres e chegar a questões tão pertinentes e tão delicadas de serem tratadas. Dessa forma, acrescento aqui que a raça passou a fazer parte deste trabalho por uma imposição do campo, que por um momento chorou na minha frente e escancarou uma necessidade, mas que pela imposição de um tempo para fazer pesquisa e por uma dificuldade minha em chegar a estas questões na prática do campo, tenho certeza que muito ainda poderia ser dito.

A partir desses pontos introdutórios descritos acima, este trabalho se propões a trabalhar com três focos de análise: espaço urbano e sociabilidade; corpo e construção de corporeidades, e mulher e ideologia da feminilidade/sociedade sexista, na tentativa de abarcar as diferentes formas, dessas mulheres, de usufruir os espaços da cidade. Para isso dividi este em três sessões que serão redistribuídos da seguinte forma:

No primeiro capítulo faço uma longa apresentação das personagens e dos espaços do campo, quem são essas mulheres e quais são seus relatos de vida, para depois descrever o contexto da comunidade, denominada de Porto do Capim devido à localização que já foi portuária e a quantidade de capim que existia na área – período pós colonização – e que tem um histórico altamente relevante para se pensar a formação da cidade. Finalizo a sessão apontando algumas especificidades da cidade de João Pessoa aliada a uma discussão sobre cidade pós-moderna, entendendo-a sempre como um conjunto de fluxos que não cessam.

Na segunda parte faço o levantamento do meu processo metodológico, como cheguei ao campo; conheci as mulheres; como estruturei a pesquisa; a temporalidade da pesquisa, os conflitos e os meus medos, assim como também relato os meus próprios espaços de circulação ao longo da feitura deste e das minhas indagações sobre o lugar de poder da escrita em si, heteronormativa, branca e eurocêntrica.

O último capítulo está separada em três subgrupos, no primeiro faço uma discussão teórica sobre os corpos e a construção de nossas corporeidades, para depois chegar nos relatos sobre os espaços de circulação dessas mulheres, que parte já é adiantado na primeira sessão deste trabalho, no intuito de se aprofundar ainda mais no espaço vivido e experimentado por elas e na construções dos afetos, nesta parte trago principalmente os afetos positivos que foram construídos com a cidade e com os sujeitos desta. Na segunda parte começo com um levantamento sobre a construção do sujeito e do corpo da mulher, as normatizações e naturalizações de posturas e comportamentos que são impostas aos sexos e que trazem tanta diferenciação e hierarquização entre homens e mulheres e entre mulheres brancas e mulheres negras, nesta parte do trabalho inicio uma discussão, partindo do campo, sobre a cidade da mulher e as especificidades de ser mulher na cidade, ligadas principalmente ao medo, insegurança, desconforto e assédios, em que questiono porque a cidade da mulher é diferente da cidade dos homens e como essa diferenciação tem a ver com nossos corpos. Para finalizar a sessão trago as corporeidades formadas nos corpos destas mulheres, como reações aos estímulos da cidade, ligadas aos relatos de medo, insegurança, desconforto e assédios, tão comuns a vida da mulher na cidade, criando e recriando formas de permanecerem seguras na cidade.

CAPÍTULO 1. APRESENTO-AS:

1.1 AS MULHERES:

Giovana:

O papelão vai em cima do carrinho, bem organizado que é para caber mais, está sempre chamando atenção dos seus três filhos, dois deles a ajudam todos os dias no trabalho, o menor só vai as vezes quando não tem escola. Uma escadinha, a idade dos filhos (filho 1, 2 e 3, em relação a idade respectivamente do menor ao maior), os dois mais velhos estudam pela manhã, à tarde, estão no centro da cidade de João Pessoa com a mãe.

Seus cabelos, escuro e liso, com algumas mechas loiras, que de tempos em tempos eram retocados e brilhavam na luz do sol do centro da cidade, no trabalho, eles ficam sempre amarrados, sua roupa de trabalho é fresca e que facilite movimentos, shorts, blusas leves e chinelo. Carrega o celular no peito, preso entre o corpo e o sutiã, para não dar visibilidade ao ladrão, às vezes tira ele dali para olhar as mensagens ou redes sociais, sempre muito rápida. Os filhos que trabalham com ela estão sempre de bermuda, camiseta ou regata e chinelo no pé, que as vezes é jogado de lado.

Giovana tem 33 anos trabalha de segunda a sábado, a chuva atrapalha o carregar papelão, eles ficam mais pesados e na troca por dinheiro valem menos, quando tem sol, ele esquenta a cabeça fazendo o suor escorrer pelo corpo e o pé todo craquelado de andar de chinelo dói de tempos em tempo. Giovana sorri com os filhos, que me trazem um chinelo achado na rua, novinho, quase meu número, meu primeiro presente do campo. Nesse mesmo dia, ainda ganhei algumas presilhas de cabelo e uma pulseira, tudo vindo como lixo de uma loja. Vi levarem para casa, potes de plástico, pedaços de móveis, amostras de maquiagem e perfumes, bolas, anéis e tantos outros produtos que iam ser dispensados no lixo.

A curiosidade dos três filhos de Giovana era o que eu estava fazendo ali, eles, com uma felicidade de se ver nos olhos por uma pessoa estranha e a todo ouvido para escutar o que tinham a dizer. Começaram com risadas, logo quando cheguei, por conta da minha roupa, dizendo que eu tinha vindo “toda preparada mesmo!”, ao olharem para meu tênis, davam gargalhadas sem fim, eles todos de chinelo e às vezes com o pé no chão. Logo, com os restos de gesso na mão, que uma loja em reforma acabara de jogar ao lado do carrinho da mãe, estávamos nós quatro (eu e os três filhos mais novos - filhos 1, 2 e 3) fazendo rabiscos e desenhos pelo chão e paredes da rua.

Giovana é catadora de papelão, papelão porque é o que mais é jogado naquela região, que é totalmente comercial, as embalagens dos produtos vendidos nas lojas chegam encaixotadas e após a retirada dos produtos se tornam inúteis para os lojistas. Plástico e latinha dão mais dinheiro, mas é mais difícil de achar. Cada quilograma de papelão recebe 0,28 centavos. Chega ao centro às 14:00 e só sai de lá no escuro, entre 19:00 à 20:00 horas. A base que Giovana consegue de papelão por dia é de 100 kg à 150 kg por dia, a depender da quantidade de papelão jogado pelas lojas. No total sua família tem três carroças, que chegam no final do dia a um total de 300 kg até a 500 kg e no final da quinzena conseguem em média uns 3.000 kg.

Quando comecei o campo, Giovana ficava no mesmo ponto todos os dias, em uma esquina, ao lado do banco Bradesco, de baixo da placa com informes turísticos, em frente a Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, ponto onde parte das lojas que ali se localizam jogam seus lixos, lugar estratégico para quem recolhe material reciclado.

O carrinho de Giovana fica parado no mesmo lugar, na esquina, perto do banco, em frente à Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, ela, com um saco bem grande nas mãos circula pelas ruas do centro recolhendo o material. Já tem um circuito certo dos lugares a passar, vai andando, pedindo os papelões nas lojas e olhando para o chão, normalmente ao lado dos postes de luz, onde se jogam os papelões, que as vezes estão misturados com lixos de banheiro e/ou restos de comida, quando está muito sujo Giovana não pega.

Algumas lojas já deixam o papelão guardado para ela. Como seus filhos – eles têm a quem puxar – “adora conversar”, palavras da própria Giovana, e sempre acha alguém conhecido pelos caminhos que faz, passa pela mesma rua várias vezes no mesmo dia, conferindo tudo. Por esse fato, ser bastante comunicativa, acredita que muitos homens acabam entendendo errado e achando que ela está dando em cima deles, o que a faz passar por alguns desconfortos em seu trabalho. Os filhos, ora vão com ela, ora ficam no carrinho, ora fazem outros percursos na busca do papelão, estando juntos, brincam com a mãe, brigam com a mãe e ficam cansados do trabalho, quando Giovana solta um “deixa de preguiça menino!”.

O período da tarde é mais tranquilo, a família anda mais junta, mas quando vai chegando final de tarde, os dois filhos se espalham no que parece ser a última corrida do dia por papelão, momento em que as lojas fecham e jogam o resto do papelão que ainda tinham, por isso, cada filho já sabe onde ir, eles conhecem e andam por quase todo o centro, e Giovana vai aos poucos encontrando com eles e juntando todo o papelão catado no dia, depois retornam ao ponto fixo, que também se enche de papelão neste momento. Os três, Gabi e seus dois filhos,

finalizam arrumando o carrinho, deixando tudo em ordem para caber todo o papel recolhido do dia.

Ao longo do processo da pesquisa de campo, entre momentos de distanciamentos e aproximação, vi Giovana fixar seu carrinho em outro lugar do centro e depois voltar ao antigo, assim como vi seus filhos trabalharem em outras regiões do centro e também em outras funções. Explico. Além dos 3 filhos citados acima, que tem idade entre 6 e 10 anos, ela tem mais dois filhos, mais velhos, de 19 e 20 anos (filhos 4 e 5 respectivamente), que moravam com a mãe de Giovana até a metade deste estudo, pois um deles foi morar com a mãe.

Foi em um retorno ao campo, depois de 4 meses longe, que me surpreendo com a falta de Giovana na esquina de onde ela ficava, a que descrevi acima. O carrinho estava lá, mas ela não, apenas seu filho 3 e um outro garoto que não conhecia. Fui ao encontro dele, o cumprimentei com um “Eaê” e recebi um “Tá sumida! Nunca mais apareceu” como resposta e um sorriso no rosto. Perguntei sobre sua mãe e ele disse que agora está sozinho ali, que sua mãe “foi lá pra baixo, em frente a Marisa”, apontando em direção ao local. Fiquei meio confusa sobre o lugar, mas depois de mais algumas explicações do filho 3, apontando outras lojas como referência, entendi onde ela estava, em frente a loja “Marisa”.

Giovana mudou-se por dois motivos, primeiro porque um dos seus filhos (filho 4) mais velho, passou a morar com ela - o menino que acompanhava o filho 3 que eu havia visto antes - depois porque perceberam que ali naquela nova localidade tinham bastante lojas sem nenhum catador. Seu novo local – que será temporário – em frente a Marisa, continuou servindo como o ponto fixo para deixar o carrinho e assim como fazia antes, com um saco grande na mão, de tempos em tempos saía para pegar papelão em outras lojas. Tanto no outro ponto quanto nesse, também recolhe os restos de plásticos de embalagens, quando já vem junto no lixo com o papelão, principalmente algumas embalagens de plástico, não todos os tipos, pois algumas não tem quase valor.

No mesmo dia consegui perceber como era realmente maior a quantidade de papelão que ela pegava ali, o carrinho ficou cheio! Quando isso acontece tem que alguém subir no carrinho para dar uns pulos e abaixar o volume, assim cabe mais (por hora, eu ficava encantada com aquele monte que ia se acumulando no carrinho e parecia não parar de subir, mas quando fazia a conta do que daria em dinheiro, o sorriso saía rapidamente do meu rosto), normalmente quem fazia isso era um dos filhos dela.

Nesta fase, quando os dois filhos (3 e 4) estavam com um carrinho, no antigo ponto da mãe, em frente à Igreja, era o filho 2 quem ficava com Giovana e a ajudava, ou seja, era quem subia para pular em cima do carrinho e tentar abaixar a pilha de papelão. Também foi o

filho 2 que, de uma semana para a outra, arrumou um trabalho de flanelinha, na esquina da “rua da Marisa”, olhando as motos que ficavam estacionadas.

A ideia partiu de alguns trabalhadores, conhecidos de Giovana, da loja em frente a Marisa. Ela vivia reclamando para mim e para os colegas dali, que “este menino dá muito trabalho, fala demais, não para e não ajuda direito”. Quando cheguei um dia, lá estava ele, o filho 2, com uma pequena flanela na mão, sem tirar o olho das motos, arrumou até um banquinho velho para ficar sentado. A maioria daquelas motos eram dos próprios trabalhadores colegas de Giovana ali da região e alguns clientes das lojas.

Foi com esse dinheiro que no aniversário de Giovana, o filho 2 comprou um bolo e um presente para mãe. Quem me contou foi ele, bem orgulhoso de seu feito e fazendo questão de anunciar várias vezes para mãe escutar, ela, já sem paciência me dizia que agora ele ficava jogando na cara dela o que tinha gastado.

Separada e mesmo recebendo pensão do pai dos seus três filhos mais novos, diz que dinheiro nunca foi suficiente, assim como também não era suficiente o que conseguia com o Programa Bolsa Família, na primeira fase da pesquisa de campo, ela ganhava R\$175,00 para os 3 filhos, mas ao final da pesquisa, em um contexto nacional de corte de gastos, ela perdeu totalmente os direitos, recebendo apenas uma ajuda do governo para seu filho 2 que tem um transtorno e precisa de remédios específicos. O resto do dinheiro ela consegue com seu trabalho na rua.

Foi casada 10 anos com o pai dos seus filhos mais novos (filhos 1, 2 e 3), ao qual viveu momentos bem delicados. Ele a agredia sempre quando bebia, “sem beber ele era ótimo” afirmou, logo depois de me contar as inúmeras agressões que sofreu, “eu achei que ia morrer!”. Com este mesmo homem houveram uma série de conflitos pós separação, principalmente por conta da sua casa, que depois de muita briga ficou com ela.

Teve 5 filhos, sendo 4 homens e 1 mulher, a primeira foi a filha, que ela teve com 12 anos e o segundo com 13, este, com um homem de mais de 30 anos, que sumiu quando ela estava com 3 meses de gravidez. Foi nesse período, da segunda gravidez, que chegou ao Porto do Capim com sua mãe para morar, comunidade ribeirinha onde vive até hoje, localizada no centro da cidade de João Pessoa, Paraíba.

Sua casa encontra-se na ocupação do Curtume, realizada no ano de 2013, em uma antiga fábrica de tingir couro, um terreno muito extenso que depois da ocupação, antes completamente abandonada, virou uma vila de casas, todas elas construídas pelos próprios moradores. É do lado da sua casa, em um galpão construído pela família, que deixam o papelão e a cada quinzena um rapaz que tem uma firma no Bairro da Industria, há uns 12 km de distância

da sua casa, manda vir buscar o papelão com um caminhão e depois ela tem que ir até o local da firma para ir buscar o dinheiro.

Trabalha recolhendo papelão há quase dois anos, antes vendia churrasquinho, mas diz que não dava muito dinheiro, até gostava, mas conta que aconteceu um pequeno conflito com a dona da casa em que vendia na frente. Não dando certo com o churrasco e precisando de dinheiro, decidiu trabalhar com o papelão e que essa era uma profissão justa como mesmo afirmou. Diz observar, neste tempo de trabalho, que houve um aumento do número de pessoas recolhendo papelão pelo centro e principalmente mulheres, pergunto o porquê da quantidade de mulheres nesse trabalho, “a mulher quer ficar mais independente né!”.

Conheci Vilma no primeiro dia de campo, ela vinha ao encontro de Giovana no final de tarde, também catadora, para assim descerem juntas até o Porto do Capim. Estar em duas é mais seguro. Fui entender, depois de algumas idas a campo, que Vilma é sua companheira e que elas moram juntas. Giovana me contou no dia em que eu estava comentando o quanto ela e sua prima (nível de parentesco que acreditava que existia entre Giovana e Vilma) se ajudavam, depois dela me contar que Vilma não viria porque estava pintando sua casa.

Vilma é figura presente no campo, no começo menos, quando Giovana ficava em frente à Igreja, pois só a via no final de tarde, mas depois de alguns dias que Giovana mudou para a frente da loja Marisa, Vilma passou a ir todo dia para lá, antes, ela circulava por outros lugares do centro, também recolhendo papelão, mas passou a ficar com Giovana e seu filho foi quem passou a fazer o percurso sozinho. Trabalhavam juntas, às vezes era uma que saía para pegar o papelão, as vezes a outra e era Vilma quem subia no carrinho para abaixar o volume de papelão, já que o filho 2 estava olhando as motos.

As duas sempre estavam muito sorridentes e brincando uma com a outra. Giovana mesmo sendo muito comunicativa não se compara a Vilma, que adora manganar¹ das pessoas que conhece na rua, eu era uma delas, só me chamava de “doida” ou “doidinha”, não sei exatamente porque, mas no primeiro dia que nos encontramos, entre risadas e brincadeiras, nos despedimos com ela dizendo isso pra mim, “tchau, doida” e assim ficou.

No final do dia, Giovana, Vilma e o filho 2 mudavam de lugar com o carrinho para uma rua de maior movimento, passando por pontos de ônibus lotados, ora desviando das pessoas e comerciantes de rua, ora pedindo licença para conseguir passar até a frente da loja Maia, para esperar as últimas remessas de papelão do dia, que vinham dessa mesma loja, quando

¹ Termo local para dizer quando a pessoa zomba de alguém.

tinha, porque vale lembrar que dependendo do dia o carrinho voltava mais ou menos cheio para casa, a depender dos estoques das lojas.

Já noite, ao esgotar todas as possibilidades de papelão, ela esperava seus filhos 3 e 4 e o filho de Vilma, às vezes vinha ao encontro a filha mais nova de Vilma também, que saía do Porto do Capim e encontrava com o irmão no caminho, mais cedo do dia. Atravessavam a rua e desciam todos juntos pelas ruas escuras do centro, já bem esvaziadas, trajeto que ainda fazem até a chegada da comunidade. No caminho, o medo está nos ônibus que passam como um furacão ao lado delas e dos carrinhos, que assim como elas tem de ir pelas ruas devido ao tamanho dos carrinhos e as pequenas calçadas. Eles balançam com a tamanha velocidade dos ônibus na descida da ladeira antes de chegar a comunidade.

Antes de finalizar a escrita deste estudo, em uma ida ao centro para resolver outras questões, encontro sem querer com Giovana, na verdade ela me encontra, eu andando bem desatenta escuto um “pissiiuu Sassá²”, quando olho lá está ela, com aquele saco enorme na mão, já com alguns papelões, sorriso no rosto e toda suada, o dia é de sol, daqueles que não conseguimos nem abrir os olhos.

Eu dou um abraço nela, pergunto como ela está e porque estava ali, já que onde estava catando papelão era em outra região do centro, perto da loja Marisa, me conta que mudou de novo, voltaram para o local anterior, porque seus filhos 3 e 4, “muito preguiçosos”, não estavam conseguindo recolher toda a quantidade de papelão despejados pelas lojas, dessa forma, ela teve que voltar, agora ela dividia o valor do papelão que pegava com os filhos 3 e 4. O outro ponto quem ficou cuidando foi Vilma, sozinha, porque o filho 2, que trabalhava como flanelinha naquela região, voltou com a mãe e passou a cuidar das motos ali por perto.

Flávia:

Quando era criança o programa da família era catar³ marisco na croa⁴, não fazem mais isso, também não passeia mais de barco e nunca mais se banhou no Rio. Seu avô, “Seu Pedro” foi um dos primeiros habitantes da região, antes, morava em uma das ilhas do Rio Sanhauá, com a família e vivia de vender peixes dos outros pescadores, Flávia conta que a avó,

² Apelido que tenho e assim me apresentei para todas as mulheres deste estudo.

³ Ato de pegar.

⁴ Banco de areia.

por parte de mãe, esposa de Seu Pedro, vivia afirmando que queria ter uma casa em terra firme. Desde então a família foi se formando no Porto do Capim.

Nasceu e cresceu na comunidade do Porto do Capim, só esteve fora dali durante 3 anos da sua vida, hoje, mora em uma casa depois da linha do trem, na Rua Frei Vital, um pouco mais a frente da ocupação do Curtume, onde mora Giovana. Flávia, com 22 anos é mais jovem que Giovana e sem filhos.

Cabelos *black* ou trançados, tem as palavra transição⁵ e empoderamento⁶ bem grudado ao seu corpo, conta que foi um processo de descobertas e de autoconhecimento até se aceitar enquanto mulher negra, com suas curvas, formatos e principalmente o cabelo, e que sair do relacionamento que tivera durante uns 3 anos, em que foi se anulando “espontaneamente” como afirma, a ajudou muito a ser mais “dona de si”.

Foi só após terminar seu casamento que conseguiu passar por um processo de transição do cabelo, antes quimicamente alisado para o cabelo cacheado, e conta como esse processo foi difícil porque na própria família tinham e ainda têm, pessoas que zombam de seu cabelo cacheado, armado, colorido ou trançado, mas que quando conseguiu transitar todo o seu cabelo, processo que fez junto a sua irmã gêmea, sua relação consigo se transformou e passou a se gostar muito mais, “eu sou a única negra assumida, blecão chegando no primeiro dia de aula”, conta toda orgulhosa.

Durante esses 3 anos de casamento, foi morar no Roger, bairro da cidade a uns 2,5 km do Porto do Capim. No contexto, conta que houve uma importância em sair da comunidade e como aquele lugar não estava fazendo bem a ela, dessa forma, a relação ruim acabou facilitando sua saída, por isso vê esse processo como algo positivo, mas afirma que se fosse hoje seria diferente, principalmente porque sua relação com o Porto do Capim é muito boa e sua atuação política na comunidade é bem significativa.

Quando morava no Roger não tinha amigas (os) no bairro e quase não saía de casa, não gostava e não se sentia à vontade, não gostava de estar na rua por conta do esposo, pois ele não queria que ela tivesse relação com o bairro, quando saía, era com ele, a não ser para ir trabalhar.

De uniforme, pegava o ônibus no Roger até o Terminal de Integração e de lá outro ônibus até Intermare, bairro pertencente a cidade de Cabedelo, cidade vizinha a João Pessoa,

⁵ Muitas mulheres negras passam por um processo de transição capilar na aceitação dos seus cabelos cacheados, que antes eram alisados.

⁶ “[...] estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política [...]” Berth, Joice. O que é empoderamento?

assim chegava a seu trabalho, depois de mais de meia hora e algumas cantadas que recebia no ônibus, “mesmo de uniforme”. No trabalho não era muito diferente, quando ia com alguma calça mais apertada recebia “elogios”, me conta fazendo várias aspas com os dedos da mão e como alguns homens faziam questão de dizer o quanto “essa calça ficou melhor” nela.

Em 6 meses morando no Roger já se sentia desconfortável e aos poucos voltou a frequentar o Porto do Capim, até que depois de 3 anos seu casamento terminou e voltou para morar na comunidade. Começou a participar das ações culturais e mais recentemente a fazer faculdade.

Todo final de tarde, de segunda a sexta, pegava ônibus na parada próximo ao Porto do Capim, saía de casa ainda claro, o que fazia do trajeto e da parada lugares mais tranquilos. Ia de ônibus até o Terminal de Integração, bem próximo a comunidade e de lá pegava outro ônibus direto para a Epitácio Pessoa, Avenida central da cidade. Estudava pedagogia na Faculdade Maurício de Nassau.

Quando saía já era tarde da noite, pegava outro ônibus para voltar ao Porto do Capim, que a deixava no mesmo ponto que pegava na ida a faculdade, nesse momento, tanto a parada de ônibus quanto o trajeto estavam escuros e vazios e para ela, perigoso. Seu padrasto todo dia a buscava no ponto de ônibus e a levava até em casa, como uma proteção ao que poderia lhe acontecer, estando só naqueles lugares.

Nesse período, todo dia pela manhã trabalhava na cantina da sua mãe, na rua Porto do Capim, chegava bem cedo, organizava, preparava e vendia o café da manhã, às 10:30, quando acabava a demanda de comida, começava a limpar tudo ao mesmo tempo que dava aulas de reforço para uma sobrinha e outra criança, entre uma batida e outra de banana que preparava para as duas.

Essa rotina de Flávia, a partir de 2018, foi sendo modificada, decidiu mudar de curso e estudar psicologia, diz que começou a se interessar por essa área principalmente devido um sobrinho seu, de 4 anos, não explicou muito bem porque, mas disse perceber algumas características nele que gostaria de entender melhor e acredita que a psicologia poderia lhe ajudar nisso.

Mudando seu curso, também mudou o horário das aulas, que passaram a ser pela manhã, dessa forma deixou de trabalhar na cantina da mãe. Flávia tem uma irmã gêmea, Fernanda, que também faz aulas pela manhã na mesma faculdade, ela tem moto, dessa forma pega carona todos os dias na ida e na volta da faculdade, o que a tirou daquela rotina do medo e da dependência do padrasto ao voltar tarde para casa.

No meio do primeiro semestre de 2018, Flavia e Fernanda foram chamadas para trabalhar no Projeto Federal de distribuição gratuita de antenas digitais, por conta principalmente da atuação política na comunidade. O kit digital é distribuído apenas para a população que já é contemplada com algum tipo de programas social do Governo Federal. O trabalho foi temporário, recebiam apenas um salário mínimo e viviam questionando os horários absurdos que eles queriam que elas cumprissem.

Assim, Flávia ia cedo para a faculdade, almoçava em casa e saía para algum ponto especificado na semana pelos seus superiores, ficava no local até as 18:00. O trabalho consistia em ficar em alguns pontos específicos da cidade cadastrando e agendando as pessoas que poderiam adquirir o kit digital, que seria retirado em alguma agência do correio depois. Os lugares, normalmente no centro da cidade ou nas comunidades, eram aqueles onde circulava muita gente, como no terminal de Integração de ônibus.

Mulheres, eram a maioria das pessoas que vinham em busca do kit, 95% foi o percentual que Flávia me deu afirmando como muitas vezes essas mulheres ficavam ainda um bom tempo conversando com ela e tirando dúvidas sobre outras questões da vida, os homens que apareciam falavam pouco.

A casa onde mora é uma extensão frontal da casa do seu irmão, que vive com a esposa e o filho, o sobrinho que citei acima. Ao longo do tempo de campo fui percebendo como a casa dela tomava forma e passava aos poucos a ter uma cara de casa. Antes, esse lugar era um quarto da casa, com uma abertura independente para fora, era um primo que morava lá, devido alguns contratempos acabou saindo. Vi chegar pia, fazer banheiro e subir um mezanino onde ela fez um quarto, assim na parte de baixo ainda tem um espaço para uma sala. Conta que a ideia é tornar aquele espaço o mais independente possível da casa do irmão.

O almoço diário é feito na casa desse irmão, a cunhada quem faz todos os dias, mãe, padrasto, irmãos e sobrinhos todos comem lá, panelas grandes e muita comida. Cada um chega na sua hora e vai pegando a comida da panela. A mãe tem uma lanchonete, o padrasto e o irmão trabalham nas madeireiras que existem em alguns pontos do Porto do Capim e a cunhada trabalha cuidando da casa e do filho.

Ao lado da sua casa, como uma continuação do cômodo, Flávia e Fernanda dividem o ateliê Ibeji⁷, onde trabalham com costura, maquiagens e principalmente trançados de cabelo, tudo foi construído por elas, “estamos fazendo as coisas aos poucos”, diz, tanto sobre sua casa

⁷ Orixá jeje-nagô dos gêmeos.

como sobre o ateliê. Entre uma semana e outra, apareciam prateleiras novas, paredes pintadas e espelhos dependurados, assim aos pouco o ateliê foi tomando forma.

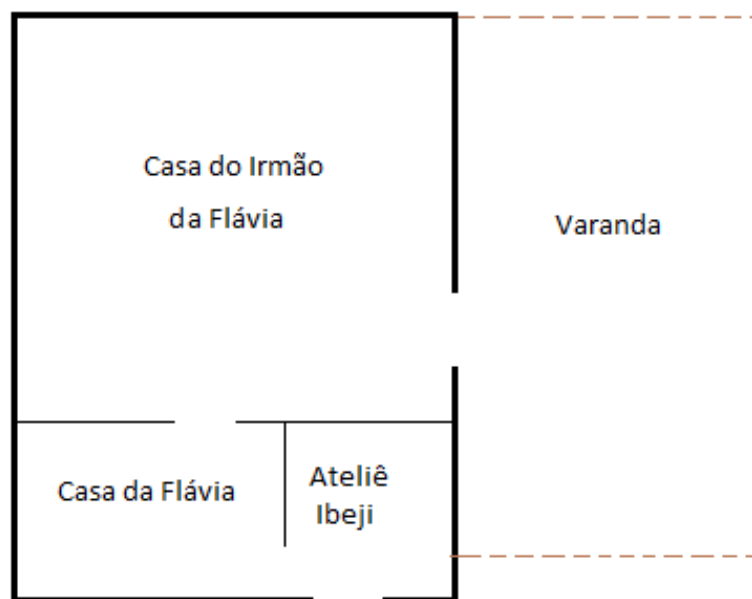


Figura 1. Imagem produzida por Sarayna Martins para demonstrar a distribuição da casa e do ateliê de Flávia.

As festividades juninas são momentos intensos para as duas gêmeas donas do ateliê Ibeji, não só porque são elas que produzem todas as roupas do Xote das Meninas, grupo de dança regional da comunidade, mas porque também são fundadoras e administradoras do grupo.

O Xote das Meninas já tem 6 anos e é um grupo de dança que luta pelo fortalecimento da cultura na e da comunidade, constituído apenas por mulheres, entre 6 a 24 anos. Todo ano fazem um espetáculo de dança novo, com encenações sobre questões locais e misturando diferentes ritmos regionais na dança. A estreia ocorre na festa junina da comunidade, organizada por elas e feita na rua, no largo em frente ao Ponto de Cultura, que fica cheia de bandeirinhas coloridas e balões de papel, tudo produzido pelas meninas integrantes do Xote e com a presença de algum trio de forró da própria comunidade.

No mês de junho Flávia corre contra o tempo. Para as roupas que tem que produzir para o Xote, ela e sua irmã compram tudo na região comercial do centro, vão muitas vezes para pesquisar preços até achar os lugares mais baratos, já que muitas crianças não conseguem contribuir financeiramente com as roupas novas, elas economizam o máximo possível e mesmo assim sempre reaproveitam todas as roupas dos espetáculos passados para que todas possam participar.

É comum elas incentivarem as integrantes mais velhas a irem com elas as compras, assim como no desenvolvimento dos modelos e das roupas em si, nesta fase, tanto as mais velhas quanto as mais novas ajudam no que podem para que suas roupas fiquem prontas para o dia da apresentação. Acreditam que isso faz com que as meninas se sintam mais pertencentes ao grupo e entendam melhor a importância desse espaço.

Além disso, é no período da noite que os ensaios são feitos, na rua, em frente ao Ponto de Cultura, em um largo que chamam de Praça do Quém Quém, a noite porque é o horário em que todas já saíram da escola ou voltaram do trabalho. Ensaiam até o final de junho, data da realização da festa.

Dali em diante, depois da estreia, são chamadas para vários outros eventos pela cidade, festas de colégios, eventos e encontros universitários, em Instituições de poder e praças de outras comunidades, dessa forma entendem que levam um pouco da cultura do Porto do Capim a outros lugares cidade.

O Ponto de Cultura é outro espaço de trabalho, tanto de Flávia quanto de Fernanda, são elas e mais uma outra colega, Helena, que organizam e coordenam o espaço, sem nenhuma ajuda financeira, nem por parte de editais ou de atividades que gerem renda, por isso constantemente tem dificuldades para pagar o aluguel, que muitas vezes é pago com o próprio dinheiro, na esperança de manter esse local tão importante para a comunidade. No Ponto de Cultura acontecem oficinas variadas e aulas de reforço, quando o tempo está chuvoso os ensaios do Xote também são feitos lá dentro.

Por isso, querendo encontrar Flávia, procure pelas ruas do bairro, conversando nas portas, calçadas, trabalhando ou participando das oficinas no Ponto de Cultura, costurando as roupas para Xote das Meninas em seu ateliê ou com as portas de casa aberta puxando assunto com as pessoas que passam pela rua, ela se faz sempre presente nesses espaços do Porto do Capim.

Fora dali, circula pelo centro da cidade, principalmente pelo comércio – como chama a região central com maior aglomerado de lojas – anda pelas ruas do centro com uma precisão tamanha, conhece cada pedaço e indica tudo com referências de lugares e lojas da localidade. Cresceu indo para o comércio, era ali o lugar em que adolescente, ia passear com suas amigas.

Helena:

Na casa mora ela, a mãe e o irmão de 9 anos. A mãe é empregada doméstica e sai bem cedo de casa para trabalhar. “Minha mãe não pode, trabalha o dia todo, não pode faltar”, me explica, sobre ela às vezes faltar a faculdade para ficar com o irmão, normalmente quando ele está doente. O irmão estuda pela tarde, dessa forma, Helena e a mãe tem que deixar o almoço já pronto, leva marmita todos os dias porque o almoço do trabalho a faz mal. O irmão fica na rua brincando até a hora de almoçar, depois vai para escola, o transporte passa na casa e o leva todos os dias a escola, na volta, a mesma coisa

Com seus cabelos longos, lisos e vermelhos, trançados, soltos ou amarrados, uma mochila nas costas, a maioria das vezes de calça e camiseta e as vezes de vestido longo – o trabalho exige que não use nenhum tipo de roupa acima do joelho – Helena, 22 anos, pega um ônibus na parada mais próxima do Porto do Capim, uns 5 minutos a pé de sua casa, o ônibus entra no terminal de Integração, ela desce e pega outro, até a Avenida Eptácio Pessoa, chegando na Maurício de Nassau. É sua primeira parada do dia, a mesma faculdade em que estudam Flávia e Fernanda.

Ela estuda serviço social e sua aula começa às 07:00 da manhã e termina às 12:00, na saída vai direto ao ponto de ônibus do outro lado da avenida, nesse momento está com suas amigas, que também utilizam o transporte público, mas nenhuma pega o mesmo ônibus, “1510 Circular UFPB – UNIPÊ”, vai sozinha até o trabalho.

Há mais de 3 anos trabalha na AEC, “uma das maiores e mais respeitadas empresas do Brasil em outsourcing nas áreas de *Contact Center*, Consultoria, *Software* e Gestão em Saúde. [...] oferece a mais completa série de serviços para empresas de todos os tamanhos alcançarem melhores resultados em suas respectivas áreas de atuação.”⁸.

Helena trabalha para uma empresa que vende serviços de internet e televisão, na sessão de e-mails, onde passa a tarde sentada de frente para a tela de um computador respondendo às dúvidas referentes aos serviços prestados pela respectiva empresa. Entra as 13:00, mas dá tempo de chegar um pouco antes e ir até o refeitório almoçar, seu expediente é até as 19:30, com direito a uma pausa de 15 minutos, que não era para ser na hora que ela quisesse, mas como é ela quem sabe quando precisa parar ou não, diz que escolhe a hora que for melhor para ela.

⁸ <https://www.aec.com.br/Site/AeC/19/sobre-a-aec>

Alguns meses antes trabalhava no telefone, como atendente, também respondendo a dúvidas sobre serviços. Nesse tempo suas folgas eram a cada 15 dias. Hoje tem folga uma vez na semana, não sendo sempre no mesmo dia, variando a depender da escala de trabalho que é fornecida de tempos em tempos pelos superiores. Prefere sua folga aos domingos.

Na saída do trabalho, também em companhia de amigas (os), anda até o ponto de ônibus, já com as ruas escuras da noite, pouca iluminação dos postes e bem mais vazia que na hora que ela chega para trabalhar. Sente que estar com as/os amigas/os é um alívio. Para facilitar a vida, tem um aplicativo no telefone que diz os horários dos respectivos ônibus, mas já sabe de cor os horários que os seus ônibus passam, quando sai mais tarde do trabalho, porque fez hora extra ou porque chegou atrasada, sabe que o ônibus que vai pegar não é o mesmo de sempre e acaba esperando mais tempo no ponto, o que não lhe agrada.

Normalmente, saindo na hora correta, Helena consegue chegar em casa as 20:30, cuja rotina ainda não acaba. Eu “tô pagando academia”, diz, quando se refere a academia que ela acredita mais pagar do que ir. Quando vai, um amigo a pega e a deixa de moto em casa, ele é morador do Porto do Capim e também malha na mesma academia, em Bayeux, um pouco mais de 8,5 km de distância, nesses dias, chega em casa só às 22:30.

Sua rotina muda quando chega as festividades juninas, neste período sai do trabalho e vai direto para os ensaios, nas terças, sábados e domingo. Para ela “é a melhor época a junina, eu amo, amo, amo”, fala enquanto escuta-se algum forró tocando nas ruas do centro por onde o ônibus em que Helena e eu estávamos. Participa do Xote das Meninas, que coordena junto com Flávia e Fernanda, tanto na organização quanto na dança e da Quadrilha do Lageiro Seco⁹, que chama de “minha quadrilha”, “lá [Xote das Meninas] também né, mas é porque aqui é o concurso, aí o público é bem [grande], ai dá um negócio”.

Seu pai mora no Roger, já foi pedreiro e tocador de quadrilha, hoje ele é mestre de obras, “meu pai sofreu muito também”. Por muito tempo foi brigada com o pai, devido uma traição a sua mãe, “no começo ele me negou” para a namorada, disse que não tinha filhos, isso magoou bastante Helena, mas aos poucos eles voltaram a se aproximar, quando ele começou a chamá-la e a incentivá-la a dançar na quadrilha do Roger. “Num tem aquele que pega pelo bucho, ele me pegou pela quadrilha.”.

Helena vai participar da encenação que acontece antes da quadrilha, “vou ser uma mulher resistente que vive da pesca e lavando roupa” e emenda, “porque a minha avó ela lavava

⁹ Associação Cultural Junina Lageiro Seco.

https://www.facebook.com/pg/lageirojppb/about/?ref=page_internal

roupa.”. Existe uma importância da temática da quadrilha esse ano para Helena, que só tinha participando antes em 2012, “lá [na quadrilha] tem os profissionais do teatro, mas não tem a vivência que eu tenho”.

A avó por parte de mãe de Helena foi lavadeira de roupa a vida inteira, era com o dinheiro que ganhava que cuidava e sustentava os 16 filhos. Moravam com o marido, pescador, em uma ilha do Rio Sanhuá, ele que tinha o “poder do dinheiro”, mas não dividia entre ninguém, era muito “raparigueiro”. Quando criança perguntava a Helena se ela queria refrigerante, quando ela respondia sim, comprava, bebia quase tudo e deixava apenas um golinho para ela.

As mulheres da família, todas empregadas domésticas, foram as primeiras que saíram de casa. Hoje a família praticamente toda – por parte da avó de Helena – mora no Porto do Capim, todos no mesmo beco¹⁰, entrando ao lado direito do Ponto de Cultura. Helena nasceu e cresceu no Porto do Capim e é a primeira pessoa a se formar na família. Mesmo sendo caro, faz questão de participar da festa de final do curso, quer ver a mãe lá ao seu lado.

1.2. A COMUNIDADE DO PORTO DO CAPIM

A comunidade onde moram essas mulheres descritas acima, chama-se Porto do Capim, localizada na parte central da cidade, pertence ao Bairro Varadouro e constitui-se de quatro ruas, Frei Vital, Visconde de Inhaúma, Porto do Capim e Vila Nassau, como pode ser vista no mapa abaixo:

¹⁰ Rua estreita, no caso, cheia de residências e sem nome próprio.

Final da tarde na comunidade é sinônimo de gente na rua, crianças de uniformes voltando das escolas e muitas em grupos andam brincando por onde passam; enquanto as cadeiras aos poucos vão sendo postas nas calçadas, outras não precisam nem ser colocadas, vivem na rua na porta de alguma casa ou de baixo das sombras das árvores e assim podem ser sentadas a qualquer hora do dia para observar, conversar ou cochilar. Muitos adolescentes se juntam na porta do Ponto de Cultura porque é o lugar onde a internet funciona melhor e nas pequenas lanchonetes entram e saem compradores que buscam salgados, pipocas, refrigerantes e logo mais a janta; cuscuz com ovo, sopa, tapioca, lanches, sucos e café com leite.

Mais tarde os cantos das Igrejas começam e a rua permanece em fluxo, de fiéis com bíblias na mão e muitas outras pessoas, escutando música, mexendo em seus celulares, andando em motos; meninas que riem ao passarem na frente da Praça do Quém Quém para os rapazes que lá sentam e vice-versa. Muitas crianças, as mais velhas cuidam das mais novas e um grupo de meninos pequenos jogam bola de gude no chão de areia, com os pés descalços e sem camisa.

Aos poucos vão chegando os trabalhadores que voltam para casa e param no meio do caminho para conversar, a rua vai se enchendo cada vez mais.

Na rua Porto do Capim, ao lado do Ponto de Cultura, existe um pé de Castanhola enorme, que dá uma ótima sombra na hora da tarde. Esse espaço, ora com bancos de cimento, e agora, após uma intervenção feita em novembro de 2016, com bancos de madeira de baixo da árvore. A praça leva o nome de Praça do Quém Quém, “e faz tempo que é esse nome”

[...] surgiu, tava tendo uma bebedeira, de uma barca, de um jogo, que antigamente aqui tinha um time e sempre saia, sempre tinha campeonato desse time aqui e fora. Daí eles, após o jogo eles tavam bebendo nesse espaço de conversação, que hoje tem os bancos mais aconchegantes, antigamente era só o pé de gamelera né, de castanhola que se diga, daí de repente eles escutam uma barulho passando, que era um pato, assim dizem eles, que era um pato, que passou e fez quém quém, daí eles saíram caçando o pato dentro do mangue, dentro da maré e não conseguiram mais pegar o pato, daí o espaço, o ambiente, ficou conhecido como Praça do Quém Quém, aí até hoje esse nome existe, já foram pintado muros, com o nome, umas duas ou foi três vezes. Só que hoje não tem mais esse muro com o nome, devido as ocupações que hoje reside naquele espaço e precisaram abrir portões e portas naquele espaço. (Fala de Flávia Holanda, moradora do Porto do Capim).

Gatos, cachorros, mas principalmente gatos, aos montes pelas ruas, uns são cuidados pelos moradores, outros abandonados, mas ambos roem os ossos e comem os restos de comidas que são deixados nos sacos de lixo pela rua.

Carro da polícia passa, gera certo desconforto – parece que nesse momento está todo mundo em alerta – naqueles que ficam parados na Praça do Quém Quém, naqueles que andam de moto, nos moradores da comunidade. “Não sei se é melhor ou pior com eles”, afirma Helena, quando acaba de me contar sobre uma briga de facção¹¹ que acontecera poucos dias antes, na semana anterior, e que tinha acabado na morte de um garoto, ali, em frente a mesma praça que descrevi acima, afirmando que para os policiais todo mundo ali é bandido, ainda mais depois do que tinha acontecido. Neste dia, uma faixa preta com o nome do garoto morto e a palavra luto se via dependurado na parede, ao lado dos bancos de baixo da árvore da praça do Quém Quém.

De um lado da comunidade, em uma das margens, encontra-se o Rio Sanhauá, do outro a linha do trem, que segue por todo o Porto do Capim, criando dessa forma, uma fronteira bem nítida de onde é ou não a comunidade. O trem passa de segunda a sábado a cada uma hora,

¹¹ Na cidade de João Pessoa existem duas facções criminosas que vivem em constante conflito, também por questões territoriais, a “Okaida” e a “Estados Unidos”. Na comunidade do Porto do Capim a chegada desses grupos é bem recente, pelo que descobri por falas de moradores, esses grupos chegaram na comunidade em 2015 devido ao processo de venda de algumas casas do Curtume para pessoas de fora da comunidade.

entre as 04:30 e 19:40, sempre avisado pela buzina do trem e por um guarda da estação que fica na frente da passagem para a comunidade com um apito de som bem alto na boca.

Flávia, que tem sua casa na beira da linha do trem diz que os moradores estão tão acostumados que as vezes fica com medo de algum ser pego pelo trem, sempre quando ele passa, ela observa se não tem ninguém ou nenhuma moto ali parada, “e o trem ainda buzina!”, diz ela, quando me diz que as pessoas param para conversar no meio dos trilhos e esquecem do trem.



Figura 3. Linha de Trem na passagem que dá acesso a comunidade do Porto do Capim e que denominei de a frente da comunidade. Foto: Sarayna Martins Mendes

Existe um largo após a linha de trem, que denominei de “a frente da comunidade”, porque é o espaço mais amplo de acesso ao Porto do Capim, por onde a maioria dos moradores e carros entram, é constituída principalmente por comércio, de madeireiras, reciclagem e mecânicas.

Virando na rua a direita após a linha do trem – rua Visconde de Inhaúma – vemos basicamente grandes galpões de madeireiras e dois bares, frequentados basicamente pelos trabalhadores das madeireiras. Os outros espaços da comunidade são praticamente todo residencial, com exceção dos pequenos comércios locais – cabelereiros, lanchonetes, restaurantes, pizzarias, mercadinhos, venda de dindim¹² ou de marmita – sempre conjugados a casa.

A rua Visconde de Inhaúma quase não faz parte da comunidade, a não ser pelo espaço físico, não se vê o mesmo fluxo a noite de moradores, o fluxo de pessoas acontece no período da manhã e tarde, pelos trabalhadores, donos e compradores. Os donos dos galpões não são moradores do Porto do Capim e mesmo os trabalhadores, poucos os que são da região e apenas uma única mulher da comunidade trabalha em uma das madeireiras. Dessa forma, ao anoitecer e com as empresas fechadas, a rua se esvazia completamente.

Existe um forte rancor com os donos das madeireiras, principalmente por parte dos movimentos culturais da região, eles nunca ajudam nas atividades, mesmo quando, tanto o Xote das Meninas, quanto o Ponto de Cultura fazem pedidos de contribuições financeiras para seus eventos, diferente do comércio existente na parte mais residencial, que são dos próprios moradores e estão sempre presentes e contribuindo como podem.

As madeireiras tiveram um crescimento enorme em relação a ocupação dos espaços da região. De 5 anos para cá, o caminho que se faz, descendo a ladeira da rua Padre Antônio Pereira até chegar na parte mais residencial da comunidade, que antes era de galpões abandonados, foram aos poucos sendo ocupados por essas empresas. Uma delas, a maior, começou a comprar casas de moradores e expandir para as outras áreas da comunidade, por exemplo a rua Porto do Capim, exatamente onde existe maior circulação das crianças, pois é bem perto da única escola da comunidade.

Como utilizam grandes caminhões para transportar seus produtos, trazendo um fluxo muito maior desses grandes automóveis para rua, parte dos moradores acreditam que isso tornou-se um perigo para as crianças, que passam por ali todos os dias e brincam na rua.

Pela manhã e tarde a movimentação das madeireiras e das empresas de reciclagem é enorme, tanto no largo após a linha de trem, quanto na rua Visconde de Inhaúma, muitos caminhões entrando e saindo, recheados de madeiras e muitos carros de clientes, as empresas de reciclagem tem seus funcionários organizando todo o material e as mecânicas funcionando com os carros para serem consertados.

¹² Também conhecido como geladinho.

O rio ainda é utilizado pelas crianças que se banham e brincam as margens dele, em menor quantidade, devido o esgoto que é jogado diariamente, não só pela comunidade – por falta de saneamento básico – mas também por outras grandes empresas ao redor da região, deixando o rio cada vez mais poluído.

Na comunidade quase não há mais pescadores, os barcos atracados já não são mais dos moradores e esses querendo utilizá-los, tem que alugar. Alguns trabalham nas madeireiras, outros nos pequenos comércios locais e muitos outros fora do Porto do Capim; trabalhadoras domésticas (os), catadoras de material reciclável, pedreiros, telemarketings, costureiras (os), funcionários públicos, secretarias, além dos estudantes e aposentados.

Quando começa a escurecer, lá pelas 17:30, os maruins aparecem, são pequenos mosquitos do mangue, surgem em maior quantidade quando a maré está alta. Esta mesma maré que quando está cheia, transborda e invade as casas mais próximas do rio, casas simples, a maioria feita pelos próprios moradores entre os horários de trabalho e seu momento de descanso, característica comum das residências em toda região do Porto do Capim.

A região do Porto do Capim levou esse nome devido a quantidade de capim existente na área. Em suas margens encontra-se o Rio Sanhauá, um braço do Rio Paraíba, o que possibilitou para os colonos a entrada marítima à região, que hoje chamamos de João Pessoa, assim como a construção de pequenos Portos, já pós dominação, viabilizando a entrada de produtos e o desenvolvimento do comércio. Dessa forma, a região do Porto do Capim, pode ser considerada o marco inicial da formação da cidade de João Pessoa, já que foi lá onde os primeiros forasteiros conseguiram atracar suas embarcações.

Na época, o Porto do Capim tornou-se lugar fundamental para a circulação de mercadorias, principalmente devido os pequenos Portos existentes no local, também existiam os armazéns para guardar os produtos – os galpões que hoje são das madeireiras e outros tantos ainda abandonados – e como de comum a todas regiões portuárias, o comércio se tornou muito presente, atraindo grande fluxo de pessoas.

O Porto, tendo sido transferido para Cabedelo, cidade vizinha, em 1835, fez com que grande parte da população que vivia do comércio existente na região se deslocasse. O processo de transferência, tanto do Porto, quanto das pessoas, em consequência com o deslocamento do Porto, fez com que o Varadouro e o Porto do Capim entrassem “em franca decadência econômica” (ARAÚJO, 2006, p. 93).

No primeiro momento houve uma grande saída de moradores e comerciantes da região (ARAÚJO, 2002). Apenas na década de 1950, iniciou-se um processo de reocupação, de forma desordenada, caracterizada pela vinda de inúmeras famílias de baixa renda, muitas delas

de pescadores, há habitar à região do antigo Porto (ARAÚJO, 2006, p. 94). Essas famílias foram aos poucos se apropriando desse espaço, até então abandonado após a transferência do Porto, construindo suas residências em áreas de manancial, o que faz com que até hoje essa população sofra com os alagamentos devido as altas da maré.

Concomitante a esse processo, a partir da segunda metade do século XX, a cidade inicia uma expansão, principalmente do comércio, para a chamada cidade alta, antes caracterizada pelas construções religiosas e prédios públicos. Outro processo de expansão relevante neste momento, foi o crescimento da cidade para outras regiões, ainda pouco ou quase nada explorado desde então, como a região sul, oeste e principalmente o leste, em busca do litoral. Os imóveis da parte central da cidade foram desvalorizados e a região foi deixando de ter investimentos que garantissem sua manutenção, característica que até hoje podemos perceber ao transitar pelo centro da cidade, com seus casarões abandonados e tomados pelo mato.

Houve diminuição de investimentos público no centro, mas não dos grandes fluxos. Muitas pessoas ainda circulam pelo centro, em busca principalmente do comércio, devido as variedades de produtos – vemos lojas de roupa, tecidos, tênis, bijuterias, óticas, eletrônicos, instrumentos musicais, discos e vinis, panelas, móveis, perfumarias, bicicletas, peças de carro e tantas outras – assim como na busca de preços mais baixos, a depender da loja, também encontramos muito comércio informal, com brinquedos, roupas, óculos, bolsas, chapéus, água de coco e muitos deles vendendo frutas, tapioca, churrasquinho e sorvetes.

Na região central também é possível encontrar bancos e shopping, escritórios de advocacia, dentistas e oculistas, muitas praças e as inúmeras construções antigas – Igrejas, o Teatro Santa Rosa, o Correio, a Casa da Pólvora¹³ e os vários casarões abandonados, como já descrito. E como todo centro também há um Mercado, com muitas frutas, legumes, grãos, galinhas, ovos e queijo fresco, além do comércio em torno; lojas de animais, de agricultura, mercados, restaurantes, docerias, floricultura, produtos de candomblé, lojas de embalagens de plástico, lojas de cerâmicas e lojas “Tudo por 3 reais”.

O Centro também é palco de manifestações, tanto políticas quanto culturais, ou aquelas que aliam esses dois pontos, feitas em três lugares principalmente: o Lyceu Paraibano, escola fundada em 1986, o Parque Solón de Lucena, fundado em 1922, mas recém reformado e o Ponto do Cem Reis, praça historicamente palco de diversas manifestações e shows.

¹³ Local em que, no período da colonização, guardavam a pólvora, localizada na região alta do centro, servindo também de fortificação para a observação.

De dia muito movimento do comércio, mas com a noite chegando os comércios vão fechando, os pontos de ônibus ficam lotados de trabalhadores e o trânsito cada vez mais lento. Os postes ascendem as luzes e aos pouco o clima do centro vai se modificando em relação ao período da manhã e da tarde, com a presença de outras pessoas e de algumas que ainda permanecem ali, como os moradores de rua, ou da vizinhança, vigias, prostitutas e frequentadores dos bares. Existem também no centro casas de show, karaokês e bares que funcionam no período da noite, mas muitos deles só em finais de semana. No final do expediente de sexta as barracas de churrasco se enchem de gente, sentadas ou em pé, escutam se muitas conversas, cervejas na mão e música alta.

Próximo ao Porto do Capim, além da Estação de Trem, pertencente a Companhia Brasileira de Trens Urbanos, CBTU, também está localizado o Terminal Rodoviário Severino Camelo, onde chegam e saem pessoas todos os dias e o Terminal de Integração do Varadouro, que liga grande parte do transporte público da cidade

Existe, no entorno do Terminal de Integração, uma quantidade muito grande de vendedores ambulantes, dos mesmos produtos citados acima, que se repetem ao longo do centro, além de vendedores cds, em grande quantidade, com seus respectivos sons, todos em volume bem alto passam pela lateral do terminal tocando música evangélica, forró, funk e rap – são as mais tocadas, nessa mesma ordem.

Perto do Porto do Capim, subindo a ladeira da rua Padre Antônio Pereira, em oposição a linha do trem que dá para as madeireiras, descrita acima, existe um grande largo, onde encontra-se o Hotel Globo, construído em 1929, hoje, em processo de reconstrução e a Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, onde o Xote das Meninas já fizeram algumas apresentações. Caminhando por esse largo, margeando a Igreja, logo dá-se de cara com a Praça Antenor Navarro, local onde se encontram a maioria dos bares e casas de show que citei, além de muitos vendedores ambulantes que ali vendem basicamente bebidas alcoólicas e comidas.

Um fator importante é pensar a comunidade no mesmo contexto de despreocupação por parte do poder público e o quanto sofreu, assim como o resto do centro histórico de João Pessoa, em relação a falta de infraestrutura, e ainda pior, por ser um espaço residencial e demandar alguns cuidados específicos em relação a moradia e qualidade de vida.

Até o momento desta pesquisa, a comunidade do Porto do Capim, com uma totalidade populacional em torno de 500 famílias¹⁴, não tem saneamento básico nem Posto de

¹⁴ Dado contido na apresentação do projeto de extensão da UFPB, “Abrace o Porto do Capim”, de 2015. <file:///C:/Users/Acer/Downloads/MANIFESTO%20PORTO%20DO%20CAPIM%20EM%20ACAO.pdf>

Saúde, há apenas a Escola Estadual Padre João Felix de Ensino Fundamental I, as ruas não são asfaltadas e na ocupação do Curtume os moradores não tem fornecimento nem de água nem de energia.

É nesse contexto de abandono da região do Porto do Capim que em 1997 surge o “Projeto de Revitalização do Varadouro e Antigo Porto do Capim”, elaborado pela Comissão Permanente para o Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa (CPDCHJP)¹⁵, com o objetivo de promover o “desenvolvimento” da área. É apenas neste momento que o poder público olha para essa região abandonada, quando percebe todo seu possível potencial turístico e valor econômico

O interesse pautava-se na argumentação da necessidade da aproximação entre a cidade e o rio, de um ponto de vista que colocava a população local como impossibilitadores dessa relação. Além de que desconsiderava toda um relação já existente entre moradores locais e não locais ao rio, “devolver o rio à cidade significa reconhecer que ali está a não-cidade e, por consequência, habitada por não-cidadãos, ou seja, a cidade é constituída apenas pelo seu aspecto formal.” (ALMEIDA, 2016, p. 40).

Para ocorrer, o projeto de Revitalização da área, previa:

[...] entre outras intervenções, a retirada dos moradores das regiões do Porto do Capim e Vila Nassau e sua posterior realocação para área que passa por várias redefinições ao longo do tempo. A remoção das casas, estabelecimentos comerciais, escolas e igreja é necessária para a construção de uma grande área de eventos. O projeto prevê também restauração dos antigos casarões e desenvolvimentos de turismo náutico. Todas as ações são pautadas num discurso de interesse público, dignidade habitacional, preservação ambiental e resgate do ‘vínculo entre rio e cidade’ (GOLÇALVES, 2014, p.18).

Desde logo vê-se um problema na utilização do termo “revitalização” no título do projeto, ao qual, seu próprio significado desconsidera toda existência vivida pelos moradores da comunidade, já que este termo, por si só, defende a ideia de uma devolução da vida ao local.

A cidade de João Pessoa com esse projeto entra para o que foi, na década de 1990, de uma estratégia indicativa para as cidades no cenário mundial, “cresce a participação dos governos estaduais, das administrações municipais e da iniciativa privada de revitalização por todo país” (GOLÇALVES, 2014, p.34), adotando procedimentos de marketing na tentativa de acessar o mercado turístico mundial.

¹⁵ Essa Comissão foi fundada em 1987, através do Convênio e Cooperação Internacional entre Brasil e Espanha, inserindo a cidade de João Pessoa no Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Iberoamérica, tendo, as ações da Comissão financiadas pela Agencia Espanhola de Cooperação Internacional (AEACI).

O projeto acima não é desenvolvido na prática, devido à falta de financiamento e mudanças nas gestões, mas coloca pela primeira vez, os moradores da comunidade em alerta e com medo da possibilidade de serem retirados de suas casas, devido um projeto de revitalização nos moldes da chamada gentrificação, que afirma gerar na área recuperada um retorno da prosperidade econômica, não para os moradores da região.

A gentrificação normalmente é caracterizada pela ocupação de espaços antes abandonados e visto como impróprios para uso, mas que tem um grande potencial turístico, comercial ou imobiliário. Para isso, muitas vezes, utilizam de argumentos como a violência local para redefinirem toda a noção de valor cultural (LEITE, 2002). Normalmente as antigas áreas residências se tornam comércio passando a ter investimentos privados, muitas vezes em parceria com o poder público e interessados exclusivamente nos usuários da classe média e alta.

Feito normalmente na parceria entre o poder público e o privado, no interesse em valorizar o espaço, acabam criando soluções mais excludentes e sem a participação da comunidade (JUNIOR, 1995). Para isso, é comum, expulsarem a população local, transformando a condição social do espaço, possibilitando apenas a chegada de uma clientela com maior poder aquisitivo.

Em 2010, esse primeiro “Projeto de Revitalização do Porto do Capim” é revisto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mesmo instituto que contribuiu para o desenvolvimento do primeiro projeto para o Porto do Capim, mas com pouquíssimas mudanças, tendo as mesmas diretrizes e metas para nortear a revitalização a ser feita. Nesse “novo” formato, a população do Porto do Capim continuava sendo um problema para o desenvolvimento da região e a aplicação do projeto, com o mesmo argumento de devolver o rio a cidade. Outra questão utilizada para justificar o projeto refere-se a questão da poluição do Rio Sanhauá, neste caso, culpando os moradores de poluir o rio e destruir a vegetação em sua margem.¹⁶

A mudança percebida neste segundo projeto está na questão da realocação, neste, entenderam a importância de manterem esses moradores próximos a região onde vivem, mas o local, ainda não haviam decidido.

¹⁶ Esse argumento cai e fica fácil perceber essa errata quando, pronto o projeto de TCC, em Geografia, de Akene Shionara Cardoso da Silva, “Análise das transformações na paisagem do Porto do Capim ao longo do século XX e início do século XXI: uma proposta metodológica para o uso de imagens”, mostra, através de uma série de imagens, como a ocupação do Porto do Capim por famílias, antes desprovidas de moradia, pós transferência do Porto para Cabedelo, fez com que a vegetação nativa retornassem as margens do Rio Sanhauá. Lembremos também que a região sofre com a falta de saneamento básico, dessa forma, não seria “culpa” da comunidade a poluição o rio e sim da falta de estrutura básica para este local.

No segundo semestre de 2013, a cidade de João Pessoa é contemplada pelo Programa de Aceleração do Crescimento – PAC - que visa estimular o crescimento da economia brasileira através do investimento em obras de infraestrutura, contando com o financiado do Governo Federal em contrapartida com o Governo Municipal.

O “PAC Rio Sanhauá”, teria a ajuda financeira no valor de R\$25.940.276,81, e segundo o site da Secretaria do Patrimônio da União (SPU) “Quatro comunidades - Alto do Mateus, Porto do Capim, Comunidade do "S" e Ilha do Bispo - que totalizam cerca de 30 mil pessoas segundo o IBGE, serão beneficiadas com obras de saneamento básico, pavimentação, construção de moradias, praças, ciclovias e quadras de esporte, além de recuperação ambiental.”¹⁷

Junto ao projeto descrito acima outro PAC influencia a relocação de população do Porto do Capim. O “PAC das Cidades Históricas”, que dentre outros objetivos referentes à revitalização da parte alta do Centro Histórico da cidade é também responsável pela “Requalificação integral da área do Antigo Porto do Capim para implantação de um complexo cultural [...]” (PAC2, Cidades Históricas – IPHAN.).

Deste processo de aprovação e questionamentos do projeto de revitalização, dois movimentos surgem e se tornam fundamentais para a luta pela permanência da população naquele local. Primeiramente, a questão do IPHAN e da produção de um projeto alternativo àquela Instituição que ignorava toda uma cultura e vivência dos moradores da comunidade. Existia no IPHAN um grupo que questionava as características e objetivos do projeto desenvolvido na década de 1990, dessa forma produziram um dossiê, através do “Grupo de Trabalho Porto do Capim e Vila Nassau”, com propostas alternativas, a começar pelo nome, “Proposta de Requalificação das Áreas Urbanas do Porto do Capim e Vila Nassau”, deixando a revitalização para trás.

Muito do trabalho desse grupo se deteve a mostrar que os moradores não queriam sair daquela região, discurso contrário aqueles que defendiam o primeiro projeto, na ocasião afirmavam escutar que os moradores não estavam lá porque queriam e sim porque foram jogados ali, demonstrando um interesse da população do Porto do Capim em sair do local.

¹⁷ <http://patrimoniode todos.gov.br/gerencias-regionais/spu-pb/projetos-e-acoes/pac-na-paraiba> Acessado em 2016

O que o GT realizado para a produção de uma proposta alternativa mostrou foi justamente o contrário e a fala de uma das moradoras da região apresentada no trabalho de Helena Tavares Gonçalves, demonstra exatamente essa vontade de permanência.

Faz 52 anos que moro aqui. E eu não quero sair de jeito nenhum, aqui é muito bom, é perto da feira, é perto de mercado central, perto do comércio. É em cima do comércio! Não tenho vontade de sair daqui de jeito nenhum. Eu tenho bisneto aqui! Ave Maria, eu não quero sair daqui de jeito nenhum! Não quero não (GOLÇALVES, 2014, p. 104).

O segundo ponto é sobre o movimento que nasceu no meio desse processo de construção de projetos, a Comissão do Porto do Capim. Através de um projeto com as crianças do Porto do Capim, o “Subindo a Ladeira”, desenvolvido pela Fundação Cia. Da Terra, perceberam nos discursos das crianças uma série de dúvidas que as atormentavam referentes a remoção das moradias e suas possibilidades de futuro (GONÇALVES, 2014, p. 111). Foi nesse momento, percebendo uma necessidade de respostas e de maior compreensão do que estava para acontecer no Porto do Capim que a Fundação decidiu reunir-se com os moradores, que buscavam maior diálogo com o poder público.

A partir de então as reuniões passaram a ser feitas semanalmente, surgindo daí um grupo articulado, de moradores, educadores, alunos da UFPB e quem se interessasse pelo movimento, a Comissão do Porto do Capim passou a “despertar o empoderamento político dos moradores, mostrando possíveis formas de mobilização social” (GONÇALVES, 2014, p. 111).

Esse grupo foi fundamental ao fomentar discussões e articulações de luta pela permanência da comunidade, já que desde a formulação do primeiro projeto, os moradores não tinham tido nenhum contato com ele e nem com nenhum representante dos órgãos responsáveis. Foi devido essas reuniões e com o tempo, mais articulados e organizados, que a comunidade passou a compreender o projeto e as formas possíveis de se mobilizar diante desse processo.

Um dos grandes problemas que a Comissão enfrentou foi, por muitos momentos, a falta de quórum nas reuniões, primeiramente porque muitos duvidavam que esse projeto iria realmente acontecer, já que desde 1997 escutavam sobre uma possível retirada dos moradores e já em 2010, com a organização da Comissão, nada ainda tinha acontecido, dessa forma, a descrença na efetividade da realização do projeto de revitalização acabava por desarticular o movimento.

Outro fator relevante foi a ausência dos homens nas reuniões, era nítido nos encontros organizados pela Comissão a falta dos homens no movimento, quando vinha algum,

pois era comum em muitas e muitas reuniões não se vê nenhuma figura masculina e por vezes, quando algum homem lá estava, era de fora da comunidade.

Esse fato gerou em mim uma série de questionamentos sobre os motivos dessa ausência masculina, fato que muitas vezes era respondido pelas próprias mulheres na reunião, ao perguntar sobre seus respectivos companheiros, a afirmação da falta deles devido o cansaço do trabalho. Lembrando aqui, muitas dessas mulheres tinham jornada dupla de trabalho e ainda se faziam presentes nos encontros da Comissão.

Dessa forma a Comissão passou espontaneamente a ter dez mulheres na liderança, aos quais estavam sempre presente nas organizações dos eventos¹⁸ que a Comissão do Porto do Capim passou a realizar, assim como dos encontros e mediações entre o poder público e a comunidade.

Em 2014, a Comissão do Porto do Capim achou necessário tornar-se um organização legal, com o “objetivo de defender direitos e realizar conquistas em prol da comunidade”¹⁹ e como a frequência nas reuniões e articulações eram sempre feitas pelas mulheres, o nome foi transferido para Associação de Mulheres da Comunidade do Porto do Capim (AMCPC), recolocando e fortalecendo o papel das mulheres à frente dessa luta.

Ao questionar uma das líderes da Associação, em 2017, se esse nome não acabou por fortalecer ainda mais o distanciamento e a não participação masculina na luta, ela me respondeu que naquele momento era importante essa autoafirmação, já que eram elas mesmas que “faziam tudo” e que ainda hoje é quase nula a participação masculina nas atividades organizadas na comunidade.

Foi desses questionamentos, sobre a força dessas mulheres, articuladas, organizadas e vivendo da dupla jornada de trabalho que surgiu este estudo, busco refletir para além desses pontos mas apontando para a mesma questão da resistência feminina, que também está presente no corpo dessas mulheres que vivem e vivenciam a cidade de João Pessoa.

Por isso, para problematizar a questão das mulheres na cidade, em suas andanças e trajetos feitos no dia a dia, objetivo deste trabalho, achei necessário fazer uma discussão referente a cidade e os diferentes olhares sobre ela, fazendo entender as especificidades da cidade de João Pessoa, assim como refletir um pouco sobre o olhar da população aos moradores do Porto do Capim e como esses últimos se relacionam entre si.

¹⁸ A Comissão do Porto do Capim tinha uma enorme preocupação na organização de eventos locais, tendo como interesse fortalecer a cultura local e dar um pouco mais de visibilidade a população da cidade ao que estava acontecendo naquele espaço.

¹⁹ <<http://asmulheresportodocapim.blogspot.com.br/>> acessado em 25/04/2017

1.3. AS CIDADES

Nossas cidades foram criadas e planejadas na perspectiva modernista, que tentava organizar sempre um projeto universal e totalizante, pensando no espaço como algo a ser moldado, sem refletir sobre especificidades sociais ou espaciais, por isso Harvey fala em modernismo como “uma arte das cidades”, demonstrando a forte influência desse movimento nas formações, construções e planejamentos dessas comunidades, transformadas em grandes cidades/metrópoles após a Revolução Industrial (HARVEY, 1989).

Nesse contexto, houvera principalmente dois tipos de reações a construção dos espaços urbanos. O otimismo vinha principalmente dos liberais, que entendiam o crescimento das suas riquezas ao alcançar o máximo da urbanização industrial, no consumismo e na sociedade do espetáculo (WILSON, 2001). Em contrapartida, a esquerda, representada por Engels, percebia melhor a “hostilidade urbana” no crescimento do individualismo, do egoísmo e das desigualdades de classe, que por exemplo, podiam ser percebidas na diferença de condições entre os bairros dos pobres e dos ricos (WILSON, 2001).

Dessa forma muito foi escrito sobre os problemas da vida na cidade, como o efeito blasé, descrito por Simmel, que percebeu um alto grau de impessoalidade, reflexo da economia do dinheiro (relógio, controle e pontualidade) nas pessoas. A consequência do efeito blasé seria exatamente uma aversão, estranheza e repulsa a contatos mais próximos.

O modernismo junto com o iluminismo do século XVIII, viria como o libertador das irracionalidades, como uma experiência vital, compartilhada por todo mundo e relacionada as mudanças econômicas advindas da Revolução Industrial, que se expandiu para todos os outros âmbitos sócio-político-cultural, mas não necessariamente criando uma liberdade universal, mas sim uma “jaula de ferro” da racionalidade como uma verdade a se seguir (HARVEY, 1989).

A metrópole ao mesmo tempo que era vista como o local de maior liberdade, onde permitiria o “passar despercebido” daqueles que são *outsiders*, deixando as pessoas destes locais mais livres, também refletia na população um alto grau de solidão, fortalecendo o sentimento de estar só e perdida no meio da multidão metropolitana (SIMMEL, 1902, s/n). Percebe-se assim, o grande paradoxo das cidades.

Em “Condição Pós-Moderna” Harvey cita Raban e sua “soft city”, como uma cidade em que as pessoas também teriam uma relativa liberdade, tanto para agir como para se portar como queiram. A cidade poderia ser tanto passiva como ativa, sendo demasiado

complexo para caracterizar-se por uma coisa só. “Moldamo-las à nossa imagem: elas, por sua vez, nos moldam por meio da resistência que oferecem quando tentamos impor-lhes nossa própria forma pessoal” (HARVEY, 1989, p. 17), criando assim, uma forte relação e dependência entre cidade e sujeitos.

Dessa forma, a cidade não é uma coisa só e nem poderia ser, ela se torna os múltiplos olhares sobre ela. A cidade libertadora de indivíduos, de individualidades, do efeito blasé e da psicose, tudo ao mesmo tempo, em que não apenas os sujeitos são moldados e manipulados, mas também atuam na formação e transformação dos espaços urbanos.

É a percepção da fragmentação das cidades e a multiplicidade de olhares que criou uma desconfiança a “todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) ‘totalizantes’” (HARVEY, 1989, p. 19) sendo vistos por alguns intelectuais, como a característica do pensamento pós-moderno.

Na década de 1970 o projeto da unidade e dos discursos universais sofreram uma implosão. O maio de 1968, trouxera novas formas de representação, substituindo as categorias fixas e totalizantes por uma maior diversidade de pensamentos, que será refletido nas análises referentes as cidades (HARVEY, 1989). Começam a surgir outras vozes, com maior preocupação nas relações afetivas e nas multiplicidades das relações.

A questão que quero destacar aqui, antes de dar continuidade à discussão sobre as cidades, seria a compreensão do conceito de pós-modernidade não como um rompimento completo com o modernismo, o termo pós não precisa significar a superação dos paradigmas da modernidade e nem seu fim, mas também não significa que o pós-modernismo seria uma versão do modernismo, já que houveram significativas mudanças na sensibilidade humana.

Podemos falar em transformações, não necessariamente em mudança global, lembrando que existem diferentes tempos e contextos em diferentes lugares, mas sim uma transformação no discurso e na estrutura do sentimento, que é vivida e sentida de diferentes formas em diferentes partes do mundo.

A cidade pós-moderna é caracterizada pela diversidade, construída, dividida e transformada pelas pessoas, o conceito de tecido urbano tem base na fragmentação e Harvey, por exemplo, fala em um “notável ecletismo de estilos arquitetônicos” (HARVEY, 1989, p. 69), em que o espaço pode ser construído e transformado de diferentes formas, pensando em diferentes especificidades.

Essa cidade vive constantes fluxos que modificam seus espaços constantemente, tanto fisicamente quanto socialmente, pelos próprios usuários e passantes, por isso existe uma inquietude, por exemplo, em Caiafa, quando ela fala da necessidade de criarmos na cidade

espaços cada vez mais coletivos, fortalecendo essa experiência, para ela, fundamental da cidade, o entrar em choque e em colisão com o outro, não apenas como resultado de uma desorganização, mas como papel produtivo e construtivo do confronto, dessa forma, habitar uma cidade é conviver com a “experiência do estranho” (CAIAFA, 2002).

A “cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem” (BARTHES apud, HARVEY, 1989, p. 69), o pós-modernismo inaugura uma nova forma de experimentar e interpretar o mundo, uma nova linguagem, não tanto com as características da paranoia e da alienação dos indivíduos. A fragmentação se coloca no lugar da esquizofrenia, um não encontro de uma identidade única, tornando-se a grande representação dessa desordem linguística.

Neste estudo procuro rastrear os trajetos, perceber os discursos e os olhares dessas três mulheres sobre a cidade de João Pessoa. Partindo da visão de uma cidade que é fragmentada, para compreender qual é a cidade dessas mulheres, não como uma verdade, mas como a construção de sensibilidades sobre um espaço vivido e construído por elas.

É exatamente esse ecletismo de formas que constituem a aparência da cidade, influenciando como os espaços são formados e utilizados, assim como nos possíveis comportamentos e sensibilidades de diferentes pessoas e grupos. Partindo dessa linha de pensamento, o corpo dessas diferentes pessoas também sente essa cidade, fragmentando-se nessa nova dinâmica, criando assim, diferentes discursos também nos seus corpos. Questão que será discutida no Capítulo três.

Ao contrário da solidão, pensada por Simmel, as pessoas da cidade não estariam isoladas, nessa perspectiva, a vida mental nasceria justamente de vários conjuntos de relações. Nas “massas” conteriam vários grupos, e as pessoas pertencentes a estes circulariam de um grupo a outro. Isso seria o que Mafesoli chama por “nebulosa afetual”. Seguindo esta análise, teríamos uma propensão ao reagrupamento e a vontade de estar junto “à toa” ou o “estar junto por estar junto”.

O indivíduo não poderia existir isolado, formaria múltiplos grupos em uma vasta sincronia. A forma lúdica da socialização estaria na coexistência social, que nada teria a ver com finalidade ou utilidade, já que ocorreria de forma espontânea, como uma “atração social”. Acreditando que a sociedade vive e se organiza através de reencontros de pessoas e massas diferentes.

Magnani e Gilberto Velho também refletem sobre um olhar mais positivo da metrópole, vendo-as como um lugar de circulação e comunicação entre sujeitos. O primeiro, propõe em seus estudos como determinados grupos se relacionam e se apropriam de

determinados espaços, gerando uma ressignificação dos espaços, o segundo, tendo uma maior preocupação com o interassionismo entre as pessoas.

Um exemplo, para podermos pensar essa ressignificação é o que acontece quando os moradores do Porto do Capim ao frequentarem uma praia já existente na cidade a renomearem partindo de suas próprias experiências neste espaço, que passou a ser chamada de “praia do oi”.²⁰ A “praia do oi” foi o nome que os moradores do Porto do Capim deram a oficial praia de Cabo Branco, parte Leste da cidade, denominada assim pois dizem que encontram “todo mundo por lá”²¹, nos finais de semana e principalmente aos domingos, por isso não param de falar “oi” ao reconhecerem os moradores amigos do Porto do Capim, dando um outro nome a mesma localidade.

Ao buscar neste estudo, compreender a relação entre esses corpos femininos e a cidade – focando nos espaços por onde elas transitam – acredito, assim como Castells, o quanto é fundamental pensar nos “fenômenos urbanos” articulados à estrutura de uma sociedade e, dessa forma, a importância em estudar e relacionar, enquanto pesquisadora, com as especificidades do local (CASTELLS, 2014).

O “fenômeno urbano”, portanto, não pode ser entendido como algo único, totalizante ou como resposta a um todo das cidades, mas sim enquanto consequência do social no espaço, gerando especificidades dependendo dos diferentes lugares de estudo, a depender da pesquisa e do olhar do pesquisador, já que em um mesmo lugar pode ser visto diferentes “fenômenos urbanos”.

Na especificidade da cidade de João Pessoa, até o século XIX toda a malha urbana da cidade concentrava-se na região que hoje conhecemos como o “Centro Histórico”. Diferente de outras cidades do Nordeste, que tiveram seu início de desenvolvimento na beira do mar, principalmente devido a possibilidade da chegada das embarcações, em João Pessoa, a cidade começa exatamente na região do Porto do Capim, em sentido oposto ao mar.

Desde sua colonização a cidade de João Pessoa tem por característica estrutural a separação entre Cidade Baixa e Cidade Alta, a primeira caracterizada pelo comércio e seus armazéns e a segunda pelas Igrejas e Instituições Administrativas (ARAÚJO, 2006). Neste período, a região que hoje denominamos de Centro Histórico, era o lugar símbolo de status,

²⁰ Mais à frente veremos outra denominação a essa mesma localidade da praia, com a mesma ideia de identificação dos ocupantes.

²¹ “Todo mundo” seriam os moradores do Porto do Capim, explicado dessa forma por uma moradora da comunidade.

onde a elite residia, o Porto funcionava e o comércio era forte. A partir do século XIX, essa elite dominante passou a ver com maus olhos o centro. Com o aumento populacional, devido as migrações por conta da seca e dos negros recém libertos, a quantidade de trabalhadores pobres na região cresceu, gerando um grande incomodo a essa mesma elite. (SOUSA, 2006)

Para a classe dominante, que buscava uma cidade mais moderna e civilizada, os trabalhadores pobres não lhes interessavam. A iniciativa pública retirou a população pobre das áreas e afastou para regiões mais distantes, permanecendo isoladas do resto do centro da cidade (KOURY, 1986, DINIZ, 1988, *apud* SOUSA, 2006), trazendo à região uma forma considerada mais “asseada, sadia e burguesa” (SOUSA, 2006, p. 24) de cidade.

Em paralelo ao processo de higienização do centro, a cidade de João Pessoa “descobriu” outra área, “[...] a apropriação do litoral representou o melhor caminho para os ares de desenvolvimento almejado pela Parahyba” (SOUSA, 2006, p. 27). Na década de 1940 a elite saiu do centro e parte para o litoral, empresas aproveitaram a saída da elite e também partem em direção a grande Avenida Busto de Tamandaré, hoje Eptácio Pessoa (SOUSA, 2006).

Iniciou-se neste momento o abandono do centro, que passou a ser constituído exclusivamente pelos órgãos do poder público e comércio. O cenário da cidade se transformou a partir da década de 1950 e ficou fácil distinguir uma oposição Leste – Oeste na cidade. Respectivamente a “cidade moderna” e a “outra cidade”, a primeira no litoral, com grande fluxo turístico e consumo e a “outra cidade” caracterizada pela degradação do centro tradicional, facilmente percebida até hoje.

Para Agier, sobre os estudos da cidade, interessa-o exatamente essa relação da cidade com a margem, os lugares precários e como as pessoas dão novos sentidos e significados a espaços da cidade. Já que para este, o que constitui a cidade é justamente o significado que as pessoas vão dar a determinados espaços, como a “praia do oi”.

Além da falta de infraestrutura na comunidade do Porto de Capim, fato que por si só já faz com que este seja visto com maus olhos por muitas pessoas da cidade, existe uma crença, por parte dessa mesma população, que ali é apenas uma região violenta e perigosa, gerando medos e receios que acabam por criar uma série de estigmas na região e nos moradores, distanciando ainda mais a cidade da comunidade.

A sociedade acaba por criar uma série de normas que categorizam as pessoas binariamente em boas ou ruins e/ou seguras ou perigosas, o termo estigma é utilizado para denominar aquelas pessoas que passam por essa qualificação, normalmente referente aos atributos depreciativos ao seu corpo ou sua condição de vida, relacionando-os a uma característica subjetiva, normalmente sobre ser uma pessoa ruim, má, violenta/o ou

preguiçosa/o, acabando por criar toda uma ideologia para justificar a inferioridade do sujeito em questão (GOFFMAN, 2004).

Miguel Vale de Almeida chama de “sinais diacríticos” esses elementos criados que definem, aos olhos dos outros, um sujeito, como um dispositivo de sentido e significados, como o que o sujeito negro passa, em que antes de qualquer coisa, toda identificação que recebe pelos outros passa a ter relação com sua cor, considerada inferior na normatização do homem branco bom, transformando-o, o negro em mera categoria, pertencentes a um conjunto de categorias boas e ruins.

Algo parecido acontece também com os espaços da cidade, normalmente aqueles lugares marginais, comunidades ou cortiços são considerados espaços de crime e de violência e a população que lá vive, criminosos em potencial, ignorando toda história da região, gerando um enorme distanciamento da população a esses locais e as pessoas que lá moram, pela ideia de medo que o estigma cria (CALDEIRA, 2011).

Esse ponto de vista é bem perceptível no “projeto de revitalização” descrito anteriormente, que pelo termo utilizado, revitalização, já desconsidera toda uma existência vivida e construída ali naquele lugar. Qualificando a população local e os espaços como perigosos, seriam esses, os responsáveis pelo impedimento à relação entre a cidade e o rio. Essa visão acaba partindo de poucas experiências cotidianas no local e mais de um imaginário que associa a pobreza a marginalidade e violência.

Outro fator que contribui para essa noção de margem no Porto do Capim é a questão física da região. A comunidade fica na chamada Cidade Baixa, é margeado pelo Rio Sanhauá de um lado e pelo trilho do trem do outro, encontrando-se num espaçamento que, devido essas fronteiras, à torna ainda menos acessível pelos moradores da cidade. O rio dificulta o acesso por um lado, pois só se chega de barco e do outro lado a linha férrea acaba sendo vista como uma muralha divisória, separando o “lado de cá” de quem “vivi pro lado de lá do trem”.

Isso é sentido pelos moradores já pequeninos da comunidade. Percebemos essa questão através de uma encenação de teatro, desenvolvido pelo grupo “Subindo a Ladeira” com crianças da comunidade, ao qual eles mesmo tiveram a ideia de mostrar essa oposição “lá” e “cá” que acaba sendo representada pela linha férrea. Na peça “Aqui tem gente”, fortalecem a necessidade de a população da cidade, em geral, olhar mais para este lugar, sem medo ou estigmas de violência.

Vemos que o lugar não é apenas o espaço em si, mas sim o seu significado. O Porto do Capim é mais que medos e perigos, esse olhar, criado por quem vê de fora a comunidade é oposto ao olhar dos moradores, que vê este lugar pela sua tradição, sua cultura, sua relação com

o rio, os trabalhos informais devido a luta por dinheiro e uma melhor qualidade de vida, o lazer existente nas ruas, com as crianças correndo, os bares e as músicas nas calçadas, assim como as missas católicas e evangélicas, um olhar que percebe as muitas trocas entre os moradores, que se conhecem, festejam e se ajudam no dia a dia.

Assim, é fácil perceber neste espaço uma “unidade de vizinhança”, definida também nos moldes da habitação, em que as casas são construídas seguindo as relações existente entre os moradores, marcada por uma rede de ajuda mútua, de trocas e contatos pessoais (CASTELLS, 2014).

No caso da comunidade do Porto do Capim, percebo aos poucos a existência de famílias inteiras morando na mesma comunidade, muito pela possibilidade das trocas e ajudas entre si. As casas são construídas pelos próprios moradores com ajuda dos vizinhos e amigos e os espaços para as casas, muitas vezes, são escolhidas pensando na proximidade com as casas dos seus parentes. Existe ali uma aproximação muito intensa entre todas as famílias, “se não for parente é padrinho” (GOLÇALVES, 2014, p. 104)²².

É o caso das três mulheres deste estudo, todas elas têm mais de um parente na região, principalmente Flávia e Helena, que nasceram e foram criadas na comunidade, assim como a maior parte das suas famílias. Já Giovana, não nasceu na comunidade, tem apenas a família do pai dos seus três filhos mais novos morando na região, em uma relação que transita entre respeito e conflitos.

No caso de Helena, não só grande parte da sua família mora no mesmo beco como a própria casa da sua avó foi dividida em 3 partes para a moradia dos seus filhos. A relação construída entre os moradores é formada a partir das trocas feitas na rua, muitas vezes, desde a infância. Esses contatos não só são construídos, mas valorizados, “eu gosto quando ele fica na rua brincando com os amigos”, “prefiro do que quando ele fica em casa sozinho no celular”, conta Helena sobre o tempo que seu irmão fica sozinho em casa, antes de ir para a escola.

A preocupação não está em ele ficar na rua, mas sim sozinho em casa, até porque “qualquer coisa quando preciso eu ligo para a vizinha”, que mora no mesmo beco que ela e é considerada como parte integrante da família. Dona Maria, a vizinha do comentário, foi fundamental em muitos momentos difíceis da vida de Helena e da sua mãe, principalmente depois da separação, estando sempre presente quando elas precisaram, criando um laço que se

²² Esta citação é uma fala de um morador do Porto do Capim, afirmando justamente esse vínculo criado entre os moradores da comunidade.

perpetua. Isso demonstra muito o aspecto das relações existente no Porto do Capim e os afetos construídos entre os moradores.

Abaixo, um mapa construído a meu pedido por Flávia, com algumas intervenções minhas, com o intuito apenas de deixar mais claro os significados dos espaços desenhados. Nele podemos perceber a quantidade de parentes de Flávia existentes na comunidade, assim como sua distribuição. São colocados no mapa não só a família consanguínea, mas também a família afetiva, além de mostrar os espaços em que tem uma maior ou menor circulação.

Flávia, além de muitas outras relações afetivas, tem uma que aqui gostaria de destacar, uma mulher ao qual cuidou dela e de outras tantas crianças da comunidade enquanto os pais saíam para trabalhar. Dita de 67 anos, até hoje é quem leva parte das crianças da comunidade a suas escolas, assim como muitas vezes é ela quem carrega todas para passear no Parque Sólton de Lucena, na região central da cidade. Em todas as apresentações do Xote das Meninas a presença de Dita é confirmada, mesmo nos lugares mais distantes, ela vai no ônibus junto com todas as meninas e como tem muitas crianças pequenas no grupo, os pais confiam e muitas vezes não podem ir, é ela que cuida das pequenas.

Foram as gêmeas, Flávia e Fernanda, que levaram Tia Dita, como todos a chamam, ao cinema pela primeira vez, para ver o filme “Pantera Negra”, o que nos faz perceber a força dessas relações construídas dos afetos e como esta possibilita novas descobertas para ambas as pessoas.

Flavia conta que tia Dita anda bem debilitada nesses últimos dias, mas que a família dela não ajuda, então acabam ela e a irmã tendo um maior cuidado com Dita, “a gente tem também um afeto muito grande por ela, aí a gente pede direto pra ela vir pra cá, tem um quarto ali, pra gente ter uma atenção diferenciada por que os filhos não tem não, mas ela não vem”, afirma Flávia, justificando que ela não fica no quarto oferecido porque não consegue deixar os filhos em casa só.

A relação que foi criada entre a Tia Dita, as crianças pequenas e as já crescidas, como Flávia, tem a ver com essa “unidade da vizinhança”, descrita acima e caracterizada pelas trocas e ajudas, ampliando também a noção de família.

Por isso busco pensar, como Agier, uma cidade a partir dos moradores dos “espaços precários e de um certo despojamento de bens, de sentidos e de relações” (AGIER, 2015). Acredito que refletir sobre a cidade partindo da margem urbana, chega-se mais perto dessa cidade múltipla, em oposição aquela cidade arquetônica que foi construída na crença do utilitarismo e de uma função única. São os sujeitos dessa cidade os responsáveis pelas suas ressignificações, transformando-a constantemente em função dos seus usos.

Neste estudo interessa-me os atores da margem, no meu caso três mulheres, que por si só carregam mais de um marcador em seus corpos, não apenas em relação a sua condição social, mas também a condição de gênero e de raça, vivenciando na cidade o estigma do ser mulher, negra e pobre.

Os movimentos dessas mulheres transformam a cidade em que vivem. É por esses motivos que me apodero do “fazer cidade” (AGIER, 2015) dessas mulheres, na tentativa de compreender alguns movimentos, entre tantos, de ressignificações urbana e responder a questão sobre, qual a cidade dessas mulheres? Dessa forma, o vínculo entre etnografia das margens e antropologia da cidade, não buscaria uma oposição entre marginalidade e centralidade, mas sim uma continuidade entre uma e outra.

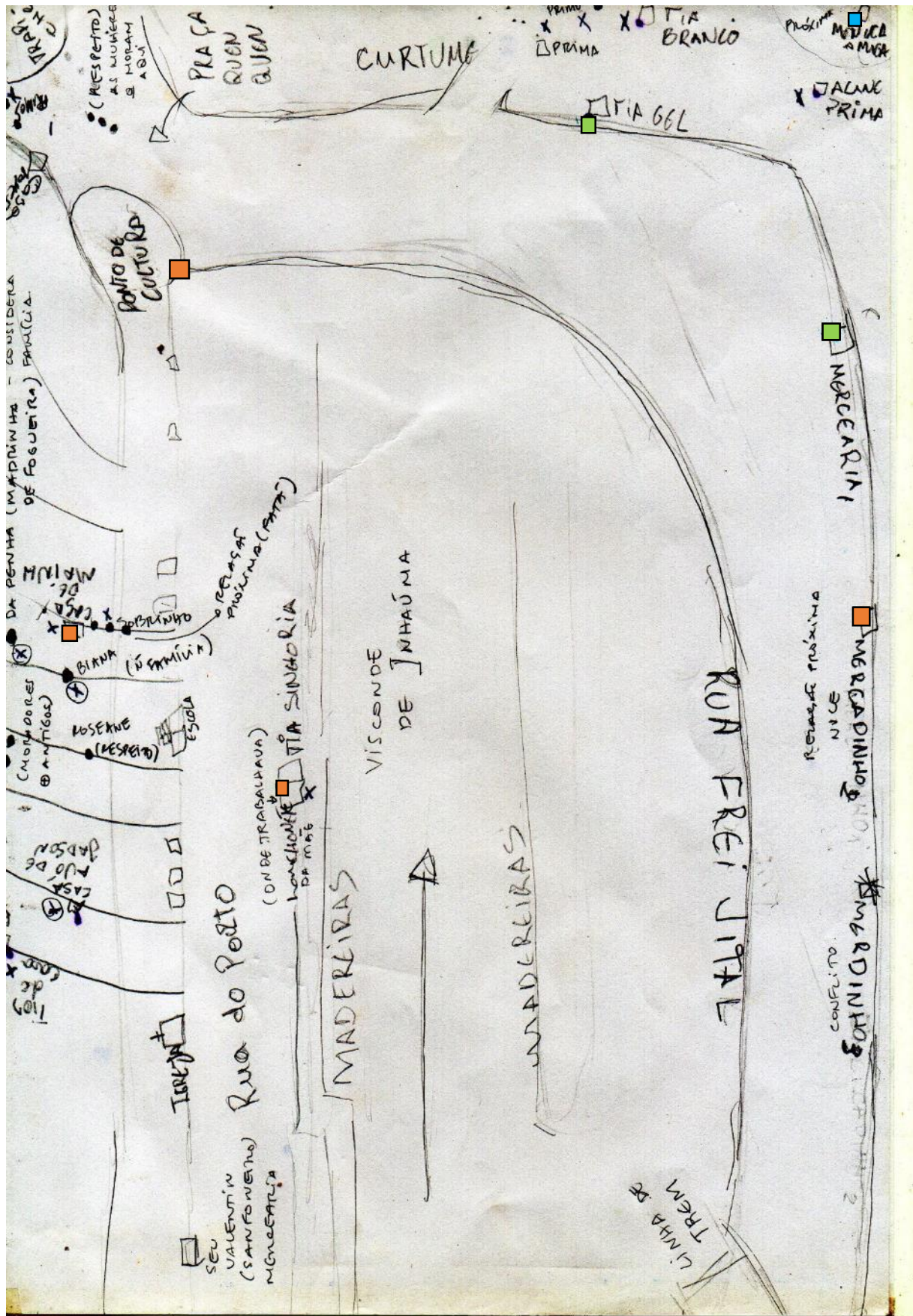


Figura 4. Mapa feito por Flávia 1.

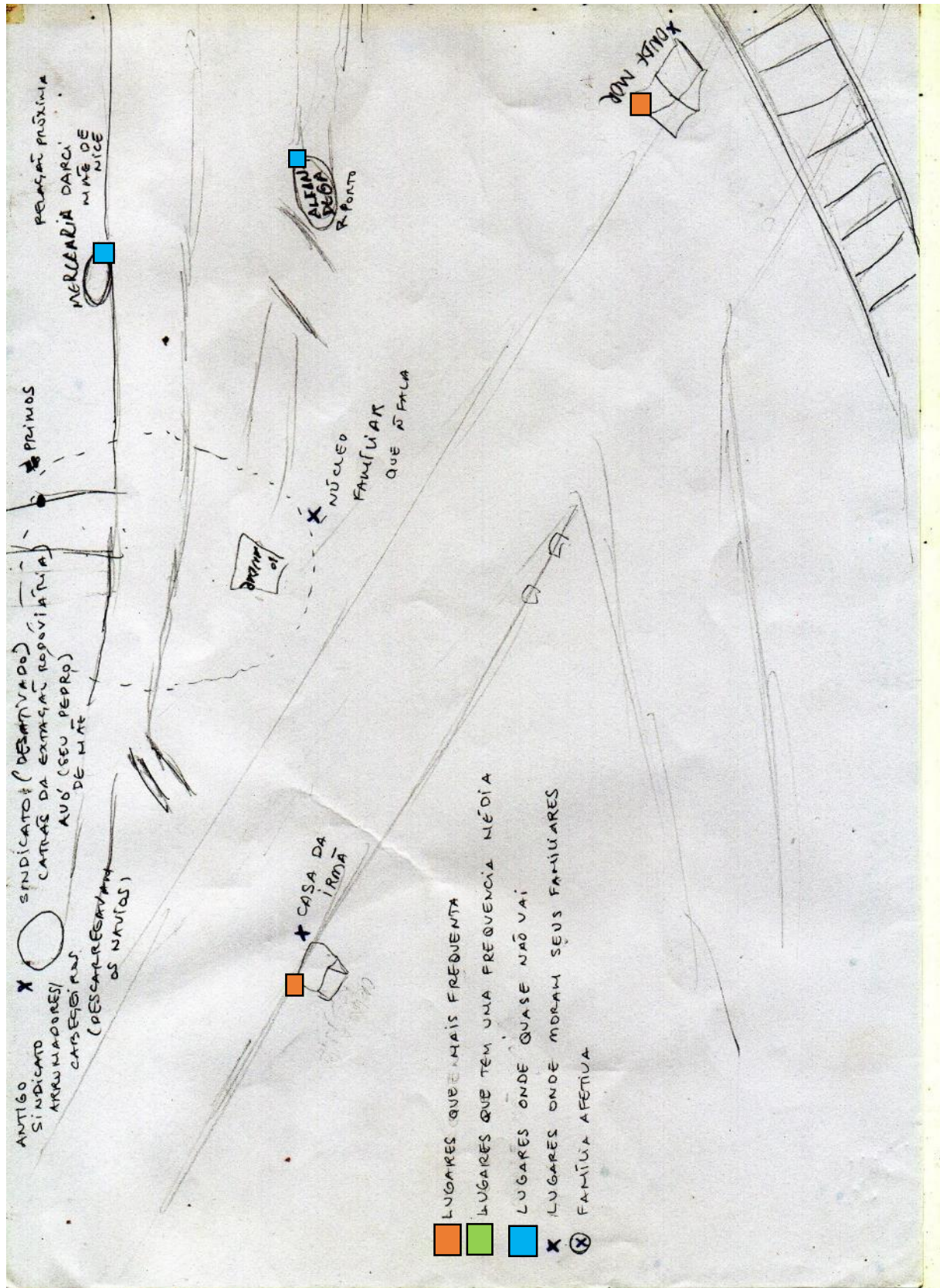


Figura 5. Mapa feito por Flávia 2.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA: TRANSFORMANDO-ME EM ESTUDO

Nas ciências humanas, a pesquisa é apenas uma fase temporária do estudo, que cessa uma vez identificado seu objeto. O estudo é, ao contrário, uma condição permanente. Aliás, pode-se definir o estudo como o ponto em que um desejo de conhecimento atinge sua máxima intensidade e se torna uma forma de vida: a vida do estudante – melhor, do estudioso. Por isso – ao contrário do que está implícito na terminologia acadêmica, na qual o estudante é um grau mais baixo em relação ao pesquisador – o estudo é um paradigma cognoscitivo hierarquicamente superior à pesquisa, no sentido que esta não pode atingir seu objetivo se não é animada por um desejo e, uma vez que o atinge, só pode conviver estudiosamente com este, transformar-se em estudo.

(Giorgio Agamben. Studenti.²³)

CONHECENDO E RECONHECENDO O ESPAÇO

Entrei na comunidade do Porto do Capim pela primeira vez no ano de 2010, devido um projeto pedagógico que estava desenvolvendo, com o interesse em levar alunos de escolas particulares e públicas á aulas de campo para conhecer/reconhecer a cidade, principalmente a região central, ao qual muitos deles nunca haviam ido, mas que não se restringisse apenas aos espaços tidos como turísticos. Buscava justamente alguns contatos de dentro da comunidade, que me possibilitasse e pudesse contribuir nessa atividade.

Lembro do meu primeiro encanto com aquele lugar, em meio aos comércios, característica da região central, ao passar pela linha do trem e pelas madeireiras, um lugar paralelo com clima de cidade do interior, devido a relação dos moradores com a rua. Predominantemente construções residenciais de casas, pequenos comércios e pessoas andando pela rua tanto de dia quanto de noite e a percepção de que todos, ou quase todos ali se

²³ <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-studenti> (tradução: Vinícius N. Honesko, <http://flanagens.blogspot.com.br/2017/05/estudantes-giorgio-agamben.html>)

conheciam. Foi neste local onde conheci Dona Marta, catadora de marisco que faz a melhor mariscada, para vender em alguns eventos da comunidade, que já comi.

Foi por intermédio da professora do departamento de História da UFPB, Regina Célia, que participava do grupo Subindo a Ladeira e das reuniões da Comissão do Porto do Capim que passei a conhecer e a entender os processos pelo qual a comunidade estava passando, como o movimento de luta das/dos moradoras/es da comunidade pela permanência da população na região, principalmente pelo enfrentamento do projeto de revitalização desenvolvido pela Prefeitura desde 1997.

Passei a frequentar as reuniões da Comissão do Porto do Capim, todas as terças-feiras a noite, o encontro acontecia no bar de Da Marta, também participante da Comissão. O bar ficava no final da rua que margeia o lado direito da única escola da região, quando chovia, a rua ficava toda enlameada, passávamos pelas beiras ou pelos pedaços de madeira que tinham no centro da rua e assim chegávamos ao bar. Nesta altura da noite, em épocas de cheia do rio, o Porto do Capim todo se enche de maruim, que picam a gente e dá uma coceira danada, nesta época, as reuniões eram acompanhadas de bateção de pés, barulhos de tapas e unhas daquelas que passavam nas regiões do corpo já picada pelo bicho.

Do meu ponto de vista a Comissão tinha/tem²⁴ dois objetivos principais, primeiramente discutir as formas possíveis de mobilização e ações a serem tomadas contra o projeto de revitalização, segundo, o fortalecimento das identidades e tradições da comunidade, na crença de mostrar para prefeitura o status de Patrimônio Histórico do local e das pessoas que moram ali a muitos anos. A partir daí houve a criação de uma série de eventos, como o “Porto do Capim em Ação” e a valorização dos que já existiam, como o “Arraiá do Porto” e a “Procissão de Nossa Senhora da Conceição”.

Com minha frequência às reuniões passei a ter mais contato com as mulheres da comunidade, principalmente pelo motivo já descrito de que as reuniões eram basicamente frequentadas por elas. Uma delas, Dona Marta, uma senhora de 68 anos que me chamou muita atenção pelas várias histórias “da maré”²⁵ e da catação de marisco, moradora do Porto do Capim desde os 12 anos de idade e que foi muito importante para mim no primeiro momento do meu estudo, assim como Fernanda, irmã de Flávia e figura central da militância na comunidade, ao qual me ajudou muito na compreensão de toda mobilização que era feita na região.

²⁴ Lembrando que o objetivo não mudou, mas que não existe mais a Comissão e sim a Associação das Mulheres do Porto do Capim.

²⁵ Termo utilizado para dizer que vai ao rio, referente também ao banco de areia onde são catados os mariscos e/ou utilizado como lazer pelos moradores.

QUANDO A PESQUISA TOMA FORMA

Admirando a articulação daquelas mulheres me interessei muito pela centralidade feminina tanto da Comissão como de todo tipo de articulação política-cultural que existia no Porto do Capim. Em 2016, fui aprovada no mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba com o objetivo de analisar a importância dessas mulheres na valorização da memória e identidade dos moradores da comunidade, assim como compreender melhor um sentimento de pertencimento que se fortalecia entre os moradores.

Em 2016, Fernanda continuava muito presente no movimento político e cultural da região, a Comissão tinha se transformado legalmente em Associação de Mulheres do Porto do Capim e o Ponto de Cultura da comunidade estava sob sua responsabilidade, junto com sua irmã gêmea, Flávia e a amiga Helena. Ainda organizavam, as três, o grupo Xote das Meninas, de espetáculo de dança regional e um movimento coletivo cultural chamada As Garças do Sanhauá. Junto a isso as duas irmãs também trabalhavam no seu próprio ateliê de costura.

Dona Marta mudou-se de casa, conseguiu a aposentadoria e parou de catar marisco, tinha dois terrenos no Curtume, um em que construiu sua casa e no outro que começara a plantar alguns legumes, frutas e hortaliças, fato que me aproximou muito dela, pois começamos a fazer trocas de mudas.

Aos poucos, fui percebendo o que realmente me interessava naquelas mulheres e o estudo foi tomando forma, aos poucos, devagar, no tempo da compreensão e da necessidade de dar maior atenção ao campo, sendo mais um ouvido do que qualquer outra coisa, fui construindo o objetivo deste estudo.

Na perspectiva de que levamos ideias pré-concebidas ao campo, mas que devemos seguir o que encontramos nos lugares e nas pessoas estudadas, como valores e sentimentos (PRITCHARD, 2005) descobri que era a resistência dessas mulheres que me interessava e compreendi que podia pensar essa resistência para além da luta política e do fortalecimento cultural que estava acontecendo no Porto do Capim.

Existe nas mulheres da comunidade uma resistência diária, constante nas suas vivências, grudada a seus corpos e formadora das suas subjetividades. Dessa forma, foi a partir da ideia de corpos femininos como sujeitos de resistência que fui esculpindo este estudo.

Observando e escutando, cheguei a corpos recheados de histórias e que tinham olhares e experiências distintas sobre a cidade, assim como ampliou minha percepção de uma cidade que não acolhe as mulheres nas suas ruas assim como a explora nos espaços domésticos. Passei a me questionar, afinal qual é a cidade dessas mulheres?

Decidi partir da experiência de vida para chegar aos espaços de circulação de três mulheres da comunidade. Estar na rua e andar por ela depende de todo um esforço, que historicamente pode ser argumentado devido uma sociedade patriarcal que violenta e coloca a mulher como naturalmente destinada ao espaço doméstico. O fato dessas mulheres estarem na rua pode ser visto em si como um ato de resistência, que passa pelos seus corpos, mas como se esse corpo feminino não fizesse parte da rua. Estendi o meu olhar a essas mulheres para além da comunidade, observando o dia a dia delas em seus trajetos, tentando captar suas posturas corporais em relação aos espaços da cidade.

PERSONAGENS QUE CHEGAM

Como havia dito, Dona Marta foi fundamental na primeira parte deste estudo, eu levava mudas para ela plantar em seu terreno e sempre trazia tantas outras que ela me dava para a minha casa, sentávamos na porta e conversávamos por horas a fio, as vezes na sala, quando ela não estava se sentindo muito bem, ela deitada no sofá e eu em uma cadeira a sua frente. De alguma forma, aquela senhora me lembrava minha avó, por essa razão essas conversas para mim eram sempre recheadas de sentimentos pessoais. Eu adorava quando chegava e quando saía de sua casa, porque sempre ganhava um forte abraço que novamente me levava a lembranças boas da minha vida.

Anotava muita coisa em um caderninho, ao qual pedia sempre permissão. Criamos um vínculo desde minhas primeiras idas ao Porto, principalmente porque interessava-me por suas memórias de catadora de marisco e sua forte relação com o rio. Foi por Dona Marta que soube de Giovana, mãe dos seus 3 netos, catadora de papelão, passava parte de seus dias nas ruas do centro da cidade e morava do Porto do Capim.

Tanto Fernanda como Dona Marta conheci nas reuniões do Porto do Capim e por Fernanda eu conheci sua irmã Flávia, na época, maio de 2016, as duas estavam entrando na faculdade e Flávia, por estudar a noite, indo e voltando de ônibus, me chamou atenção sobretudo

pelo fato de seu padrasto buscá-la toda noite no ponto de ônibus na volta da faculdade. Isso acontecia porque ele, como figura masculina, a protegia das ruas escuras e vazias até a entrada do Porto do Capim.

Comecei a frequentar as apresentações do Xote das Meninas em regiões fora do Porto do Capim, com o intuito de conhecer melhor Fernanda e Flávia e de estar com elas em espaços fora da comunidade. Fui a pé, junto as 25 dançarinas, algumas mães e Tia Dita, que conheci nessas apresentações, no Largo de São Pedro e na Estação de Trem, lugares bem próximos a comunidade. Nos mais distantes, elas alugavam ônibus e eu ia de carro.

Foi na apresentação feita na Estação de Trem que conheci Helena, dançarina e também administradora no Xote das Meninas. Começamos uma conversa sobre o Xote e como era importante este para as dançarinas, os encontros e as trocas que tinham nos ensaios e na produção dos espetáculos, foi a partir deste momento que comecei a me aproximar dela.

Foram com essas personagens que comecei a aprofundar minha relação, frequentando cada vez mais seus espaços, seus trabalhos e seus trajetos. Dessa forma, fui afunilando minha busca e meus encontros a três mulheres, Helena, Giovana e Flávia, descobrindo nelas que o foco deste estudo partiria de mulheres que andam pela cidade.

Helena na sua corrida rotina diária, de ir a faculdade, trabalho e casa, tem uma relação muito forte com os ônibus da cidade, que os utiliza também nos dias de folga do trabalho, tendo este espaço uma forte presença na sua vida, além de ter um enorme prazer em estar em lugares públicos e cheio de gente, como ela mesmo afirma.

Giovana passa a tarde trabalhando no centro, andando pelas ruas na busca de papelão, trabalha de baixo de sol e de chuva, relaciona-se tanto com os espaços do centro como com as pessoas que lá trabalham e passam, cria vínculos com as diferentes pessoas ao seu redor de trabalho que tornam-se de alguma forma íntimos a sua rotina diária

Flávia, por ser ativa política e culturalmente na comunidade, tem um circulação e um conhecimento muito grande dos espaços do Porto do Capim, anda pelas ruas e becos e grande parte dos moradores a conhecem, além de também ter uma relação forte com os espaços do centro da cidade, lugar onde ia na infância passear e que hoje usufrui como lugar de compra.

DISCUSSÃO TEÓRICA - METODOLÓGICA

Este estudo tem como base da sua metodologia uma etnografia urbana que “abre para uma compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica

cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas” (MAGNANI, 2002, p.11). Especialmente, aqui apresento um maior olhar voltado para a rua, pois

É a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença dos forasteiros, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas (MAGNANI, 1993, s/n).

Esse estudo tem interesse não só nessa sociabilidade proporcionada pelo estar na rua como também em um olhar para o corpo e as corporeidades, que vão sendo formadas, entre outras coisas, pelas trocas e encontros proporcionado pelo espaço urbano.

Em ‘Algumas reminiscência e reflexões sobre o trabalho de campo’, Evans Pritchard aponta que existem algumas exigências para realizar o trabalho de campo, a iniciar pelo treinamento rigoroso em pesquisa antropológica. Os pesquisadores devem ser treinados e atualizados teoricamente na academia, dessa forma, saberiam ver, observar e analisar os fatos, bem como afirma que todo saber é relevante para o pesquisador, não só o acadêmico, já que tal estudo envolveria toda nossa personalidade (PRITCHARD, 2005).

Também creio e coloco como ponto extremamente relevante, um estudo que dê a devida atenção ao universo de referência, ao contexto das personagens, assim como as conversas, “tagarelices, os mexericos, os ‘casos’, as pequenas histórias” (BEAUD e WEBER, 2007), deixando se levar pelos temas e acontecimentos vivenciados no campo. Fazendo com que a/o pesquisadora/dor possa fluir melhor pelos espaços, pelos cheiros, sons e encontros proporcionadas pelo tempo no campo.

Parto de uma etnografia não apenas como metodologia ou prática de pesquisa, mas como a própria teoria vivida, mostrando a importância da intimidade entre referencial teórico e a etnografia e que esta primeira estaria “emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados” (PEIRANO, 2014). Assim, o “fato etnográfico” não deveria estar apenas no caderno de campo, mas na experiência em si.

Para atingir essa proeza, certas qualidades da/do observadora/dor são necessárias: segundo Evans-Pritchard, abandonar-se sem reservas, possuir certas características intuitivas, afinar-se com o grupo estudado, ter um temperamento específico, possuir uma determinada habilidade literária. Perspectiva essa que vai obviamente contra a ideia da antropologia como ciência, se sentindo à vontade para aproximá-la mais da arte, escandalizando a muitos na época. (PEIRANO, 2014)

Evans-Pritchard também sugere que o antropólogo siga o que encontrar na sociedade que escolheu estudar e que não haverá diálogo se acharmos que a crença do outro é

pura ilusão ou delírio. Dessa forma, tendo que tomar cuidado com as ideias pré-concebidas, já que o etnógrafo tem que estar disposto a mudar sua hipótese conforme o tempo de contato com os nativos (MALINOWSKI, 1984).

Para isso parto de dois pontos fundamentais de intersecção, primeiramente o corpo feminino, como base para as experiências vividas, depois o espaço, como lugar dos deslocamentos, dos encontros e desencontros.

Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise (MAGNANI, 2002, p. 18).

Para estudar essas práticas, Magnani desenvolveu uma estratégia chamada de um olhar “de perto e de dentro” em oposição ao olhar “de longe e de fora”. Este último tende a ter como primeiro plano forças econômicas, da elite local, imobiliárias e lobbies políticos. Já no olhar “de perto e de dentro”, que este estudo toma como metodologia principal, consegue, na aproximação, “identificar, descrever e refletir”, ampliando as compreensões das dinâmicas sociais.

Outra questão importante a ser tomada neste trabalho é sobre as multilocalidades, trabalhada em ‘Etnografia em/del sistema mundo. El surgimento de la etnografia multilocal’ de George Marcus, que afirma a importância em se olhar para além do espaço fixo do estudo em questão, acreditando em uma ampliação do mapeamento do terreno. Neste estudo, com foco na circulação dos corpos femininos, deixo os espaços fixos de lado e me proponho a observar justamente os trajetos feito por estas mulheres, por isso viso expandir o olhar para além do Porto do Capim, ao buscar compreender seus caminhos, por onde andam e que lugares acessam na cidade de João Pessoa.

Por último, entendendo que o tempo de pesquisa é curto, devido aos cronogramas dos programas de pós-graduação, podemos falar em uma “etnografia a jato” (RIBEIRO, 2010) e da dificuldade em desenvolver estudos. Diferente do que prezava Malinowski, com sua observação participante, de um longo período de tempo em campo, vivemos hoje alguns dilemas referente a feitura de uma etnografia em um curto espaço de tempo.

Ribeiro responde a esse conflito afirmando a importância do tempo de experiência, da teoria antropológica e do contato anterior ao grupo estudado, mas acredita que cada pesquisador vai aos poucos entendendo como trabalhar o seu campo em relação ao tempo possibilitado, neste caso, pela academia. Para Ribeiro “cogitar novos caminhos e enfrentar o

debate não significa abrir mão da experiência de campo, mas de concebê-la como sujeita a múltiplas circunstâncias, nem sempre ideais.” (RIBEIRO, 2010, p. 88).

A preocupação com o tempo de campo sempre me foi presente, se o período que tinha para completar minha dissertação seria suficiente para fazer o campo, me aproximar e ter informações suficientes para escrever algo, um trabalho, uma dissertação ou até mesmo um artigo, mas aos poucos fui entendendo como nos pequenos tempos e nos pequenos detalhes conseguimos perceber tantas coisas, tantos conflitos e tantos processos.

Assim foi se formando este trabalho e com um olhar nos detalhes, nas migalhas temporais e na descrição, cheguei em reflexão sobre corporeidades, sociabilidades e o ser mulher na cidade.

RELATO DOS MEUS TRAJETOS NO CAMPO

O ponto de ônibus é bem perto da minha casa, das duas casas que morei no período do mestrado, em uma com mais possibilidade de transporte coletivo para o centro do que a outra, nesta última, esperava pelo menos 15 minutos para conseguir pegar o ônibus, na primeira casa em 2 minutos já conseguia estar sentada no chacoalhar do ônibus que embalava todo o percurso que fazia.

Tinha alguns diferentes destinos a fazer no tempo de campo para encontrar com as respectivas mulheres:

Entre a Igreja Nossa Senhora da Misericórdia e o Shopping Centro Terceirão – que aqui vou chamar apenas de Terceirão – já no centro da cidade, ao qual andava até a localidade onde trabalha Giovana. Ia sempre depois do almoço, às 14:00 horas normalmente eu já estava no ponto. Descia do ônibus depois de uns 20 minutos de trajeto no ponto que margeia a Lagoa, muita gente esperando ou descendo de outros ônibus, vendedores de água e os de salgadinho com sacolas enormes cheias, principalmente de pipoca Bokus, acredito que o salgadinho mais vendido em toda João Pessoa, tem dela salgada ou doce e é fácil identificar alguém comendo uma delas nos ônibus, quando sobe um cheiro forte de manteiga e invade todo o transporte.

De lá atravessava para a Lagoa, passava pelo parque, com crianças e normalmente essas sendo cuidadas por mulheres, muitas vezes escutava gritos, sempre dos mais pequeninos, via guardas municipais, passava por lanchonetes, alguns moradores de rua, idosos conversando, sempre homens e já perto de uma faixa de pedestre cheiro de sopa, em um carrinho que está no mesmo local todos os dias vendendo sopa, um copo de plástico grande e cheio custa um real.

No farol que atravesso para subir até o Terceirão e assim encontrar com Giovana uma confusão, como existem pistas diferentes, ora os ônibus passam ora os carros passam e os pedestres correm e se arriscam nesse entre tempo dos transportes.

Existe uma subida para chegar ao Terceirão, dividida em três ruas, o espaço da calçada é pequeno e os pedestres dividem com os vendedores ambulantes, que ficam perto dos seus ouvidos e mesmo sem querer você acaba sabendo o preço dos óculos, das blusas, bolsas e sandálias que muitas vezes eles gritam e insistem para você olhar, sons de carro, ônibus e buzinas se juntam a esse contexto.

Após essa subida e chegada à frente do Terceirão virava à esquerda e esse era o local em que encontrava com Giovana, quando ela não estava podia esperar que logo aparecia. Quando Giovana mudou-se de localidade no trabalho, que depois de alguns meses voltou para a anterior, eu andava um pouco mais, fazia este mesmo caminho mas depois de virar à esquerda eu ainda continuava o caminhar, passava pelo Ponto dos Cem Reis e descia a direita em direção ao Terminal de Integração. Nessa descida também dividia o espaço da calçada com outros ambulantes, de tênis, bolsas, pentes, antenas para TV e um senhor, daqueles que o tipo físico fica na lembrança da gente, que estava lá todos os dias, vendendo ervas, sempre sentado e com as pernas bem inchadas.

Mais um faixa de pedestre e os cheiros doces chegavam, vindo dos vários carrinhos de fruta que ficam ali, o caju para mim é o mais perceptível, pinha, acerola, uva e o cheiro de coentro toma conta de tudo quando o vendedor bate com ele em seu carrinho de legumes, tomate, cebolinha, abobrinha, couve, nada se compara ao cheiro do coentro. Além dos sons dos transportes que não cessam, escuta-se vozes de gente, de todas elas que passam por mim e que na curiosidade por escutá-las acabo por acumular pequenas histórias, como bem gostava de fazer Virginia Woolf em seus percursos pelas cidades, “captamos de passagem uma palavra, e de uma frase ao acaso fabricamos toda uma vida” (WOOLF, p. 55-56, 2015).

Passo pelo cheiro do churrasco e viro à esquerda no ambulante de calçados, com uma pilha de tênis, sandálias e chinelos com as numerações todas misturadas e os respectivos pares sem pares, que sempre me lembrava aquela brincadeira que fazia quando criança de misturar os sapatos e ver quem achava seu par primeiro. Andava mais um quarteirão e logo encontrava Giovana e um dos seus filhos.

Esse e a ida ao Porto do Capim eram os trajetos que mais tinha prazer em fazer. Neste segundo a forma de transporte se deu de duas formas, de início feita de carro, saindo de minha casa e indo direto para o Porto do Capim, ao qual eu parava já perto do trabalho de Flávia ou da sua casa, dependendo de onde iríamos nos encontrar.

Quando passei a fazer esse percurso de ônibus, pegando-o na mesma parada que pegava para ir ao encontro de Giovana ficava uns 5 minutos a mais dentro dele até descer na parada mais próxima da comunidade, em frente a linha do trem, a mesma que eu margeava até atravessá-la já na frente das madeireiras, antes disso a linha de trem é seguida por uma grade de ferro que impede qualquer tipo de passagem.

O caminho é curto e com poucas pessoas, a não ser pelos transportes na rua, que se modifica quando vou chegando perto de atravessar a linha de trem, muito carros estacionados, caminhões cheios de material reciclável e pessoas, trabalhadores e clientes, como já descrevi. Tinha dois caminhos sempre a fazer, dependendo do lugar que ia encontrar com Flávia.

Um deles era o das madeireiras, pela a rua Visconde de Inhaúma, que utilizava quando ia até a casa de Flávia, caminho desconfortável para mim, por ser mulher. Muitos homens e muitos olhares ao meu encontro que me fazia passar rápido por aquele lugar, não lembro de cheiros nem de barulhos, ficou apenas a sensação de desconforto.

O outro era pela rua Porto do Capim, repleta de residências, pessoas na rua e sons de conversas. Passava sem pressa, olhando para os lados e me sentia por hora até sem graça quando passava pelos becos tentando olhar o mais fundo que podia dentro deles, sem querer desagradar quem estava lá. Muitas roupas estendidas, músicas tocando, cadeiras na porta.

Mas sentia também cheiro de lixo e passava por muitos deles jogados no chão, com cachorros e gatos em torno. Lembro principalmente do cheiro da mariscada da Dona Marta, bem melhor que o cheiro de lixo e o cheiro do Rio Sanhauá, quando eu chegava perto, no caminho para pír que ainda existe, na rua atrás da casa de Helena, conseguia identificar o cheiro do mangue que se misturava ao cheiro de esgoto. Quando escurecia a sensação era na pele, dos maruins que atacavam meu sangue.

Encontrava com Helena em três lugares distintos, a dependo do percurso que faria com ela. Um deles era o Terminal de Integração, em frente a fila de recarga do passe, utilizava o mesmo ônibus em direção ao centro da cidade. Terminal sempre cheio, muitas/os trabalhadoras/res, mulheres com crianças e sacolas de compras, estudantes, idosos, vendedores entrando e saindo dos ônibus e alguns pedintes em meio a muita fumaça produzida pelos ônibus, para mim, um cheiro altamente enjoativo.

Nos ônibus daqui de João Pessoa é muito comum subir ou descer, entre um ponto e outro, algum vendedor, de canetas, balas, chocolate ou de um aparelho que tira o suco da laranja como se fosse a coisa mais fácil do mundo, além de colaboradores de Instituições religiosas que também vendem canetas, balas e chaveiros para ajudar os viciados em drogas, daquelas drogas que não são legalizadas e alguns pedintes com ou sem atestado de doença.

Existe um contexto bem presente nos transportes públicos daqui da cidade, de assaltos, fato publicitado regularmente entre os passageiros dos ônibus que circulam todos os dias entre as diferentes regiões. Normalmente são os celulares o foco dos assaltos. Nunca fui assaltada, mas as falas de insegurança no transporte esbarraram em mim e permearam minha presença e minha postura sempre atenta nestes espaços.

Outro ponto de encontro que tinha com Helena era na saída da sua faculdade, que fica em uma Avenida bem importante da cidade, que liga o centro a principal praia da cidade, no bairro do Cabo Branco. Para esse caminho eu utilizava as mesmas possibilidades de ônibus, pois para chegarem ao centro eles passavam antes por essa avenida. Eu descia na lateral de um supermercado, avenida movimentada de carros e calçadas com poucos vendedores, os que existiam estão localizados principalmente nos pontos dos ônibus, creio eu devido a maior possibilidade de venda por conta daqueles que esperam seus transportes.

Na frente da faculdade, motos estacionadas, uma pequena lanchonete ao lado e um vendedor de doces gritando o preço de seu produto, mais cheiro de fumaça e sons de conversas. Muitas conversas que tentava acompanhar dos estudantes que saíam apressados enquanto eu esperava por Helena, falas de fome, sobre provas, trabalhos, amizades “falsas” e cansaço.

Por último e o único trajeto que fazia no período da noite, era na saída do trabalho de Helena, saía umas 18:30 de casa, pegava outro ônibus e em outro ponto, ainda perto de casa, mas na direção oposta daquela para ir ao centro. Em vinte e cinco minutos chegava no destino, eu tinha duas opções de descida, mas descia no ponto que Helena tinha me indicado, pela segurança, que demorava um pouco mais.

A frente de seu trabalho é bem iluminada e a fachada é bem grande, ao chegar sempre tinha alguns funcionários do lado de fora, sentados ou fumando, quase sempre mexendo em seus celulares. Eu fazia o mesmo, sentava e esperava por ela. Quando a porta da fachada se abria saía um frio de dentro e o cheiro de ar condicionado. Do lado de fora, as luzes dos carros que passava e as buzinas que as vezes eram escutadas, até Helena sair.

Perceba que meu campo quase todo se deu no período da manhã, uma escolha feita em função da minha condição de mulher. Condição essa que me possibilitou uma maior abertura com as mulheres deste estudo, facilitando a troca de confiança e por serem mulheres, eu também me senti mais segura.

Acredito que foi por eu ser mulher que Flávia abriu a porta de sua casa com tanta facilidade, que Helena sentiu se tão confortável para contar toda a história da sua vida e das suas relações amorosas, assim com Flávia também fez e por Giovana e Vilma não se incomodaram

de ter uma pessoa desconhecida andando para todos os lados com elas e fazendo uma série de perguntas.

Mas também foi por eu ser mulher que não ia ao encontro de Flávia quando ela tinha tempo para nossas conversas no período da noite, não voltava com Helena do trabalho até o Porto do Capim, ficando no ônibus quando ela descia, assim como também não voltava com Giovana até sua casa. Em todos os casos eu tinha medo, pois teria que voltar sozinha pelo caminho escuro e vazio que margeia a linha do trem até chegar ao ponto de ônibus e lá ficar esperando até este chegar, caminho este contido nas suas falas como lugar não seguro para as mulheres a noite.

Tive, por ser mulher, que pensar em cada roupa que vestia antes de ir a campo, para não estar, como muitos pensam, provocando um olhar masculino ao meu corpo, como era o caso dos olhares desconfortáveis que observava quando passava pela frente das madeireiras ou nos ônibus que entrava. Por isso esse trabalho também pontua o desconforto corporal feminino, as possibilidade e impossibilidades do ser mulher na cidade, que logicamente irá além das minhas experiências, mas que parte delas para chegar as falas e vivências de Helena, Giovana e Flávia, ampliando para outras perspectivas e visões sobre ser mulher e andar pela cidade.

ESPECIFICIDADES METODOLÓGICAS

No total foram 10 meses de campo, mas com espaçamentos de encontros nestes períodos, ou seja, não encontrava com as mulheres todos os dias, mas toda semana encontrava com alguma ou mais de uma. Nos meses 03, 04, 05, 07 e 11 de 2017, estive principalmente com Flávia e Giovana e nos meses 01, 03 e 04, principalmente com Helena, tendo poucos encontros com as duas outras mulheres nestes meses. Como cada uma das mulheres tinham rotinas completamente diferentes tive que utilizar formas distintas para estar no campo.

Comecei indo a alguns lugares com Flávia, peguei ônibus, fui em apresentações do Xote das Meninas, ao seu trabalho, tanto quando trabalhava na lanchonete da mãe como quando trabalhou na distribuição do kit digital, no Ponto de Cultura, nas ruas no Porto do Capim e no ateliê Ibeji. Minha vontade era observar seu corpo nestes espaços, assim como sua relação com os espaços por onde passava, mas tive uma imensa dificuldade relacionada ao olhar. Comecei a perceber que não sabia o que observar quando saía com ela. Na busca por compreender como observar esses corpos femininos na cidade, achei que seria interessante ter outro tipo de contato com Flávia, ao qual pudesse me aproximar mais dela e de suas experiências.

Começamos a nos encontrar em seu trabalho, pela manhã, na lanchonete da mãe. Ficávamos sentadas nas cadeiras e mesas de plásticos ao lado de fora, no começo de um pequeno beco na lateral da lanchonete. Atrás de nós sempre tinham roupas estendidas nos varais, que uma tia de Flávia estendia, na frente de nós a rua do Porto do Capim, uma das madeiras do lado esquerdo, um outro beco no meio e do lado direito a escola. Passavam moradores e muitas crianças neste tempo que ficávamos conversando, sempre cumprimentavam Flávia e de vez em quando uma pausa por conta do barulho alto que vinha de alguma serra da madeira a frente.

Esses encontros foram bem produtivos, no sentido mesmo de trocas, acabávamos nos identificando com vários aspectos do ser mulher na rua e dividindo algumas experiências próximas. Em casa eu separava algumas temáticas básicas, tentando não fazer dessas conversas apenas uma entrevista. Não usava gravador, pois tive medo que poderia nos distanciar e fortalecer uma relação pesquisador – pesquisado que quis distanciar o máximo possível, mesmo sabendo que isso é praticamente impossível, na perspectiva que eu que levava os assuntos a serem discutidos assim como seria eu que no final escolheria o que e como escrever sobre toda essa experiência vivida.

Sempre tive a crença de uma certa experiência compartilhada ao sair a campo, talvez por sermos mulheres e estarmos na mesma cidade andando por ela a algo que podemos trocar, não como iguais, mas como diferentes. Acredito que haja em todo esse estudo, um certo processo de autoconhecimento, tanto da minha parte quanto dessas mulheres.

Marilyn Strathern acredita que a antropologia feita em casa, proporciona esse autoconhecimento tanto para o pesquisador como para o pesquisado, assim como uma maior possibilidade de trocas de experiências, gerando uma maior reflexividade (STRATHERN, 2014). De certa forma o fato de trocarmos informações e buscar histórias nas memórias dessas mulheres fez com que elas também refletissem sobre si, sobre seus espaços e suas vivências, também me fazendo refletir sobre meus espaços, fazendo comparações com minhas vivências e minha forma de ver o mundo.

Esse foi o motivo pelo qual não utilizei gravador, acreditando ser mais desnecessário do que necessário neste primeiro momento. Em vez de um aparelho gravando nossas conversas, com Flávia eu anotava os pontos mais interessantes de nossas conversas e as frases que acreditava ser mais marcantes sobre suas vivências nos espaços públicos. Aos poucos, obtendo maiores informações sobre ela eu fui conseguindo observá-la melhor.

Também fiz uma série de saídas com Flávia e Fernanda nas semanas que antecederam o Arraiá do Porto, indo as compras no centro da cidade, atrás de tecidos, espumas,

colas e fitas para as peças de roupas que seriam feitas depois pelas dançarinas em seu ateliê. Encontrava com elas no centro da cidade, circulávamos pelas ruas, conversávamos sobre esses espaços e as observava, elas com um enorme conhecimento sobre os espaços da região. Depois eu voltava com o meu carro lotado de produtos comprados e os levava para elas até a comunidade. As saídas nesse formato foram feitas no final do mês de junho e começo de julho de 2017.

Já no ano de 2018, os encontros com Flávia foram em menor quantidade, em seu trabalho no centro, no Terminal de Integração e no ateliê Ibeji. Neste momento, fiz uma série de fotografias a partir dos espaços de circulação dela, que passei a conhecer em nossos encontros anteriores, trouxe essas fotografias a ela com o intuito que essas trouxessem algumas lembranças referente a suas vivências, me possibilitando formar uma certa cartografia afetiva desses lugares em relação as suas sensibilidades. Essa foi a única vez que usei gravador em nossos encontros, pelo fato de já me sentir íntima dela e achar que nesta altura ele já não interferiria negativamente em nossa conversa e pela necessidade da conservação de todas aquelas informações e reflexões feita por ela.

Esse método foi baseado no princípio dos mapas mentais, que se interessam na construção de mapas a partir de representações do que foi vivenciado e experimentado nos lugares por onde passamos, representando o saber percebido e “como o lugar vivido é compreendido pelos cidadãos” (OLIVEIRA, s/pag, 2006) e pelo conceito de cartografia, como um movimento de transformação e não como uma paisagem fixa, dando “língua para os afetos que pedem passagem” (ROLNIK, s/pag, 1989).

Também utilizei deste método em outro momento com Flávia, em que ela construiu a partir dos seus afetos e dos seus espaços de circulação uma cartografia do Porto do Capim, com o intuito de me mostrar onde seus familiares estão localizados assim como os lugares que mais frequenta na região. Cartografia esta que pode ser encontrada no primeiro capítulo deste trabalho.

Diferente das outras mulheres, com Flávia pude estar mais perto do seu espaço doméstico, conheci sua casa, sua mãe, sobrinho e outros familiares, almoçamos juntas na sua casa e vi esta ser reformada e modificada, isso só foi possibilitado pela sua rotina de vida, que centraliza muito em torno do Porto do Capim.

Com Giovana o campo foi totalmente diferente, só estive em sua casa no curtume uma vez, quando conversei com ela pela primeira vez, eu do lado externo e ela do outro lado de uma janela gradeada, em um quarto de sua casa, pois observei que naquele cômodo existia camas. Depois dessa conversa, comecei a ir com ela a seu trabalho, pelas ruas do centro.

Giovana trabalha de segunda a sábado e nos domingos normalmente fica em casa, ainda tentei marcar alguns encontros com ela em sua casa, aos domingos, mas nenhum deu certo, ela sempre me dizia que em sua casa era melhor nos encontrarmos no meio da semana e pela manhã, porque os filhos não estavam e nós poderíamos conversar com mais calma, mas sempre tinha alguma questão que impedia nossos encontros e acabei desistindo.

Dessa forma, o campo com Giovana teve foco nas ruas e no seu espaço de trabalho, todas nossas conversas eram feitas ao caminharmos pelo centro da cidade. Eu ficava colada a ela e a ajudando o máximo que podia no trabalho, entrava nas lojas, carregava, rasgava, dobrava e guardava o papelão no carrinho, seguindo as técnicas de Giovana.

Nesses caminhos nós conversávamos e ela me contava, aos poucos, sua experiência de vida, sua relação com as ruas, ser mulher, seus medos e desejos. Nessas idas, também me relacionava muito com seus filhos, que sempre foram muito carinhosos comigo e ficavam nitidamente felizes quando eu chegava para trabalhar²⁶ com eles.

Como já citei, foi neste campo que conheci Vilma, companheira de Giovana, ao qual pude estar bem próxima e trocar muitas conversas e brincadeiras. Por isso acredito que mesmo este estudo tendo sua centralidade em três mulheres, existem outras, como Vilma, que também se farão, em alguns momentos, presente nos parágrafos deste trabalho, como é o caso de Dona Marta, Fernanda, os filhos de Giovana e tia Dita.

Em nenhum dos encontros com Giovana utilizei gravadores, passávamos a tarde juntas, as vezes fazia anotações pontuais no celular, de frases relevantes ou pontos que não podia esquecer e quando pegava o ônibus para ir embora anotava tudo que tinha na lembrança em um caderno. Devido o balançar do ônibus, as letras contidas neste caderno ficavam as vezes bem difíceis de decifrar, mas eu não queria anotar no celular pois tinha receio de ficar com o celular na mão por um longo período de tempo no ônibus, talvez ser assaltada e perder tudo que aquele aparelho continha de informações e fotografias do campo.

Cada mulher desta pesquisa me possibilitou um maior contato com espaços diferentes da cidade, enquanto que com Flávia eu estava mais no Porto do Capim, com Giovana eu percorria mais as ruas do centro e com Helena passei a estar muito mais em ônibus. Toda essa multiplicidade metodológica aconteceu devido uma questão do campo, em que tive que ir “dançando conforme a maré”, formulando alternativas distintas que possibilitasse os encontros com as respectivas mulheres.

²⁶ Desde o começo, mesmo depois de explicar aos filhos de Giovana que estava ali para fazer um estudo sobre a mãe deles, sempre disseram que eu ia para lá para trabalhar com eles. As vezes que encontrei com eles pelo centro, em dias que não estava fazendo campo sempre me perguntavam, “tu não vem trabalhar mais não é?”

Helena foi mais difícil de encontrar, ela passava o dia entre os estudos e o trabalho, chegava tarde em casa e quase não tinha momentos de folga. Isso fez com que eu tivesse bastante cuidado com seu tempo, já que não achava interessante pedir para nos encontrarmos no único dia que ela podia relaxar. Minha intenção era primeiramente fazer alguns encontros com ela no Porto do Capim, criar algum laço entre nós e depois de conhece-la melhor passar a andar com ela em seus trajetos feitos nos ônibus, como havia feito com Flávia.

Só houve um único encontro com Helena no ano de 2017, no Ponto de Cultura, em uma segunda feira ao qual ela não iria para a faculdade, com o tempo contado porque ela tinha que ir ao trabalho logo em seguida. Ainda tentei ter algumas conversas mais pontuais com ela, com perguntas pelo WhatsApp, mas não deu certo, as respostas eram bem monossilábicas e não conseguia explorar suas respostas, já que essas não traziam muitas informações. Nesse processo fiquei um pouco preocupada e acreditei que ela, pelas suas respostas curtas, não estava interessada em participar deste projeto. Por esse motivo acabei focando muito mais nas outras mulheres, tendo encontros com ela mais espaçados, nas ruas do Porto do Capim, nas apresentações do Xote e nos ensaios.

Foi apenas no começo do ano de 2018, tendo o campo com Giovana e Flávia já adiantados que me voltei a Helena. Pela percepção que tive, o melhor momento que Helena teria para conversarmos seria nos ônibus e a partir de então comecei a fazer os percursos com ela. Nos ônibus pude ter tempo suficiente para estar com ela e conversarmos, conheci algumas de suas amigas de trabalho e de faculdade, que pegavam ônibus no mesmo ponto e uma que voltava com ela todo dia até o ponto do Porto do Capim, depois do trabalho, a amiga continuava até o Terminal de Integração.

O barulho do ônibus, das ruas e as paisagens dos percursos embalavam nossas conversas e até a temática dos assuntos, como foi o caso da Festa Junina, em que começamos a temática neste assunto só após escutarmos um trio de forró tocando em um ponto de ônibus ao qual passamos. Os homens que entravam eram tema de conversa, os assentos ao qual sentávamos, assim como os olhares do cobrador, já conhecido por ela e todo aquele universo que o andar de ônibus trazia a nós.

“Essa casa é linda, eu paquero com ela todo dia” apontava e continuava “botar uma rede ali!” e voltávamos para nossa conversa no trajeto para o seu trabalho. Por momentos o abrir e fechar de portas do transporte público nos atrapalhava, normalmente velhas, as portas faziam um tremendo barulho e muitas vezes eu soltava um “oi?” ou “o que?”, na busca por uma repetição das suas palavras.

Acho que o campo com Helena foi o mais maduro deste trabalho, talvez por já ter passado pelas outras duas mulheres, me sentia mais segura nas conversas que tinha com ela, no saber escutar e no deixar ela falar. No começo do campo me sentia muita insegura com toda a possibilidade etnográfica de observação, encontros e trocas e não sabia muito o que fazer com tudo isso.

Com Helena usei gravador algumas vezes, pois tinha muita dificuldade em anotar qualquer coisa no balançar dos ônibus, no começo fiz assim mesmo, e na volta, também no ônibus, terminava de anotar alguma coisa que me escapava na palavra escrita enquanto estava com ela. Demorei para usar o gravador por dois motivos, primeiro porque acreditava que não daria para escutar muita coisa devido os ruídos que são bem altos dentro do transporte coletivo e pelo medo, já descrito aqui, de ficar com um celular na mão gravando o que ela estava a dizer. Mas em uma primeira tentativa percebi que podia colocar o celular, gravando, no bolso lateral da minha mochila, com um tecido tipo de rede, permitia captar o som externo e os ruídos do ônibus, por mais altos que fossem, em casa e com bastante calma, eu conseguia escutar toda nossa conversa.

Além de todas essas especificidades, com as três mulheres eu tinha contato via Messenger e WhatsApp, assim como tínhamos “amizade” no Facebook e Instagram. Esses dois últimos foram pouco relevantes para este estudo, o que mais observava eram os eventos do Ponto de Cultura, do Xote das Meninas e os trabalhos das gêmeas no ateliê Ibeji. O Messenger e o WhatsApp eu utilizei principalmente para marcar os encontros e uma ou outra dúvida mais pontual que tinha sobre a rotina ou história de vida delas.

Sobre a não utilização de filmagens e/ou fotografias, decidi optar pelas descrições e ter um maior cuidado e atenção às palavras escritas do que as imagens produzidas, mesmo achando que ela poderia engrandecer meu trabalho, foi uma escolha que fiz, baseada nas minhas vontades e desejos. Quis primeiro aprender a observar e a escrever.

QUANDO ESCREVO

Escrever é uma das tarefas mais árduas e difíceis que já tive, um processo lento, cheio de medos e inseguranças, me colocou o tempo todo em uma balança que alternava entre sentimentos bons e ruins, me enchendo de questionamentos sobre o próprio lugar em que eu estava, um lugar de poder, poder de fala e poder da escrita.

T. Minh-ha afirma como o escrever, ler, pensar, imaginar e especular são atividades de luxo. Por ser mulher escritora, vindo de país do 3º mundo, sente que carrega um peso e uma

culpa muito grande pela sua profissão e seu ato de escrever em relação as tantas outras mulheres da sua região que são impossibilitadas pelo contexto em que vivem. Acredita ser possível existir uma antropologia mais poética e menos hierarquizada, em que pesquisadores possam ter uma maior consciência do seu lugar e de suas visões.

A “autoantropologia” de Strathern, nos mostra o quanto esse fazer antropológico diz muito de nós pesquisadores e nos coloca em xeque diante a nossa própria sociedade, ajudando-nos a desconstruir signos e significados antes fixos e óbvios para nós, referentes ao “nosso mundo”. Fazendo com que nos coloquemos e nos analisemos mais nessa experiência que é o fazer antropológico.

Do ponto de vista de Maluf, nas ditas antropologia das sociedades complexas existe uma maior autoconsciência da operação inventiva da noção de “outro” e uma maior necessidade do estranhamento e distanciamento a essa sociedade, que também é da/do pesquisadora/dor. Outra interessante contribuição seria a crença de Strathern de que “precisamos ter uma consciência da forma assumida por nossos próprios pensamentos, pois precisamos ser conscientes de nossos próprios interesses na questão” (SATRATHERN, 1988), penso que dessa forma não seria suficiente negar ou depreciar seu olhar sobre o “outro” enquanto antropóloga, mas entender seu lugar, seu interesse e sua forma de vê-los.

O texto “O compromisso da escrita espelhada”, de T.Minh-ha, viria para apimentar ainda mais essa discussão, “nativa” vietnamita, escritora e mulher, já foi a “nativa” estudada, e hoje vive na parte Ocidental do globo terrestre, tendo assim uma noção de duplo vínculo. Minh-ha fala sobre o caráter positivista da escrita científica, que busca códigos e acredita dar uma falsa definição do real, vê a antropologia como aquilo que endurece e solidifica uma sociedade. A grande questão da escrita se dá no: Quem vai determinar a dominação? Para ela, a própria linguagem. A linguagem pode ser trabalhada em um oposto de possibilidades, ou para fortalecer a universalidade inclusiva ou na hierarquização das verdades e na exclusão das falas inelegíveis (BUTLER, 2017).

A proposta de Minh-ha seria sair do caráter científico para apenas se colocar diante do outro, buscando assim uma forma mais espiritual e poética para a escrita antropológica, um tipo de *bricolage*. A própria linguagem/ escrita tem uma forte relação de dominação, falocêntrica, “o ‘sexo’ feminino é um ponto de *ausência* linguística” (BUTLER, 2017, p. 33), criada por homens brancos, normativa e usada principalmente para a circulação de relações de poder estabelecido. A antropologia nasce nesse berço, o berço da “autoridade antropológica” de Malinowski, homem branco, letrado na norma culta e europeu.

Por essas questões minha escrita se tornou algo tão intenso, como uma auto avaliação, da minha relações com o mundo, com a cidade, do meu próprio andar, do meu olhar, do ser mulher e principalmente de como me relacionar e olhar para essas mulheres e seus corpos neste estudo, como fazer algo que seja mais do que apenas uma análise do outro.

Pela ânsia de ampliar a capacidade criadora e inventiva que há em nós e pela necessidade, que encontrei na descrição, de uma maior fluidez e equilíbrio entre os espaços, as personagens, as análises e eu, mesmo estando neste mundo acadêmico, que por si só é exclusivista, espero que com este estudo, a própria prática antropológica, a experiência etnográfica e a escrita possam ter me possibilitado alguma mudança das características mais sólidas do fazer ciência.

UM ESTUDO FEMINISTA

Parafraseando o título do texto de Strathern, espero que este trabalho tenha sim um lugar reservado no debate feminista. Tive um cuidado ao escrever sobre mulheres e principalmente sobre as três mulheres deste estudo, com todas suas especificidades de vida, busquei contextualizar o máximo possível toda minha experiência com este campo, espaços e pessoas, para que a/o leitora/o possa perceber de forma mais clara todos os questionamentos que faço aqui.

Me pergunto, o fato deste estudo ser centralizado em três mulheres já não conta, por si só, como um debate feminista? Gosto de pensar sobre o feminismo como um debate possível de estar em todos os lugares e em todas as pessoas, sendo em um estudo sobre três mulheres ou qualquer outro tipo de existência humana. A resposta para minha pergunta está na perspectiva que você toma para si ao olhar para o outro.

Primeiramente trago aqui um debate que se baseia na experiência vivida, tanto a minha quanto as delas, ao qual precisei mesclar para aqui chegar. Não creio na anulação de si no campo nem na escrita, não apenas pela impossibilidade desta tarefa, mas pela necessidade de me colocar. Citado por Beauvoir, existe na perspectiva de Hegel, uma hostilidade humana em relação a qualquer tipo de outra consciência, tentando sempre uma autoafirmação, um princípio de oposição ao outro para se tornar essencial (BEAUVOIR, 2016), assim como uma repulsa de corpos, que se estabelece e “consolida identidades culturalmente hegemônicas em eixos de diferenciação de sexo/raça/sexualidade.” (BUTLER, 2017, p. 231). Esse paradigma permeia este trabalho, ao entender que o processo de circulação da mulher se dá de uma forma

distinta dos homens²⁷, questionando a naturalização da relação entre os gêneros, a raça, os lugares, as formas e as possibilidades de ocupações dos espaços da cidade.

Assumo que em todo período da feitura deste e para além dele, veio/vem em mim uma eterna vontade de mudança e entendo como essa ideia naturalista das relações e das condições da mulher impede qualquer tipo de mudança possível. Por isso há aqui uma crítica a esta perspectiva naturalista e a aproximação as vivências dessas mulheres para identificar outras formas de ver essa realidade desigual, não como uma vitimização, mas como uma resistência a todo um discurso fundador de desigualdades e comportamentos.

Além disso, tenho como perspectiva corpos femininos, negros e de baixa renda, que necessitam de toda uma especificidade do olhar, pois são corpos que por si só convivem com as experiências de conflitos proporcionado por uma sociedade machista, racista e classista, parto, metodologicamente, do cuidado em perceber toda uma dinâmica entre essas mulheres e a realidade vivida.

Importante e necessário ao debate feminista é a discussão da interseccionalidade, não há ampliação da discussão se não entendermos que as relações sociais se dão há depender do gênero, da raça e da classe e que não existe grandes autonomias entre essas três identidades sozinhas. O gênero não dá conta da subordinação e da opressão da mulher sozinho, não podemos deixar de pensar na influência de uma identidade sobre a outra e vice-versa.

A teoria da interseccionalidade tem que ser pesada como uma identidade multiplicada e não adicionada, dessa forma, em vez de pensarmos a mulher + negra + pobre, essas teriam que ser analisadas como “partes integrais, inter-relacionadas de um todo complexo, sinérgico e infundido que torna tudo completamente diferente quando as partes são ignoradas, esquecidas ou não nomeadas” (NOGUEIRA, 2017, p. 147).

Mas meu estudo surgiu da percepção dos corpos femininos como resistência na cidade, dessa forma, tenho consciência que deixei a desejar no contato com as questões raciais dessas mulheres, não uma ausência, pois existe um debate aqui, mais faltou tempo para poder entrar em uma questão tão delicada e talvez um pouco de tato, para saber como e quando falar sobre essas questões com as três mulheres.

Por isso não sei o quanto dou conta dessa perspectiva metodológica, busquei treinar meu olhar e minha escrita para alcançar o máximo possível dessa multiplicação

²⁷ Acredito que a identidade de gênero seja um fator fundamental de distinção na forma como se utiliza a cidade e de como outras pessoas as/os veem, mas este trabalho apenas se propõe a discutir a questão da mulher na cidade.

identitária, com o que captei no campo, sabendo que por vezes dei “bola fora”, me atentando muito mais para o fator gênero do que para os outros. Como mulher x branca x de classe média percebo que tenho muito ainda que escutar, ler, observar para poder afirmar a feitura de um trabalho com princípios totalmente interseccionais, como gostaria que fosse e como acredito que deva ser. Mas espero que aqui tenham fagulhas que tragam a luz alguns questionamentos necessários a serem feitos em nosso cotidiano na cidade e como essas desigualdades podem ser pensadas.

CAPÍTULO 3. CORPO, TRAJETOS, GÊNERO E RAÇA NA CIDADE

3.1 CORPO E TRAJETOS

3.1.1 PROCESSOS DE CORPORIFICAÇÃO SOCIAL

Temos corpos e vivemos, necessariamente com ele, dele e sobre ele. Meu corpo que é diferente do teu corpo e diferente do corpo das mulheres do Porto do Capim. Mas, o corpo é o mesmo no sentido de que é através dele que experimentamos vivências, que sentimos e formamos nossas sensibilidades. “Todo o um universo do agir, pensar e mover-se, passa obrigatoriamente pela dimensão do corpo” (FERREIRA, 2010, p. 87).

“Antes de qualquer coisa a existência é corporal” (LE BRETON, 2017, p. 07), dessa forma, só é possível sermos quem somos devido à um corpo, só é possível existir vida por conta de um corpo. Qual seria a existência sem um corpo? Não seria nem minha nem sua, não caberia a nenhum de nós, somos seres corporais. O corpo é a nossa ligação com o mundo, é o que nos faz existir em um mundo e vivenciar o que nele existi, respondendo, através do corpo, aos estímulos sofridos por ele. Acredito ser através dele que construímos a percepção de nós mesmos e do mundo em que vivemos.

A década de 1960, viveu um momento central na discussão sobre o corpo, utilizando-o como uma forte crítica em oposição às condições e representações corporais, assim como ao discurso de corpo disciplinar. Era um momento da libertação do corpo, a “revolução sexual” e o feminismo, foram movimentos fundamentais nesses questionamentos. Mas, essa libertação, para Le Breton, consciente ou inconscientemente, acabou por opor o indivíduo ao seu corpo, possibilitando uma análise e compreensão do corpo fora do sujeito (2017, p. 10).

Uma das grandes indagações relacionadas ao corpo é a questão da percepção, que estudada enquanto tal, foi por muito tempo desvinculada das dinâmicas sociais, sem nenhum tipo de contextualização do sujeito com suas experiências culturais. Junto aos estudos do corpo, o interesse na percepção estava muito mais sobre as questões da objetificação da própria cultura e da percepção imediata (CSORDAS, 2002, p. 140).

O corpo, por muito, foi visto desvinculado da mente, na crença de que seria a mente quem objetificava o corpo, dessa forma, para o sujeito, o corpo era mais um elemento dentre tantos outros. Le Breton cita Merleau-Ponty para mostrar que esse seria um primeiro nível de desenvolvimento, mas que para o adulto já desenvolvido, esse fato não seria o ponto final da sua percepção corporal (CSORDAS, 2002, p. 141).

Nessa perspectiva, a percepção não se daria apenas na mente, mas igualmente no corpo e este se formaria enquanto “uma configuração em relação ao mundo” (Merleau-Ponty, *apud* Csordas, 2002, p. 141). Para Csordas, que buscou compreender um corpo sujeito em contrapartida do corpo objeto, no “nível da percepção não é legítimo distinguir mente e corpo” (2002, p. 141). Esse corpo deve ser reconhecido pelo que ele é, a partir das suas vivências e não como um objeto entre tantos outros. O corpo é um indivíduo no mundo.

Creio, a partir dessa questão, como Durkheim, que o corpo é um dado do indivíduo, com suas próprias experiências e subjetividades: “é preciso um fator de individualização, é o corpo quem faz esse papel” (DURKHEIM, *apud* Le Breton, 2017, p. 28). O corpo permite que você se diferencie do outro, não apenas pelas questões físicas, mas por questões de vivências e pelas suas leituras do cotidiano.

Flávia, Helena e Giovana tem corpos que vivem e vivenciam a cidade, o Porto do Capim, as ruas, suas casas, seus amigos e pessoas desconhecidas. Elas não conseguiriam existir sem seus corpos, assim como não conseguiriam existir fora das relações sociais. Cada uma tem seu corpo, que não é igual, pois cada uma delas, mesmo morando na mesma comunidade, vive experiências distintas, e cada uma dessas experiências são acumuladas de alguma forma em seus corpos, as formando e transformando no indivíduo que elas são, com suas próprias subjetividades.

Em “Sociologia do Corpo”, Le Breton afirma que o “corpo é similar a um campo de força em ressonância com os processos da vida que o cercam” (2017, p. 26), por isso seria impossível pensar esse corpo fora da dinâmica social, já que é aí em que ele reside. Por ter, o corpo, essa relação intrínseca com o mundo e ser reconhecido por suas experiências e vivências em sociedade, acredito que todos tipos de expressões corporais são construídas em sociedade e

influenciadas por ela. Uma sociedade se faz de corpos assim como os corpos se fazem em sociedade. Existe uma troca fundamental corpo-social nessa existência corporalizada.

Carregamos o social em nosso corpo, como um reflexo, que Sônia Maluf denomina de “dimensões corporificada da experiência” (2001, p.95), cada corpo tem diferentes experiências cotidianas, essas experiências vão sendo transformadas em sensibilidades corporais individuais. Todas nossas experiências de vida são afixadas em nossos corpos, de alguma forma, consciente ou inconscientemente, como um contexto particular da sua existência (MALUF, 2001).

Giovana trabalha na rua, como catadora de material reciclável, vivencia o centro da cidade de João Pessoa diariamente, conhece os espaços e muitas pessoas que por lá circulam. Como resposta a alguns estímulos da cidade, seu corpo reage. Por trabalhar na rua, consegue entender melhor que outras pessoas os fluxos e dinâmicas desse espaço.

Existe uma certa subdivisão entre os catadores do centro, uma lógica bem específica de quem pode pegar papelão em cada loja, ou mesmo por território, possibilitando que uns trabalhem ou não em diferentes espaços. Algumas lojas já são “marcadas”, não existe nenhum sinal ou algo do tipo, só sabe quem trabalha na rua, e se um catador pegar o papelão na loja de outro pode vir a existir algum tipo de conflito entre eles.

Seu corpo, ao andar pelas ruas em busca de papelão, automaticamente passa por essas lojas mais rápido, não entra e nem observa seu interior e sua calçada (lugar onde os lojistas jogam as caixas fora) para saber se tem papelão, faz isso devido sua vivência, pois sabe onde pode ou não fazer seu trabalho. Foi ela quem me chamou a atenção, no primeiro dia de campo, quando, sem conhecer essa dinâmica e na sede de estar junto e ajudá-la em seu trabalho eu entrava em todos os lugares pedindo caixas, foi neste momento que ela me explicou como em algumas lojas não podíamos pedir as caixas, pois era de outra catadora, apontando para as lojas que seriam possíveis pedi-las. Me mostrava essas lojas apontando com o dedo, contando que, pegar caixa na loja de outro catador poderia gerar uma briga. Esse possível conflito trouxe reações à seu corpo, de medo, por exemplo, e pela vontade de evitar um conflito, seu corpo fica alerta aos espaços possíveis ou não de trabalho.

Nossas sensibilidades e sensações são socialmente adquiridas, mas também podem mudar conforme passamos por momentos distintos, construindo e reconstruindo todas elas. As técnicas corporais e gestos devem ser pensadas da mesma forma, enquanto construção social, partindo das nossas próprias vivências.

A cada instante decodificamos sensorialmente o mundo transformando-o em informações visuais, auditivas, olfativas, táteis ou gustativas. Assim, certos sinais corporais escapam totalmente ao controle da vontade ou da consciência do ator, mas nem por isso perdem sua dimensão social e cultural. (LE BRETON, 2017, p. 55).

Acontece que na maioria das vezes não notamos o momento exato da construção dessas sensibilidades ou técnicas em nosso corpo, justamente por não estarmos vinte e quatro horas no dia atentos a esses processos. Eles ocorrem nos acasos com a vida, no reflexo muitas vezes inconsciente de nossas vivências.

Quando, em uma de nossas conversas, perguntei a Flávia se achava que tinha algum tipo de técnica para evitar certas abordagens, pois havia acabado de falar sobre assaltos em ônibus, ela negou, disse apenas que ficava prestando muita atenção às pessoas. Esse ato, por si só, já seria uma postura corporal tomada por ela, na tentativa de evitar algum tipo de abordagem, tornando-se mais atenta às pessoas pelos lugares onde anda. Mas esse movimento, de maior observação e atenção, não foi notada por ela como uma resposta à insegurança que sente nas ruas.

Na semana seguinte, ao encontrá-la para mais uma conversa, a primeira coisa que me falou foi que tinha pensado muito na minha pergunta e tinha percebido muitas de suas posturas ao estar na rua, percebendo como as tinham sido criadas em resposta aos seus medos, como andar sempre com a bolsa para frente, não andar com celular na mão em lugares escuros ou que percebesse algum tipo de perigo, andava mais perto de mulheres do que de homens, entre uma série de outras técnicas listada por ela que discutiremos mais à frente.

Descrevi esse fato aqui, justamente para mostrar o quanto não notamos muitos de nossos gestos, assim como muitas vezes não relacionamos estes com algum tipo de vivências que tivemos, apontando assim para uma falta de atenção às nossas corporalidades. Le Breton aponta para essa questão, ao afirmar que nossos corpos acabam por se diluir no automatismo dos ritos diários e a vida corporalizada acaba sendo percebida apenas “no silêncio do órgão” (LE BRETON, 2011). Essa seria uma característica da sociedade ocidental, que deixou de prestar atenção no seu corpo e o silenciou. A atenção ao corpo se restringiria à saúde dos órgãos e a “ostentação do corpo” (LE BRETON, 2011, p. 195), influenciada principalmente pela publicidade.

Tanto Flávia quanto Helena afirmaram, em conversar separadas, o quanto “de um tempo pra cá” estão pensando mais nos seus corpos, nos seus corpos femininos e como eles são olhados e observados por homens de uma forma que as incomoda muito. Percebendo elas, que

com esses olhares masculinos, seus corpos pareciam apenas objetos sexuais a serem desejados, única e exclusivamente.

Essa fala fortalece o argumento de Le Breton sobre esse olhar ocidental de “ostentação do corpo”, um corpo que parece servir apenas para ser cobiçado e devorado. Em oposição, preocupo-me com essas corporalidades não olhadas, até mesmo pelos seus próprios sujeitos, acreditando nesse corpo como o “lugar e o tempo da condição humana” (LE BRETON, 2011, p.203), tentei me levar nesse olhar por corpos que vivenciam experiências.

São exatamente esses fluxos entre corpo-social, esses reflexos contidos no corpo, das experiências vividas que me interessa. Interesse-me por esses pedaços de experiência deixado no corpo, com ou sem a percepção do sujeito, mas que ficou, enquanto algum tipo de sensibilidade, marcado no corpo. É daí que inicia minhas intrigas sobre esses corpos: Como olhá-los e como perceber esses reflexos?

Marcel Mauss, em seu artigo “As técnicas corporais”, tenta mostrar como as formas de andar, dormir, nadar, sentar, comer etc., tem um certo padrão e variam de uma cultura para a outra, sugerindo que o estudo dessas técnicas corporais possibilitaria uma compreensão dos fenômenos que vão para além dos corpos, chegando mais perto das experiências coletivas e individuais. Cada técnica corporal estaria ligada mais aos processos culturais do que as questões individuais.

Entendo como esses reflexos nos corpos são socialmente moduláveis, não fazem sentido ser pensados apenas individualmente, todo corpo faz parte de um grupo social (LE BRETON, 2017, p. 09). Giovana, Flávia e Helena são mulheres, e por serem, se identificam por vários motivos com outros corpos femininos, como, por exemplo, quando escutam falar, “Isso não é postura de mulher” ou “Uma mulher que se dê o valor não se veste dessa forma”, todas essas mulheres, enquanto grupo social, enfrentam a cultura do machismo todos os dias, que lhes impõem posturas permissíveis ou não.

Mas, acredito que Bourdieu dá um passo além nessa discussão sobre as técnicas corporais feita por Marcel Mauss, tratando o conceito de *habitus* não apenas como uma “soma total de usos culturalmente padronizados do corpo numa sociedade” (CSORDAS, 2002, p. 109), que, no meu ponto de vista, percebe o corpo de forma passiva, acabando com toda a possibilidade de agenciamento desses sujeitos corporais, do qual, nessa concepção, esses sujeitos seriam apenas o reflexo da cultura em seus corpos, um “agente reduzido ao papel de suporte” (BOURDIEU, 1998, p. 61).

Para isso Bourdieu, troca o conceito de *hábitos*, pelo *habitus*, com o qual:

[...] eu desejava pôr em evidencia as capacidades <<criadoras>>, activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, como em Chomsky – o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em acção: [...] (BOURDIEU, 1998, p. 61).

Minha busca pelo conceito de *habitus* está na crença da existência de uma força criativa e criadora em cada sujeito, em um agenciamento, entendendo que os sujeitos também têm uma forma ativa de existência corporal e não apenas uma passividade em relação à cultura. Na perspectiva de Connet, para “compreender a corporificação social é preciso reconhecer a agência dos corpos; não apenas sua materialidade como objetos, mas igualmente seu poder produtivo em relações sociais” (CONNET, 2016, p. 48). Pensar essas mulheres do Porto do Capim nessa ótica, como sujeitos produtores de relações sociais, significa entendê-las ativamente nas ruas da cidade.

Mais à frente trago a discussão referente a questão do ser mulher na cidade, para pensarmos juntamente a esses agenciamentos corporais femininos, no caso de Helena, Giovana e Flávia, ao andarem pelas ruas da cidade, entendendo que tipos de *habitus* acabam sendo criados por essas mulheres para permanecerem no seu andar, entendendo a rua como um espaço de prazer, mas também de violência e insegurança.

3.1.2 IR PARA LONGE AO ENCONTRAR COM O OUTRO DIFERENTE DE SI

Flávia diz não sair muito de casa nos finais de semana, mas gosta de levar os sobrinhos para andar de bicicleta e passear no Parque Sólon de Lucena, local chamado pelos moradores da cidade de Lagoa, devido a lagoa que se encontra no centro deste parque. O local, reformado em junho de 2016, se tornou um espaço de lazer para a população, com pistas de bicicleta, área verde, mesas de xadrez, parquinhos infantis, lanchonetes – que não podem vender bebidas alcoólicas, assim como também são proibidos vendedores ambulantes no local – e atrações musicais, principalmente de finais de semana.

Vai sempre ao Ponto dos Cem Réis para ver as quadrilhas na época da Festa Junina e diz ir muito no Terceirão, galpão cheio de pequenas lojas que vendem principalmente aparelhos e peças eletrônicas, assim como todos os tecidos e peças necessárias para fazer as roupas do Xote das Meninas também serem compradas nas lojas centro. Fazia compras no

Mercadão Central, mas como hoje sua família tem carro vão até Bayeux ou no Atacadão, lugares bem mais distantes da sua casa.

Circula e vivencia muito o Porto do Capim, principalmente devido sua participação política e cultura na região e seu ateliê de trabalho, que se encontra ao lado da sua casa. Dessa forma, grande parte dos seus trajetos são feitos na região central da cidade, muito pela facilidade de circulação, já que é nesta região onde mora. O que não significa dizer que são apenas estes os lugares por onde circula. Todo dia sai do Porto para ir a Faculdade e trabalhando no projeto federal de distribuição do kit digital, teve que estar em diferentes lugares da cidade diariamente, e pelo formato do trabalho, entrando em contato com pessoas desconhecidas e de diferentes lugares.

Também vai a algumas casas que tocam samba em outras regiões que não a central, em momentos de lazer, como o bairro do Bessa, oposto de onde mora e mais perto do mar. Por mais que faça muito tempo que não vai, adora ir à praia do Cabo Branco, não para ficar na parte denominada de “Praia do oi”, gosta de ficar mais distante. Quando adolescente ficava muito com sua turma, ainda na praia do Cabo Branco, no local em frente ao SESC, devido um mercadinho que tem ao lado, por ter produtos mais baratos que os restaurantes da orla, assim podiam comprar bolachas e refrigerantes para matar a fome no meio do dia de sol. Por ter acesso fácil de ônibus entre o Porto do Capim a praia do Cabo Branco e a praia de Tambaú, estes locais se tornaram espaços mais frequentado por ela, que também vai a feirinha, região da orla mais turística, cheia de bares e lojinhas de roupas e produtos regionais, onde gosta de comer pizza.

Giovana tem um trajeto já pronto em sua cabeça, as ruas e lojas ao qual vai passar todos os dias, passa pela mesma rua mais de uma vez, porque cada loja joga suas embalagens de papelão em momentos diferentes e ela tem que garantir o máximo de papelão possível. Algumas lojas jogam o papelão na frente, como lixo e com outros lixos, outros entregam em mãos quando ela passa e pede, dessa forma é melhor, porque o papelão não se junta com o lixo do banheiro ou restos de comida. Em algumas lojas, Giovana tem maior contato com os vendedores e ficam conversando, normalmente perguntam sobre os filhos, quando eles não estão com ela, falam sobre o clima, sobre alguma festividade da época – São João ou Carnaval – ou comentam sobre algum conhecido da região, em outras lojas ela apenas fica em pé, na frente, normalmente apoiada nos postes, esperando a entrega do papelão. Os lojistas da “Casa Wang, presentes e importados”, que fica na rua Barão de Abiaí são os mais simpáticos, chamam ela pelo nome, conversam e dão risadas.

Acredito que uma das grandes forças da cidade é exatamente essa dispersão, creio na importância desses fluxos para a cidade e vejo o estar na rua como um ir mais longe, para

além do conhecido, proporcionando às pessoas uma maior “mistura urbana”. Agier escreve, a “cidade é feita essencialmente de movimentos” e a rua, enquanto espaço público, seria o local fundamental desses movimentos, possibilitando encontros, desencontros, estranhamentos e identificações entre os diversos passantes.

O sistema capitalista atual, acabou por – comandando as construções nas cidades – formar e criar um conjunto de regras de utilização e circulação dos espaços, conferindo aos moradores, um conjunto de disciplinas que devem ser seguidas sobre o estar na cidade. Dessa forma, a crença na liberdade do ir e vir, pode ser repensada. Vivemos hoje o medo das ruas e dos espaços abertos, cada vez mais esbarramos em construções fechadas e muradas, a propriedade privada toma lugar dos espaços públicos e o padrão “nem todo mundo pode entrar lá” se torna a solução para alguns dos problemas da cidade atual, a violência.

Existe um discurso, propagado fortemente pela mídia e fortalecido pelas políticas públicas de segurança, sobre a violência. Uma sensação de medo é difundida para todas as classes sociais e dois pontos, consequência desse discurso da violência na cidade, me interessam discutir aqui. Primeiramente podemos pensar a transformação da arquitetura das cidades, tanto as classes baixa, média ou alta, tiveram seus espaços de moradia transformados em locais cada vez mais fechados e voltados para o interior. Estes seriam os “enclaves fortificados” descritos por Teresa Caldeira, construções de moradias fechadas, por muros ou grades, representados principalmente pelos condomínios, um local coletivo, mas privatizado e restrito, desvalorizando espaços abertos e públicos (CALDEIRA, 2016).

Os prédios e principalmente os condomínios fechados, são os maiores e melhores representantes da categoria dos enclaves fortificados, muitos oferecem em seus interiores, academias, sala de cinema, sauna, espaços de lazer, restaurantes e até mercadinhos, uma “segurança perfeita na crescente insegurança da cidade”²⁸, como um mundo diferente e melhor do existente do lado de fora dos muros (CALDEIRA, 2016). Reproduzem assim, um imaginário de violência externa e da necessidade absoluta da proteção proporcionada pelos enclaves, fazendo com que os moradores destes espaços evitem cada vez mais as ruas e frequentem cada vez mais lugares fechados.

No Porto do Capim, por exemplo, também podemos observar a formação de algumas fortificações. Muitas casas são gradeadas, mesmo que na lembrança de Flávia, nunca ter havido casos de invasões. As casas das três mulheres deste estudo são gradeadas, com o

²⁸ Anuncio de um condomínio em 1975 no jornal Estado de São Paulo.

intuito de dar maior proteção e tranquilidade aos moradores. No tempo desta pesquisa, vi alguns muros sendo erguidos e grades sendo colocadas em algumas casas do Porto.



Figura 6. Comércio conjugado a casa, Porto do Capim (2017). Foto: Sarayna Martins Mendes.



Figura 7. Casa em construção, toda murada e porta de entrada para o Curtume, ocupação feita em 2013, Porto do Capim (2017). Foto: Sarayna Martins Mendes.

A diferença dos enclaves fortificados da classe baixa e da classe média e alta é o grau de impessoalidade que isso vai gerar, sendo este o segundo ponto que quero tratar aqui como consequência do discurso da violência na cidade. No caso do Porto do Capim, os moradores ainda usufruem do espaço público e frequentam a rua como um lugar não só de passagem, mas também de lazer. Na região, os espaços da rua são utilizados pelos moradores, nas brincadeiras das crianças, as conversas em frente as casas, até as festividades feitas na rua, como a Festa Junina, mariscadas para arrecadação de fundos para o Ponto de Cultura, a Procissão de Nossa Senhora da Conceição e os ensaios do Xote das Meninas.

Flávia organizou um time entre as mulheres da comunidade, de baleado²⁹. A ideia surgiu depois que passou por uma praça perto de casa, onde alguns catadores de reciclável guardam o que foi recolhido, “a galera do papelão faz uso geral ali depois que ocuparam, [...] ocuparam tanto o espaço que tava desocupado do galpão, quanto da praça”, no momento que passou tinham algumas meninas jogando baleado e na hora sentiu saudades, ali no Porto do Capim o baleado sempre foi um jogo feminino, me explicou e que as crianças não brincam mais

²⁹ Também conhecido como queimada.

Elas tinham um grupinho de meninas que faziam times e jogavam contra outros subgrupos da comunidade. Decidiu então “provocar” as meninas para voltarem a jogar, até pensou em fazer um time do Porto para jogar com o time do papelão, se referindo as mulheres que viu jogando na praça, isso ia fazer bem para todas, porque além de ser um espaço para as mulheres se juntarem, também iriam se divertir e conheceriam gente nova, me explica. Montaram um time já no final da escrita deste trabalho, não consegui acompanhar esse processo pessoalmente, mas elas passaram a se juntar quase todos os domingos e feriados, jogam entre elas mesmas, um grupo de pelo menos 8 mulheres, na rua das madeireiras – rua Visconde de Inhaúma – porque lá, aos domingos e feriados, com as lojas fechadas, fica sem movimento de carros e tranquila para o jogo.

O andar de Flávia pelas ruas trouxera memórias de uma infância vivida e aproveitada na rua, no convívio, brincadeiras e jogos, ao mesmo tempo que a fez, a partir desses afetos vividos, reorganizar um time em seu bairro, contribuindo para a permanência dos contatos feitos na rua, muito valorizado por ela, que fortalece a “unidade da vizinhança”, neste caso, principalmente as relações entre as mulheres, além de ampliar sua percepção em relação as ocupações e espaços da cidade, quando afirma para mim que esta praça em questão só não está desativada porque existe a ocupação que dá uso ao lugar.

No meu caminhar pelo Porto do Capim, sempre esbarrava com pessoas conhecidas na rua, parava e passava algum tempo perdida nas lembranças dos outros, como fiz muito com Dona Marta, que me contava seus passeios pelo Rio e finais de semana que ia de barco junto com toda a família para a maré, pegava marisco e faziam churrasco. Ela adorava me mostrar seu terreno, onde estava fazendo uma horta, além de fazer questão de mostrar a casa do filho, o salão de cabelereiro – seu filho é cabelereiro – o quarto e o banheiro, que ele mesmo havia construído, tanto a casa dela quanto do filho foram construídas por eles e seus outros irmãos e ambos se encontram na ocupação do Curtume. Se me visse pela rua gritava “ô abençoada!” e eu sempre ia em sua direção, receber aquele abraço e tomar um café sentada na caçada, na saída era sempre “fica mais, é muito cedo” e percebia nela uma vontade de ficar ali trocando conversas o maior tempo possível, como fazia com tantas outras pessoas que via passar e sentar a sua porta.

O Ponto de Cultura é um espaço central na comunidade, não só devido as atividades mas porque é onde a internet pega melhor, dessa forma tornou-se um lugar de encontro, onde os adolescentes se juntam quando vai anoitecendo, as crianças ficam brincando na frente e muitos adultos se sentam para olhar seus filhos, conversar e também usar a internet, lá também

é o ponto de encontro para todas as saídas que o Xote das Meninas fazem, se trocam na parte de dentro e fazem a saudação do lado de fora, na rua, em que uma grita “Xote” e as outras respondem “das Meninas”.

O processo de arrumação para as apresentações é sempre muito bonito, as mais velhas arrumam as mais pequenas e Flávia, Fernanda e Helena ficam sempre afirmando a beleza das meninas da comunidade. Quando as apresentações são perto, elas vão todas juntas a pé, cantando e dançando pelo trajeto, em uma dessas saídas, ainda no Porto do Capim, escutei tia Dita dizendo para irem pela rua das madeiras, “para que eles saberem que tem criança aqui”, pois é comum vermos caminhões bem grande andando pelas ruas do Porto do Capim, no ponto de vista de muitas moradoras, eles dirigem sem se preocupar com as crianças.

Pude também acompanhar uma aula de dança, dada por uma professora voluntária às crianças da comunidade, ao final, eles faziam uma roda, com uma criança de cada vez ao centro, todas as outras a massageavam e passavam energia uma para outra, ao final, se abraçavam. Todas essas trocas são feitas nos espaços da rua e/ou em um espaço totalmente aberto à comunidade, como o Ponto de Cultura, fortalecendo ainda mais os vínculos entre esses moradores.

A própria Tia Dita, eu encontrava sempre na rua, muitas vezes acompanhada de alguma criança que estava cuidando ou indo resolver alguma coisa no banco ou no centro para um morador da região, quando perguntei como faria para encontrá-la, pois queria entregar umas roupas a ela, ela me respondeu que para achá-la era só passar a tarde que ela estaria de baixo do pé de manga, na frente da Praça do Quém Quém, sentada nos bancos. Encontrei tia Dita algumas vezes varrendo aquele espaço, que não é dela, mas que ela cuida, coloca água nas plantas e descansa na grande sombra que se faz a tarde.

Todas essas formas de relações descritas acima não são vivenciadas pelas classes mais altas, que além do temor que essa violência possa entrar dentro de casa, acreditam que parte dela também se encontram nos espaços públicos, por isso passam a evitá-lo, mudando totalmente a relação dessas pessoas com a cidade. A saída dos moradores dos condomínios e edifícios se faz majoritariamente dentro de carros, muitas vezes com uma única pessoa dentro, com vidros levantados, fumes e alguns blindados. Os shopping centers e conjuntos de escritórios também são considerados enclaves fortificados e grande parte da classe média e alta frequentam apenas lugares fechados como estes. Esses espaços fechados modificam a paisagem urbana assim como transformam as formas de andar na rua, fortalecendo a segregação espacial. A rua não mais é vista como elemento central da vida pública, como acreditava-se na cidade moderna (CALDEIRA, 2016).

Em um bairro relativamente recente de João Pessoa e constituído principalmente por prédios, o Bessa, é quase impossível circular a pé, as vias são para os carros e as calçadas são quase inexistentes, os poucos pedestres se equilibram nos pequenos espaços entre os edifícios e o asfalto que, muitas vezes ainda é de terra. Valendo citar que a maioria desses pedestres são trabalhadores dos edifícios.

Tanto o espaço público como o transporte público passaram a ser praticamente restritos às camadas populares, assim como a experiência da multidão e as interações anônimas, deixados para trás pelas classes mais ricas (CALDEIRA, 2016). A liberdade para buscar a proteção na cidade acabou por enclausurar parte da população, gerando um “empobrecimento da experiência urbana” (JACQUES, 2008), produzindo a exclusão ao destituir essas pessoas da força principal das cidades e da vida urbana, a “fuga”.

Percebe-se com isso como a “função urbana da dispersão vai fazendo frente ao trancafiamento familiar” (CAIAFA, 2002, p. 20). Fica fácil perceber a criação de dois espaços distintos na cidade, o primeiro, que denomino de “protegido”, caracterizado justamente pelos enclaves fortificados e que custam altos preços para se morar e permanecer lá e os espaço “soltos”, as ruas e transportes coletivos, em que todos podem estar e tudo pode acontecer, característica exata á que muitos dos que vivem no primeiro espaço mais temem.

Talvez seja então, nessa segunda possibilidade de espaço, aquele que denominei de “solto” que temos a permanência do ato da dispersão, sendo, exatamente a falta de possibilidade financeira de ter e estar nos espaços “protegidos” que faz com que a circulação, o andar e o contato com o outro nas ruas prevaleça e resista. Portanto, seria o movimento das classes mais pobres que livraria, por um breve e curto momento, a cidade de uma forma capitalista de fazer os espaços e da disciplina imposta pelo poder, transgredindo e resignificando esses espaços?

O andar pela cidade gera, o que Caiafa denomina de “fuga”, não apenas como deslocamento físico, mas como uma aventura. Estar em lugares que não reconhecemos seria o grande trunfo das cidades, a oportunidade da descoberta e dos contatos múltiplos, fazendo com que essas pessoas que permanecem na rua usufruam da essência e potência máxima da cidade, a circulação e o contato com o outro.

Giovana ganhou de dois pedreiros de uma obra do centro alguns alumínio que sobraram da construção, material que foi vendido para reciclagem por ela depois. Eles ajudaram ela a carregar o material e depois ficaram conversando com ela por um bom tempo, até chamarem-na para tomar uma cerveja, junto com Vilma. Ela conta que aceitou porque eles eram muito simpáticos e que foi muito divertido, fazia tempo que elas não saiam e se divertiam tanto, afirmando que eles foram muito respeitosos o tempo todo, repetiu isso algumas vezes em sua

fala assim como afirmou que por mais que o trabalho na rua às vezes gerava desconfortos por ser mulher também trazia amizades e me mostrou sorrindo as fotos que tiraram com eles.

Além da rua, o transporte coletivo é um dos grandes responsáveis por essas dispersões nas cidades, contribuindo para a circulação das pessoas, levando-as a lugares desconhecidos e com pessoas também desconhecidas (CAIAFA, 2002). Helena anda de ônibus todos os dias, na sua rotina diária entra em 4 ônibus diferentes, as vezes até mais, quando alguns atrasam e ela decide pegar dois para chegar nos lugares. Na volta, já noite, conhece o motorista, que a deixa descer antes do ponto, em um lugar mais seguro, diz também conhecer alguns cobradores, assim como volta conversando com a amiga de trabalho, pois pegam ônibus junto, proporcionando uma maior afinidade na relação de amizade, além de conhecer pessoas, “não sei se percebeu mas tenho essa facilidade de fazer amizades, a maioria das amizades que tenho foram feitas no busão” conta ela. Mas, mesmo afirmando que conhece esses trabalhadores, nenhuma vez a vi cumprimentá-los.

Nos finais de semana, para todo lugar que ela vai, desde casa de amigas, praias, festas, bares e shopping ela circula de ônibus, “eu gosto!” Mas “um carro me daria mais tempo”, questionando o tempo que perde na sua rotina diária devido à demora dos ônibus e dos longos trajetos. De carro ela chegaria ao trabalho em 15 minutos e não em meia hora ou quarenta minutos como acontece todo dia.

O carro torna o tempo mais veloz – velocidade desejada pelo capitalismo – e te leva a lugares mais distantes. O irmão de Flávia comprou um carro no meio desta pesquisa, ela me explica o quanto este possibilitou a família dela conhecer outros lugares da cidade que antes não iam chegando à lugares mais distantes da sua casa, justificando que ir de ônibus era mais difícil, porque a família é grande e de carro eles fazem duas idas e voltas e levam tudo que precisam.

Para Milton Santos, as pessoas comuns, dependentes do transporte coletivo e do andar a pé seriam os denominados “homens lentos”, destituídos da grande força do mundo globalizado, a velocidade (SANTOS, 1996). Para ele, a força estaria justamente nesta lentidão e não na velocidade, ao qual permitiria a essas pessoas, uma maior descoberta do mundo, produzindo subjetividades e uma maior horizontalidade “num processo intelectual contraditório e criativo” (SANTOS, 1996, p. 85). Dessa forma, faz uma crítica aqueles que tem uma maior mobilidade, possibilitada, por exemplo, pelo carro, ao afirmar que estes, trancafiados em seus automóveis, acabam por ver pouco a cidade e o mundo. Para Caiafa, seria exatamente esse excesso de velocidade que produziria a imobilidade, com o aumento do isolamento e da sensação de violência (CAIAFA, 2002)

No caso de Flavia o carro permitiu a ela e a sua família conhecer lugares antes desconhecidos da cidade, proporcionando um maior contato com o outro, assim como facilitou a vida de sua família, como a ida para fazer mercado, que antes, sem carro, era bem mais trabalhosa.

Eles pegavam alternativo quando iam pra feira de Bayeux, tanto pra ir como pra vir, ou então a ida era de trem, se fosse um dia que tivesse trem, e a volta era de alternativo, ou taxi, mas era bem complicado, eu lembro que eles reclamavam muito porque nem sempre os alternativos estavam disponíveis para vir e os taxi cobrava um pouco caro, fora do comum. (Fala de Flávia sobre a ida da família ao mercado antes de terem carro).

Diante disso, em que momento a comodidade, por exemplo do automóvel – mas também podemos pensar sobre os enclaves fortificados – acaba assumindo um caráter individual e a tecnologia passa a alterar o movimento para uma experiência mais passiva e de distanciamento do outro que é diferente de si? O contato com a alteridade faz da “fuga” algo tão importante e é no ato de “dar fuga” que realizamos a cidade, por isso não haveria contatos ou cidade se só fosse possível movimentar-se em automóveis privados (CAIAFA, 2002) e viver em ambientes fechados.

Vilma, companheira de Giovana, adora trabalhar na rua, justificando que ali, ela faz amizades e passa o dia conversando com as pessoas. Ela conhece pelo nome os comerciantes ambulantes e os trabalhadores das lojas, riem, conversam e soltam piadas, alguns moradores da região, também conhecidos, param onde ela fica, em frente a loja Marisa e trocam conversas. Diz que prefere as ruas do que “ficar trancada em casa”, como ficava quando trabalhava de diarista e que as vezes ficava o dia inteiro sozinha e sem conversar com ninguém.

Os filhos de Giovana que a ajudam no trabalho tem um grande conhecimento das ruas do centro, circulam com sabedoria por aqueles espaços, reconhecem e conversam com muitas pessoas em seus trajetos. Vi o filho 2 várias vezes chegar comendo alguma coisa dada pelos “meus amigos”, como ele diz, os comerciantes ambulantes dão frutas, tapioca, água de coco e sorvete, todo dia ganha algo para comer, “todo mundo adora ele”, mas é “por isso que ele fica de dor de barriga o tempo todo, não para a boca”, diz a mãe. O filho 2 conversa com todo mundo que passa, joga bola e corre com um amigo que fez, filho de uma vendedora de açaí. O filho 3 tem amizade com um hippie que vende pulseiras, anéis e colares, fica boa parte do tempo livre do trabalho conversando com ele e as vezes volta com algo novo que ganhou ou comprou.

O filho 2 é mais agitado, muitas vezes ele sai do Porto do Capim sozinho, antes da mãe, vai direto para o centro e as vezes sumia por um longo tempo. Vi Giovana desesperada a procura do garoto, corri em lojas na busca dele mais de uma vez, mas ele sempre chegava em algum momento. Ela nunca bateu nele quando isso acontecia, mas ficava enraivecida e por um momento vi lágrimas em seus olhos, as vezes não saía para pegar papelão esperando por ele voltar, mesmo sabendo que ele conhece e sabe andar pelo centro todo, a mãe sentia medo e dizia que “nunca se sabe o que pode acontecer”. Os funcionários das lojas vivenciaram alguns momentos desses, sempre muito solícitos a ela, inclusive lhe oferecendo água, e foi desses sumiços que eles decidiram dar a ideia do filho 2 ficar cuidando das motos que estacionavam ali ao lado, a maioria dos próprios funcionários, ele ganharia um dinheiro e a mãe ficaria mais tranquila, já que assim ele tinha que ficar no mesmo lugar olhando para as motos.

Essa família criou todo um laço com os espaços do centro e com as pessoas que usam aquele espaço diariamente, uma das vendedoras ambulantes X, quando Giovana ainda trabalhava perto da Marisa parava todo dia após o seu tempo de trabalho para desabafar sobre questões da sua vida, felicidades e tristezas, abrindo-se completamente. Em um dia soube por essa mulher X que veio do interior para morar em João Pessoa, que um irmão morreu, que já houvera uma morte na frente de sua casa e que tem uma relação de amor e ódio com sua filha, além de uma infinidade de informações que obtive em conversas com ela nos outros dias que se seguiram no campo. Em uma delas me afirmou que adora sair de casa para trabalhar na rua, ver gente e fazer amizade. Por esses momentos criamos um laço, possibilitado apenas porque estávamos na rua.

Quando Caiafa escreve que o “espaço construído chega a nós e tem o poder de nos afetar” (CAIAFA, 2002, p.35), penso nessa relação descrita acima e em tantas outras possibilitadas pela rua, como as amizades feita nos ônibus como afirmou Helena ou a unidade da vizinhança que se formou nos moradores do Porto do Capim e em todo carinho e cuidado que Flávia tem com Dita e esta com as crianças da comunidade. Atribuindo sentido de lugar e de pertencimento, as ações dessas mulheres transformam o espaço urbano em espaço público (LEITE, 2002). Olhar para essas mulheres em circulação, nos ajudaria a pensar um fazer-cidade, desconstruindo e reconstruindo algo diferente da cidade disciplinar.

Mas não podemos esquecer uma questão fundamental, estou falando aqui de corpos femininos, que são recheados de significados externos e de cidades que se estruturaram com base na heteronormatividade, caracterizada, dentre outras coisas, pelas proibições e restrições às mulheres. Na Grécia antiga, por exemplo, a associação entre corpo e a cidade era baseada na questão do calor corporal e muito da relação que os homens e as mulheres tinham e/ou podiam

ter com a cidade, vinha desse princípio. Considerada corporalmente fria a mulher era destituída do poder de circular pela cidade e de participar dos debates públicos, vivendo confinada a sua casa, diferente dos homens, que tinham corpos quentes e assim podiam caminhar e debater nos espaços públicos em liberdade (SENNET, 2016).

Na formação das cidades industriais, a mulher nos espaços públicos nunca foi bem vista, existia todo um discurso moralizante e a crença, por parte de muitos homens, que a presença da mulher nos espaços públicos geraria um enfraquecimento da autoridade patriarcal. Na literatura escreviam sobre a arte do *flaneur*, quase exclusivamente homens que vagavam pelos espaços da cidade e observavam este novo mundo se formar, da mesma forma que acreditavam que no ambiente promíscuo da cidade, era “especialmente difícil preservar a virtude e a respeitabilidade femininas.” (WILSON, 2011).

A “mulher urbana” tornou-se um alarde a tradição, autoridade e hierarquia masculina (WILSON, 2001). Mesmo assim, as mulheres permaneceram resistindo nos espaços da cidade, as trabalhadoras com mais facilidade de circulação do que aquelas de classe média e alta, onde o discurso da natureza doméstica da mulher era mais forte, já que a necessidade impunha o trabalho aquelas da classe baixa. Por isso não importava se essas mulheres que estavam na rua eram assediadas ou molestadas pelos homens, já que ideologicamente elas estavam e deveriam estar em casa.

Essa discussão é indispensável e refletir a partir das vivências das três mulheres a relação entre a cidade e os corpos femininos, que permanecem nas ruas contra a imposição de uma “natureza feminina”, caracterizada entre outras coisas, pela vida doméstica é minha contribuição para pensar uma cidade mais múltipla, liberta e igualitária.

3.2 UMA QUESTÃO DE GÊNERO, MAS NÃO SÓ ISSO

*Me disseram que eu era mulher
antes mesmo de vir ao mundo,
pequena, me colocaram brincos na orelha,
me distinguindo do outro sexo, aquele que me disseram que eu não era.
O ser mulher estava colado ao meu corpo, uma imposição.
Mesmo que eu negasse, estava lá.
começou pela vagina.
Meu corpo já gritava, mulher, ela é mulher.
(Sarayna Martins Mendes)*

Comecei sendo mulher assim, na imposição do médico e no brinco que colocaram em mim. Depois fui aprendendo os caminhos de como o corpo da mulher deve ser; de que sexo gostar, como andar, por onde andar, falar, sentar, se vestir, olhar, pegar, ser pega. A construção da minha performatividade foi se impondo a mim e a cultura dominante me transformou em mulher antes mesmo de aceitar este lugar.

Nosso “gênero é corporificado” (CONNEL, 2016, p. 17), parece estar grudado à nossos corpos fisicamente, aos nossos pensamentos, está em nossas vontades e desejos, todas essas peças devem ir se encaixando corretamente em relação ao nosso sexo, como algo natural, dessa forma nosso gênero se torna inteligível e nos deixa pertencer tranquilamente ao mundo social.

Aprendemos em nossas práticas sociais, no trabalho; festas, aprendemos vendo publicidade, novelas, fazendo compras, saias, batons, maquiagens, depilações, vestidos, laços e na cor rosa, aprendemos muito com a medicina, ela quem primeiro responde à pergunta “O que o bebê vai ser? ” Homem ou mulher? E desde esse momento o corpo vai sendo bombardeado de informações performativas que devem ser seguidas, especificamente distintas para cada sexo.

O discurso dominante opera justamente na simetria entre sexo, gênero e desejo formando apenas um binarismo de possibilidades que depois da descoberta do sexo, os dois outros pontos já estariam naturalmente grudados aos nossos corpos, neste formato não existe possibilidade de escolha, seu corpo já nasce marcado. Tendo vagina, será mulher e terá desejos e comportamentos relacionados a sua feminilidade; se nascer com pênis, será homem e terá desejos e comportamentos relacionados a masculinidades.

A marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto [...]” (BUTLER, 2017, p. 103-194).

Nesta perspectiva, que existência seria possível a um corpo sem gênero? O discurso dominante produz a consolidação das normas sexuais como um fenômeno natural e torna a existência dos corpos sem marca de gênero binário inteligíveis e insignificantes, tornando-os passíveis de punições, pelo que o discurso médico vai chamar de patologias.

A crença no fenômeno natural que marca o gênero ao nosso corpo gera um determinismo em nossos comportamentos e para as mulheres sobram as proibições, controles, violências e limitações, bem representada pela ideologia da feminilidade.

3.2.1 CONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE O CORPO E A SEXUALIDADE DA MULHER

A partir do século XVI e XVII ocorreu um aumento do discurso médico sobre a sexualidade, a família passou a ser um instrumento para se governar e a mulher a ter um papel fundamental na manutenção desse poder. Interessados na família como uma unidade doméstica, cria-se novas táticas de controle que deixam de lado as antigas regras e imposições, criando normas e patologias, incumbidas em amedrontar uma população que passou a temer com o discurso sobre o corpo e a manutenção da vida.

Para Foucault essa seria a “nova” tecnologia do poder, muito mais sutil em que as normas passariam por um campo da verdade com um discurso que não pode ser questionado, construindo poderes através da produção de saberes, criando realidades, sujeitos e domínios. Com uma forte contribuição da medicina e pela heterossexualidade já institucionalizada, o discurso de poder vai legitimar a naturalização da sexualidade e dos comportamentos.

A tecnologia do poder passa pela construção de significados, criando sentido e funções a todas as coisas e a todas as atividades sexuais. O binarismo e a forte distinção entre os sexos são criados como algo necessário ao progresso da espécie. Retiradas, inspiradas ou desenvolvidas nas Instituições cristãs³⁰, essa “nova tecnologia de poder” melhorou, aprofundou e garantiu o controle da população por parte do Estado (FOUCAULT, 2015).

Através do discurso da verdade e da criação de significados a população passou a ter seu corpo controlado, explorado, expropriado e determinado, tendo a ilusão da liberdade e da escolha. A escolha tem a ver com os valores produzidas por uma sociedade, esses valores não podem ser naturais, “não caiu do céu nem jorrou das profundezas subterrâneas: foi elaborado, assim como a linguagem, pela realidade humana [...]” (BEAUVOIR, 2016, p. 76). No caso, por uma realidade heteronormativa que valoriza a hierarquização dos sexos. Dessa forma, a noção de escolha voluntária se torna ficcional e se perde quando percebemos que

³⁰ O poder da pastoral tinha por objetivo final a salvação do indivíduo para o outro mundo, sacrificando-se em vida e pela vida, assim como para a salvação do rebanho. A “nova técnica do poder” vai utilizar o mesmo princípio da salvação.

vivemos sob normas e obrigações corporais. Existe uma falsa ideia de autonomia que ronda nossa sociedade (BIROLI, 2014).

Uma das inspirações, vindas da Instituição Cristã, foi a aceitação do sexo no discurso – no caso da Igreja Católica, principalmente nos confessionários – incentivando a população a falar mais sobre sua sexualidade as Instituições passaram “a ouvir falar e a fazê-lo falar” (FOUCAULT, 2015, p. 20) cada vez mais, não apenas como um discurso da moralidade, mas da racionalidade. O sexo deixou de ser condenado e passou a ser regulado e gerido por um “padrão de qualidade” a ser seguido. Transformando a sexualidade em algo economicamente útil e politicamente conservadora (FOUCAULT, 2015).

O que para a pastoral era problema da alma foi transformado, pelo Estado, em problema da carne, o aumento do controle passou a ser feito em nível corporal e a questão do sexo passou a ser discutida sobre o olhar da saúde e da patologia. Intensificou a valorização e o “cuidado” com o corpo, tornando-o objeto de saber e de verdades. Não só as condutas inaceitáveis foram abolidas, mas há sobretudo uma “produção de novas características corporais, sentimentais e sociais” (COSTA, 1983, p. 50), criando assim uma nova moral da vida e do corpo ao longo de gerações.

Assumiu-se um papel de normalização versus patologização de todas as condutas e aquelas condutas que se caracterizam pela patologia, devem ser cuidadas pelos “especialistas” e evitadas por todos. Nasce daí uma forte demanda para evitar e tentar resolver as patologias, pois elas interferem e prejudicam a saúde do corpo, a sexualidade, a reprodução e a formação do ser adulto.

A medicina, pedagogia e psiquiatria tornaram-se os espaços do discurso sobre o sexo, embasadas na ciência e no conhecimento de certezas trazidas pela profissão. Insistiram em denominar e classificar fenômenos físicos e sentimentais, como as masculinidades dos e para os homens e a feminilidade das e para as mulheres e a família, formada por um homem, pai e uma mulher, mãe tornou-se um local de propagação desse discurso.

Subproduto da industrialização, a ideologia feminina criou a “arte do servilismo [...] trata-se de se habituar a se comportar como inferior. ” (DESPENDES, 2016, p. 106), nascer mulher interfere na sua possibilidade de autonomia diária, “você aprende que a linguagem não pertence a você” (MACKINNON apud BIROLI, 2014, p. 119) e que sua identidade é a da subserviência, da passividade, da doçura, aceitação e do silêncio.

Essa identidade construída nas mulheres tornou-se um ciclo vicioso e a situação de inferioridade acabou se transformando em realidade, como se de fato elas fossem inferiores, mas precisamos entender a palavra *ser* no sentido hegeliano, em que *ser* é ter-se tornado

(BEAUVOIR, 2016), daí voltamos a pensar sobre a questão da escolha em ser mulher e nos seus comportamentos e se essa é uma escolha realmente livre.

Foucault analisa em “História da sexualidade, a vontade de saber” a proibição da sexualidade e o adestramento das crianças, a questão da fecundidade dos casais, a psiquiatrização do prazer, que cria normas e patologia e a histerização da mulher como as principais estratégias para o desenvolvimento dos dispositivos de poder a respeito do sexo.

A personagem investida primeiramente pelo dispositivo da sexualidade, uma das primeiras a ser ‘sexualizada’, foi, não devemos esquecer, a mulher ‘ociosa’, nos limites do ‘mundo’ – onde sempre deveria figurar como valor – e da família, onde lhe atribuíram novo rol de obrigações conjugais e parentais: assim apareceu a mulher ‘nervosa’, sofrendo de ‘vapores’; foi aí que a histerização da mulher encontrou seu ponto de fixação. (FOUCAULT, 2015, p. 131).

Visto posto, a sexualidade da mulher seria em si uma patologia entranhada ao seu corpo e que necessitava de cuidados específicos para permanecer na sua natureza de reprodutora e mãe, qualquer vontade feminina que não passasse por esses pontos passou a ser visto como um problema à “mulher nervosa” e passível de não procriação.

A divisão sexual, utilizada pela economia heterossexual, que valoriza a vida e tem interesse no cuidar das crianças, futuros trabalhadores, passou a forçar para as mulheres o lugar de mãe, cuidadora e doméstica, como uma função e o lugar natural da mulher.

Antes do capitalismo as mulheres eram membros produtivos da comunidade tanto quanto os homens, faziam o sabonete, plantavam e colhiam, produziam os tecidos e as roupas, as cerâmicas e tantos outros materiais necessários a sobrevivência da comunidade, como uma função complementar ao trabalho dos homens e não hierárquica (DAVIS, 2016).

A industrialização tirou toda função social da mulher quando passou a produzir os mesmos artigos que ela produzia, separou estruturalmente a economia familiar doméstica daquela voltada para o lucro e deu outra função a mulher, a maternidade. Como as “tarefas domésticas não geram lucro, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho” (DAVIS, 2016, p. 230). Com o discurso da mulher, mãe, doméstica, necessária ao cuidado e desenvolvimento dos filhos, marido e do lar, a medicina incitou uma noção de valorização da figura feminina doméstica para a saúde da sociedade.

Ao contrário do que podemos pensar, já que as formas de repressão costumam acontecer quase exclusivamente nas camadas mais pobres, “as técnicas mais rigorosas foram formadas e, sobretudo, aplicadas, em primeiro lugar, com mais intensidade nas camadas economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes.” (FOUCAULT, 2015, p. 130-131).

Foi primeiro nas famílias burguesas que as patologias foram apontadas e medicalizadas, principalmente no caso da sexualidade feminina, assim como a normatização da sexualidade das crianças e dos adolescentes também foram impostas. Foi na classe burguesa que se iniciou a psiquiatrização do sexo.

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. (FONSECA, 1997, p. 517).

Nas famílias burguesas foi utilizado os princípios das intervenções demográficas com a medicina doméstica que incentiva a política populacionista, aliada a tecnologia de poder dos ricos, o controle se deu a partir da ideia de uma afirmação sobre si e sobre seu status de corpo saudável.

Do lado pobre essa intervenção se deu no formato demográfico-policial, com campanhas de moralização, higiene da coletividade e repressões aqueles mais indisciplinados. As duas formas distintas de intervenção permitiram a proliferação de uma mão-de obra politicamente dócil para o mercado de trabalho (COSTA, 1983).

As mulheres deste estudo não pertencem a classe burguesa, mesmo assim decidi fazer esse apanhado para contextualizar a formação de uma norma que se destinou às mulheres, essa norma tornou-se distinta em diferentes classes sociais, mas que tem na normatização e no discurso de verdade a base para o controle dos corpos femininos, de ambas as classes. O que veremos agora é como essa técnica entrou nas camadas mais populares e passou a ter outros significados, essas normas foram criadas e recriadas a partir da existência dessas mulheres em contextos bem diferentes das mulheres burguesas.

As mulheres pobres padeciam de uma dupla opressão, enquanto mulheres e operárias, além de sofrerem com os abusos sexuais dos patrões nas indústrias que trabalhavam. A Revolução Industrial as colocou dentro das fábricas, faziam parte do trabalho produtivo mas recebiam bem menos que os homens, eram mais livres, mas tinham jornadas de trabalho exaustivas, alojamentos desumanos e pouco tempo para alimentação, sua condição de trabalho sempre foi caracterizada pela exploração.

Também diferente das mulheres brancas burguesas, as mulheres negras quase exclusivamente trabalhavam fora de casa, como “serviçais domésticas”, “cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo” (DAVIS, 2016, p. 98). Sofrendo constantemente à abusos sexuais dos homens, sejam dos pais ou dos filhos das famílias que trabalhava, elas ou se submetiam a essas condições, ou perdiam o emprego e viviam na miséria.

A ideologia da feminilidade do século XIX, que incentivava o lado materno, de boas esposas e mães, doce e delicada da mulher burguesa trabalhou em oposição a mulher negra, considerando-as, promíscuas, incompetentes e nascidas unicamente para trabalhar e reproduzir, já que para a ideologia oficial, elas não conseguiam nem atingir um status de boas mães.

No caso das mulheres negras, a sua casa tinha uma importância substancial à vida de submissão e exploração que viviam, se para as brancas burguesas que participavam de movimentos de libertação e negavam o espaço doméstico como um espaço natural da mulher, para as negras sua casa era o único lugar onde podiam usufruir de sua autonomia, onde se sentiam verdadeiramente humanas e libertas das amarras de uma sociedade altamente racista (DAVIS, 2016).

Para as mulheres pobres do Brasil, as normas criadas pelo discurso do poder batiam de frente com a realidade vivida, esquivando dos “controles legais: juntavam-se sem se casar, pariam filhos sem fazer certidão de nascimento, separavam-se sem fazer divórcio” (FONSECA, 1997, p. 523). Não significa dizer que a norma higienista burguesa não interferisse nas relações dessas mulheres, interferiam e muito, mas existia e acredito que ainda exista uma desarticulação a essas regras, devido suas vidas e necessidades sociais.

Uma mulher ideal, para a moralidade da época, além de outros requisitos o mais importante era a pureza sexual, por isso existia tanta discriminação com as mulheres que haviam se casado novamente e ser solteira também era visto com maus olhos, por dois motivos, primeiramente econômico, já que eram os homens que trabalhavam e traziam dinheiro para casa e depois devido a ideia de proteção que a figura masculina trazia para as mulheres.

A honestidade de uma mulher passava justamente por essa pureza e qualquer tipo de autonomia sexual das mulheres que fosse de encontro a essas normas era duramente reprimida.

‘Não tem idoneidade para ter um filho na sua guarda’. Essa frase, que aparece constantemente, não se refere à honestidade, nem à capacidade de ensinar um ofício, nem aos bons ou maus-tratos que a mulher é capaz de cometer. Diz respeito pura e simplesmente ao comportamento sexual da mulher. (FONSECA, 1997, p. 531).

Era e ainda é comum para as mulheres serem julgadas única e exclusivamente pelo seu comportamento sexual, controlado e vigiado diariamente. Mas, nas camadas populares, mesmo uma mulher tomando todos os cuidados para não sair das normas sexuais e do modelo oficial de comportamento feminino, a mulher pobre era impedida à inserção social, já que a

questão do recato feminino não tinha a ver apenas com sua integridade sexual, mas também com a origem social dessas mulheres.

Ser mãe para as mulheres pobres passava pelas relações sociais feitas na comunidade gerando toda uma troca de ajudas vinda da unidade doméstica, as vizinhas se ajudavam nos cuidados das crianças criando uma forte rede entre as mulheres. Isso é facilmente perceptível no Porto do Capim, Tia Dita é uma das grandes responsáveis pelo cuidado das crianças, assim como é a vizinha de Helena que cuida de seu irmão na parte da manhã e algumas vezes vi Flávia cuidando de alguma criança da comunidade, seja em casa ou dando aulas de reforço.

O modelo rígido de comportamentos corporais nesse contexto não deu muito certo e no dia-a-dia criou-se uma moralidade alternativa, opondo a moralidade oficial de uma moralidade vivida (FONSECA, 1997). Na prática, os ideais de família e mulher eram colocados em xeque nessas camadas da sociedade. Um exemplo disso é o caso da prostituição, que por vezes era a única possibilidade de trabalho para algumas mulheres.

A figura da prostituta se localizava na encruzilhada entre o estereótipo aterrorizante da ‘mulher decaída’ e a realidade vivida por um sem número de amásias, mães solteiras e crianças ilegítimas; em outras palavras, entre a condenação pela moral burguesa e a tolerância tácita para com o modo de vida que se desviava radicalmente da norma oficial (FONSECA, 1997, p. 534).

Foi primeiro nas camadas populares que as mulheres, ao incorporarem o trabalho remunerado e com empregos fora de casa tinham mais acesso às ruas. Claudia Fonseca em “Ser mulher, mão e pobre” analisa as mulheres de classe pobre da década de 1920 de Porto Alegre, fazendo um contraponto entre estas e as mulheres da classe burguesa, disciplinadas pelas normas dos discursos da sexualidade da época.

Muitas dessas mulheres, com filhos, acabavam tendo como única possibilidade de sobrevivência, o trabalho fora de casa. Por suas famílias muitas vezes não contarem com a presença masculina, que pela norma tinha como função o sustento da mesma, as mulheres pobres trabalhavam e recebiam seus próprios salários, esse fato deu a estas um pouco mais de autonomia à sua vida. No lado oposto, a “restrição ao movimento das mulheres de classe média foi mais bem-sucedida” (WILSON, 2001).

Hoje, mulheres brancas, negras, burguesas ou não podem contar com uma maior autonomia em suas vidas, a depender do contexto que vivem. Helena, Flávia e Giovana, fazem parte dessas mulheres autônomas, que trabalham e/ou estudam fora de casa, contribuindo para uma transformação no discurso heteronormativo construído e imposto aos corpos femininos.

Isso não quer dizer que o discurso de poder que passa pela verdade se esvaziou, que a divisão sexual do trabalho acabou e que os corpos das mulheres deixaram de ser vigiados, violados e subjugados, a depender de uma série de regras e leis, mas sim que as mulheres permanecem resistindo a esse sistema que ainda impõe o silêncio, os possíveis lugares de circulação e os comportamentos que nossos corpos devem seguir.

3.2.2. TRÊS CONTOS DE UM CAMPO

“Sentia mais prazer em andar pela cidade”, comenta em uma de nossas conversas, pergunto,

“Quando isso mudou? ”,

Na “mudança de fase da mulher”, quando ela diz começar a perceber as coisas,

“Antes não tinha malícia”, “não conhecia meu corpo”.

Explicou que não entendia as cantadas dos homens na rua, e como suas roupas interferiam nisso.

Passou sua infância e adolescência andando pelo comércio.

Era o lugar de passeio com as suas amigas,

Iam para andar, “passear mesmo”.

Hoje, mudou, vai por obrigação quando tem que resolver alguma coisa e se incomoda quando os homens a olham com malícia,

Que agora compreende.

Na parada de ônibus, em frente à um bar. Seu amigo a chama de “atrevida”, por ela ficar na frente de um bar, cheio de homens, ela, apenas esperando, na parada de ônibus, um ônibus, para voltar a sua casa.

Seu amigo a chama assim por ela esperar o ônibus na parada, na frente de um bar, cheio de homens, com a roupa que ela estava vestindo, “atrevida”.

Os homens mexeram com ela quando entrava no ônibus, todos gritaram enquanto subia, gritos e falas sexualizando seu corpo.

“Pra mim, isso foi um assédio”, fala de seu desconforto de passar por esses gritos, o quanto é ruim, mas eu sou mesmo “atrevida”, diz.

Percebo que esse atrevida tem outro tom, o “atrevida” agora é dela, um tom de resistência, de permanecer naquele lugar porque ele também é seu.

Um segurança começou a cantá-la, ficava ao seu lado, dizendo que iriam se casar.

Ele a seguia enquanto ela ia catando os papelões na rua, ela diz que isso começou a incomodá-la, ficou com medo pela persistência desse homem, segurança da rua.

Começou a dar uns foras, “eu não queria ser chata ou agressiva com ele”.

Ele continuava seguindo-a e dizendo que iam se casar.

A chamou de gostosa, o medo aumentou, ele teve um atrevimento maior dessa vez.

Ela trabalha na rua, ele era o segurança.

Irritada e sem saber mais o que fazer, foi conversar com o outro segurança, que trabalhava junto com o primeiro, pedindo a ele que conversasse com o segurança da cantada, que já estava ficando desconfortável para ela.

Depois disso, o da cantada parou de persegui-la.

O homem falou, o outro homem da cantada parou.

Enquanto a mulher, desconfortável, pedindo que parasse, nunca parou, precisou de um homem, salvador?

3.2.3 OUTRAS EXPERIÊNCIAS DA MULHER NA CIDADE

“[...] o que a humanidade fez da fêmea humana.”

(BEAUVOIR, 2016, p. 65).

Um senhor todo dia chega perto de Giovana na rua, ele vende café e sempre vem oferecer a ela, bem solícito, sempre com olhares ao seu corpo, de baixo para cima ou de cima para baixo. Eu o cumprimento e ele joga o mesmo olhar a mim e fico apenas observando. Ele pega nela para conversar e percebo que ela não gosta, mas se mantém sempre simpática.

O sujeito mulher desde sua infância é submetida a normas e regras que as coloca como delicadas, sensível e submissa, assim se realiza na vida e toma conhecimento de si a partir de valores de inferioridade e silenciamento do seu corpo. O homem, toma os mesmos valores contra si ao mesmo tempo que só entende a mulher a partir dessas normas. A mulher é impregnada de sexo (BUTLER, 2017) e este impregnado de normas performáticas.

Depois que o homem saiu de perto Giovana eu perguntei sobre ele, ela disse que ele vem todo dia oferecer café, mas que ela não gosta e se sente desconfortável, mas que não consegue ser ofensiva com ele e tenta conversar sempre tranquilamente, disse que ele já se declarou para ela, mas que ela já negou mais de uma vez.

Aquela mulher que alia sexo, gênero e comportamento/desejos ganha na hierarquia dos sujeitos coerentes e passa a ter reconhecimento de saúde mental em oposição aqueles sujeitos abjetos, doentes pela falta de harmonia em seus corpos e considerados estranhos ou fora da norma. O espaço público contribui para o silenciamento das mulheres e também impõem regras de comportamento aceitos ou não a elas. O que nós mulheres passamos quando estamos nas ruas e nos ônibus da cidade? Somos colocadas como não pertencentes a este espaço, nos submetem a uma série de desconfortos que geram inseguranças e medos a nossos corpos.

Giovana decidiu que além de negar a paquera do senhor não aceitaria mais o café dele, mas ele começou de um dia para o outro a falar sobre uma certa namorada e sobre traição e quanto queria mal a ela de uma forma bem agressiva e violenta, que me deixou bastante intrigada, mas Giovana sempre bem tranquila falando com ele sobre perdoar as pessoas. Novamente quando o senhor saiu eu perguntei sobre a fala dele, e ela me disse que achava que ele estava assim pela recusa mais agressiva que ela tinha dado a ele e que ele estava fazendo isso para gerar medo nela, o que não funcionava. Giovana fisicamente é bem mais forte que o senhor.

Pude perceber, nas idas ao centro com Fernanda e Flávia, quando iam comprar os tecidos para as roupas do Xote das Meninas, a quantidade de olhares que vinham dos homens, na rua ou vendedores das lojas em relação aos seus corpos. Ao sair de uma loja, ao qual compraram quatro rolos de espuma, as meninas agradeceram a um atendente, o mais velho e bem simpático, vi outros dois funcionários se juntarem para ficar, visivelmente com seus olhares centrados no corpo das meninas, ao final, o dono mal-humorado e grosseiro, fez algum comentário sexual sobre elas que eu não consegui escutar, mas percebi que ele percebeu que eu havia visto, mas obviamente isso não o incomodou.

A mulher vivencia cantadas diariamente nas ruas, tem medo do assédio e deixa de ir à lugares da cidade pelo desconforto. Esses são pontos em comuns entre as vivências do dia a dia dessas 3 mulheres. Flávia tem seu espaço reduzido, as cantadas e abordagem dos homens limitaram seu andar no espaço público. Sentia prazer ao passear pelo comércio, o perdeu pelo incomodo de ser maliciada pelos homens. O espaço público era o espaço do passeio, do lazer, dos encontros e das conversas das meninas, deixou de ser pelo fato do assédio verbal.

Giovana também foi maltratada por um policial no centro da cidade. Houvera um assalto bem perto de onde ela fica esperando as outras carroças, uma mulher tinha levado uma facada e ela com medo foi ficar perto de dois policiais que lá estavam. Neste dia, as carroças estavam cheias e muito pesadas, dessa forma, tiveram que levar primeiro dois carrinhos e depois voltaram para pegar o dela, que havia ficado apenas com um filho pequeno esperando pela volta de Vilma e do outro filho, foi neste momento que ela se aproximou dos policiais na tentativa de se sentir mais protegida, mas ao contrário eles a mandaram embora porque disseram que ela só estava lá porque queria “fofocar” sobre o acontecido e mesmo ela contando o que havia acontecido, eles a trataram mal e a mandaram voltar para casa. O medo que Giovana sentia foi ignorado pelos policiais, homens, aqueles que deveriam estar lá para que ela se sentisse mais protegida, não só isso como também a reduziram a uma “mulher fofqueira”.

A mesma também foi assediada por um segurança, descrito no conto acima, que não respeitou o desconforto dela, assim como o policial. Relaciono esse caso com um dado de Lúcia Andrade Siqueira em “Por onde andam as mulheres? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro de Recife” que mostra como o assédio sofrido por profissionais de segurança é um dos pontos recorrentes de reclamações feitas por mulheres que andam na localidade central de Recife.

Nesse contexto de assédios, a roupa é uma questão importante a ser pensada. “Provocadora” me explica Helena, se tornou um substantivo para um certo tipo de roupa – aquelas mais curtas, coladas, decotadas ... – e assim, como um sinal de permissão para os olhares incessantes e cantadas masculinas em relação ao corpo feminino. Atrevida se torna a mulher que permanece utilizando esses estilos de roupas, ainda mais esperando ônibus na frente de um bar cheio de homens. No caso, a culpa dos assédios verbais que recebeu não foi dos homens e sim dela, por estar com aquelas roupas e naquele local.

“O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda” (PERROT, 2003, p. 15). A norma que silencia o corpo feminino também impõe a elas a forma de se vestir e andar pela cidade. É fácil perceber como a roupa é uma questão no dia a dia da mulher. O supervisor do trabalho de Helena a viu em um dia de folga andando de moto com um amigo, ela estava vestida com uma blusa e um shorts curtindo, ela conta que desde aquele dia ele faz brincadeiras com ela referente a sua roupa de “piriguete”³¹, brincadeira que

³¹ Termo pejorativo usado para descrever uma mulher provocadora.

sempre a desagrada. A sua roupa tornou-se um motivo tanto de chacota como de inferiorização, porque parece-me que uma mulher piriguete não deve ser respeitada.

Já me peguei em casa, pensando seriamente que roupa colocar em um dia que ia levar meu carro no mecânico, pensava comigo, “não usar um short tão curto”, “blusa que não seja muito transparente”, “colocar sutiã” e tantas outras indagações para conseguir sair de casa e me sentir segura ao ir onde queria. Assim como em todas as idas a campo fiz as mesmas perguntas a mim mesma de que roupa colocar a depender para onde eu ia. Giovana também diz que evita roupas quando vai catar papelão, usa as mais velhas, diz que não vai se arrumar para catar papelão e não usa nada muito curto para “não dar motivo”, mas também percebi suas regatas mais folgadas subirem quando bate um vento e mostrar sua barriga e seu sutiã ou quando abaixa para pegar papelão e nenhuma vez percebi ela se incomodar muito com isso, acredito que ali sua preocupação maior é encher a carroça de papelão.

Tanto Flávia quanto Helena, tirando as regras de vestimentas que tem que seguir nos trabalhos, dizem que usam a roupa que querem e acham que devem se vestir da forma que agrada a elas e não aos outros, mas ambas afirmam que se incomodam demais com os dizeres e cantadas nas ruas e que já se sentiram inseguras e com medo devido algumas reações masculinas a seus corpos, independente das roupas que estavam vestidas.

O medo, como “resposta emocional a uma ameaça, uma admissão de si e dos outros que o crime é intimidante; e uma expressão da sensação de perigo e ansiedade com a possibilidade de ser prejudicado” (SIQUEIRA, 2015, p. 11), é sentido de maneira diferente entre diferentes pessoas. Aqui eu me refiro ao medo da mulher, que é diferente do medo dos homens, porque passa pelo corpo. O medo feminino é materializado em seu corpo e este torna-se passível de ser assediado, abusado, agredido e invadido, em diferentes lugares e de diversas formas.

O ônibus, transporte público, feito para ser acessível a todos os públicos torna-se mais um lugar de medos para as mulheres, quando estão vazios, o incomodo vem em relação ao motorista, cobrador ou quando entra algum homem no ônibus, porque ele pode decidir sentar ao seu lado. Em momentos de pico, quando os ônibus estão mais lotados, possibilita e facilita o assédio, estando todos muito apertados naquele mesmo espaço fica mais fácil se encostar de forma maliciosa em qualquer mulher.

Flávia tem medo de pegar ônibus sozinha, conta que em um ônibus um senhor entrou, olhou para os assentos, o ônibus estava vazio, mas ele sentou ao seu lado e puxou conversa. Diz não gostar, ficou incomodada com aquele senhor, que escolheu seu lado para

sentar tendo vários outros assentos vazios. Afirmar que os homens mais velhos são os piores, puxam papo e se aproveitam para encostar suas pernas nas dela, o que odeia.

Uma amiga sentou ao lado de um cara no ônibus, conta Helena, este homem colocou uma faca perto de seu corpo enquanto passava a mão por ela, impedindo que ela falasse algo ou tentasse reagir ao abuso, “sorte”, disse, que uma outra figura masculina notou o que estava acontecendo e fingindo ser amigo dela a tirou daquele lugar.

Helena se sente assediada todos os dias nos ônibus. Ao passar pela roleta notei os olhares do cobrador em direção a ela, quando sentamos ela me perguntou se eu tinha reparado os “olhares maliciosos” do cobrador, afirmei dizendo que sim. Ela disse que não era a primeira vez que ele fazia isso, que já havia pego ônibus com ele e que foi a mesma coisa, “eu fico recuada, não dou abertura”, porque a crença é que “se o homem fizer – as cantadas e olhares maliciosos – é porque eu dei abertura”.

Helena levou uma de suas amigas para andar de ônibus e passear pelas ruas do centro, a amiga anda de ônibus apenas para ir ao trabalho, como volta as nove da noite, paga alguém para leva-la para casa. Ela tem muito medo de andar de ônibus, nos finais de semana ela só sai se for de carro e não conhece nada de João Pessoa pela insegurança de estar nas ruas. Fez isso porque acha importante para a amiga estar nestes espaços e conhecer a cidade. “[Eu] não deixo de ter medo” diz ela, “mas eu vou me privar, não vou viver não? [...] e depois essa é minha rotina de todos os dias, pegar ônibus e tals, eu tenho até um aplicativo no meu celular pra saber que horas vem o ônibus, eu só ando de ônibus”, com exceções de finais de semana que as vezes pega Uber.

Para Helena a pior hora para andar de ônibus é a noite, “eu fico com medo e já fico olhando quando ele para pra ver quem vai entrar, qual é a figura, o tipo da figura que vai entrar”. Dessa forma, estar em um ônibus gera na mulher uma série de tensões rotineiras e “a hora que passa e um homem dá a mão ...” para a parada do mesmo, acaba se tornando mais um momento de tensão.

Flávia pegou alternativo³² com sua irmã a uns três anos atrás, era um carro grande, com ar condicionado, estavam sozinhas e se perceberam em perigo naquele momento, tiveram muito medo, nada aconteceu. Sua sensação de perigo foi porque se deram conta, quando já estavam dentro do carro, como facilmente o motorista podia leva-las para onde quisesse. O transporte alternativo também acaba sendo uma opção não segura para as mulheres

³² O transporte alternativo aqui em João Pessoa é feito principalmente por homens, em carros comuns, que fazem diferentes trajetos pela cidade, cobram um valor um pouco inferior a passagem e ganham pelo tempo de rodagem, já que transitam pela cidade mais rápido do que o ônibus.

Virginie Despentes em “Teoria King Kong” descreve seu estupro, após entrar com uma amiga em um carro com dois homens que haviam conhecido e percebem, logo após as portas do carro se fecharem que fizeram uma grande estupidez, ela afirma algo que me fez pensar e relacionar muito com o sentimento das irmãs ao entrar no transporte alternativos e que acredito possa ser vivenciado e sentido por muitas outras mulheres ao estarem em espaços junto com homens.

Essa aproximação, afinal, ficará como uma dessas coisas que não se apagam: corpos de homens dentro de um lugar confinado, em que estamos presas, junto a eles, mas sem ser como eles. Nunca iguais, com nossos corpos de mulheres. Nunca em segurança, nunca como eles. Nós somos o sexo do medo, da humilhação, o sexo estrangeiro. (DESPENTES, 2016, p. 216).

– “Mulher sente mais medo né!” (Flávia)

A fala de Flávia vem como uma afirmação, a partir de suas vivências, de algo que parece até ser natural ao nosso corpo de mulher, sentir mais medo parece nos pertencer. A questão não é apenas sentir medo, é porque estamos sentindo mais medo do que os homens? Porque nossos medos passam pelo nosso corpo?

Flávia e Fernanda quando trabalhavam para o projeto federal de distribuição do kit digital no Terminal de Integração, região bem próxima das suas casas, às 18:00 horas, quando finalizavam e retornavam ao Porto do Capim, mesmo estando perto voltavam de moto. Disseram que não tinham coragem de voltar a pé por conta do percurso, muito escuro, comércios fechados e ninguém na rua. A escuridão da noite e o esvaziamento tornam as ruas mais tenebrosas e trazem às mulheres uma maior sensação de vulnerabilidade.

Nas falas dessas mulheres, o medo é menos de perder algo material, como dinheiro ou celular, maior é o medo do que podem fazer com o seu corpo, o medo de serem assediadas, de encostarem de maneira abusiva em seu corpo. Sentem pavor em relação a possibilidade de uma violência sexual, principalmente sentida por Flávia e Helena, perceptível em nossas conversas.

Helena conta que em uma roda de diálogo, na aula de psicologia, todas as mulheres da sua sala disseram que sentiam medo de serem estupradas³³. Todas! Existe uma noção do corpo feminino como um corpo sem fronteiras, que pode ser manipulado sem a permissão da

³³ Os dados referentes a 2015 “que as mortes violentas contra mulheres aumentaram 10% na Paraíba, em relação ao ano anterior. Já o número de homens mortos se manteve no mesmo patamar de 2014. O dado coloca o Estado com o 15º maior índice de assassinato de mulheres do país e o 5º do Nordeste. Em 2015, a média foi de uma mulher morta a cada 27 horas. Os dados foram divulgados um dia antes do Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher, comemorado nessa sexta-feira.” (26/12/2016) (<http://correiodaparaiba.com.br/cidades/violencia/cresce-violencia-contra-a-mulher-na-paraiba/>)

mesma, essa noção transforma a em objeto passível e sem autonomia (CHACHAM e MAIA, 2004).

Outra questão fundamental é que a partir dos relatos podemos sempre relacionar os medos que essas mulheres sentem a presença masculina. “Tenho mais medo do homem. ”, responde Flávia quando criei uma situação em que estaria na rua e de encontro a ela viria ora um homem ora uma mulher. Por esse motivo a

[...] experiência vivida possui um grande peso na forma de uso do espaço público. As mulheres aprendem através da experiência que é inadequado e potencialmente perigoso estar sozinha no espaço dominado por homens, especialmente a noite [...] E essa dominação não se dá apenas pela apropriação numérica dos espaços, mas através de um comportamento agressivo que intimida as mulheres. Como, por exemplo, o assédio verbal ou físico (SIQUEIRA, 2015, p. 26).

É importante notarmos como a figura masculina acaba trazendo em si uma posição dualista: como agressor e como protetor (SIQUEIRA, 2015, p. 29). Giovana só pôde se sentir livre dos assédios do segurança masculino quando um outro segurança masculino o pediu, a dona do corpo assediado, temerosa pelo o que ele pudesse fazer, também pediu, mas pareceu que ela não tinha voz, sendo totalmente ignorada pelo segurança assediador. Foi uma figura masculina que a assediou, assim como só com uma outra figura masculina foi possível protegê-la do abusador.

“Ter que ter uma figura masculina pra se sentir confortável [...], isso é muito desconfortável” diz Helena e me conta que voltando tarde de uma reunião, andando pelo centro para voltar ao Porto do Capim, Flávia, Helena e Fernanda, ao atravessarem a rua, os flanelinhas que lá estavam mexeram com elas. “Só porque eram 3 mulheres, se tivesse um homens não falaria”. “Homem se intimida com outro homem” e diz que os homens acham que as mulheres não tem força, que mulher é burra, “pensa que mulher não tem inteligência para reagir, não tem força”. “Mulher é burra”, escuta os homens dizendo.

É impressionante como a figura masculina passou a ser idealizada como necessária para a segurança da mulher e como os homens propagam esse imaginário e se aproveitam dessa situação de dependência feminina a eles. Na saída do trabalho de Helena, já as 19:00 horas observava a quantidade de motos que chegavam para pegar algumas mulheres, nas motos que chegavam, sempre homens.

Flávia quando estudava pedagogia voltava para casa mais ou menos umas 22:00 horas, as ruas nesta hora já estão mais vazias, o ônibus não, por conta da saída da faculdade, muitos estudantes também faziam o mesmo trajeto com ela, isso a deixava bastante tranquila,

tanto quando estava no ponto para pegar o ônibus quanto dentro dele. Mas ela descia sozinha no ponto na frete da linha do trem, perto do Porto do Capim. Por segurança, quem a buscava todo dia no ponto de ônibus e a leva até a sua casa é seu padrasto, como homem, ele era a figura que trazia proteção a ela ao fazerem juntos o trajeto até a chegada a comunidade.

A saída do trabalho de Helena é bem iluminada, apenas na porta da empresa, ao atravessar a rua a escuridão toma conta, também reclama que a hora que sai não é horário de saída de muitas pessoas o que deixaria o trajeto por onde anda até chegar ao ponto menos inseguro. O ponto de ônibus também é vazio e escuro. Antes ela descia no ponto na frente da linha do trem e no trajeto dizia sempre ter medo devido a escuridão e o esvaziamento da rua, por isso muitas vezes ligava para o primo ir buscá-la. Hoje não precisa mais porque volta com o mesmo motorista que para o ônibus quase em frente da comunidade para ela, mas em dias de atraso na saída do trabalho volta com outro motorista que já não tem a mesma atitude.

Um atraso no trabalho modifica sua sensação de insegurança na rua, pois altera toda uma rotina que precisou ser construída em torno da sua segurança. O telefone de Flávia toca, em um dia desses que se atrasou, quando ela já estava levantando para pedir parada ao ônibus, que para no ponto em frente a linha do trem. No campo seguinte perguntei pela ligação, eu já imaginava que teria sido da sua mãe, pensamento correto, me responde dizendo que a mãe sempre liga quando ela demora mais que o normal a chegar, pois fica preocupada já que enquanto mulher, sabe que muitas coisas podem acontecer a sua filha. Naquele dia voltou quase correndo até chegar no Porto do Capim, pois o motorista não a deixou em frente a comunidade.

Na mesma noite, no Terminal de Integração, já voltando para minha casa uma mulher ao meu lado recebe uma ligação e ouço: “Sim, hoje tá bem tranquilo, já já tô em casa.” e passei o trajeto todo que o ônibus fez até chegar no ponto ao qual eu desceria pensando como nós mulheres recebemos bem mais ligações para saber se estamos bem e como esse cuidado não é algo a ser vangloriado, existe um motivo e tem a ver com nossa situação de vulnerabilidade social.

Do ponto de vista de Connel, o gênero é uma “questão da experiência cotidiana, minuto a minuto, para toda população” (CONNEL, 2016, p. 16), é uma “construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2015, p. 47). No caso, fica fácil perceber, na perspectiva desses corpos femininos em questão, – através dos seus relatos cotidianos, descritos em parte até aqui – qual seria o papel de cada gênero no dia a dia das ruas.

À mulher, sofredora dos abusos masculinos, dos medos dos assédios e da violência sexual, aos homens, papel de protetores e de abusadores. Para a mulher fica a responsabilidade pelas suas roupas que chamam atenção demais, à mulher o atrevimento por estar em uma parada

de ônibus na frente de vários homens. À mulher, medo. Ao homem, dominação. Helena conta como um garoto disse a ela como se sentiu intimidado quando ela chegou junto a ele com certo interesse, eles estavam na casa de uma amiga. “Você é desenrolada demais.” ele disse para ela e continuou “eu tenho costume de chegar, de ser dominador”.

Giovana entrou em um conflito com outro catador que acredita não teria acontecido se no lugar fosse um homem, pela forma que ela se sentiu violentada. Existe uma outra catadora de papelão (catadora X) que fica bem próximo de onde ela para o carrinho, na esquina perto da Igreja e do banco, que diz ser sua “parceira” e se dar muito bem com ela, esta catadora X tem um filho que também cata papelão por outras ruas do centro. Em um dia que a catadora X faltou, Giovana acabou pegando papelão na loja que “pertencia” a catadora X, por que os funcionários colocaram todo o produto no chão em frente a loja – normalmente alguns lojistas esperam e entregam direto para a catadora – e o filho da catadora X viu, achou ruim e foi tirar satisfação com ela, de uma forma que ela achou bem agressiva, gritando e dizendo que se ela fizesse de novo ele pegaria o papel dela a força. Giovana me explicou que só pegou porque a mulher não tinha ido e que o espaço do filho da catadora X não era ali. No dia seguinte teve essa conversa com a colega catadora e disse que tudo se resolveu, que pediu desculpas, mas que o filho dela não deveria ter feito isso com ela.

A própria relação entre os gêneros binários se faz pela dominação da mulher e pelo discurso da proteção e da violência masculina e o interesse em mantê-la neste formato é do homem, como uma virilidade necessária. A sociedade tem consciência dos problemas enfrentados pelas mulheres na cidade mas, em geral, existe uma tolerância a todos esses fatores, principalmente entre os homens, que acabam tendo muito mais vantagens do que as mulheres, como o próprio controle do corpo feminino.

Flávia com suas amigas faziam encontros em casa, um grupo de mais ou menos 7 a 9 garotas, bebiam, dançavam, cantavam, sempre na casa de alguma delas, em ambientes fechados por conta dos olhares desconfortáveis que teriam na rua e também dos maridos que não gostavam que estivessem na rua, por que acham que é um lugar perigoso para as mulheres.

Também é comum ver discursos que inferiorizam as mulheres e que dividem funções que ela seria melhor ou pior, devido seu gênero, como a constante fala de que mulheres dirigem pior que os homens. O irmão de Flávia comprou um carro e é ela que muitas vezes dirige, já que o irmão não tem habilitação, ela conta que já tentou em várias oportunidades levar o irmão para treinar direção com ela, mas ele sempre recusa. Flávia tem quase certeza que isso acontece por ela ser mulher, já que ele sai para treinar com um amigo homem.

A “incapacidade da mulher para desfrutar da independência e liberdade para se movimentar com segurança no espaço público reforça a ideia do espaço heterossexual de gênero [...]” (SIQUEIRA, 2015, p.28). “Ai é puro homem, aff! ”. Isso é o comentário de Flávia após eu mostrar uma série de fotografias de diferentes lugares do centro, onde se sente incomodada pela forte presença masculina.



Figura 8. Praça dos Cem Reis. Foto: Sarayna Martins Mendes.

Esta fala se referia a Praça Ponto dos Cem Reis, um lugar com muito cimento e poucas árvores, os bancos que tem na praça ficam de baixo das árvores, localizadas nos extremos opostos da praça, de um lado, vemos muito mais moradores de rua, com a presença maior de homens. Do outro lado os homens se encontram para jogar xadrez, gamão, dominó e outros jogos, ao qual tomam praticamente todos os bancos. Para Flávia, este não seria um local que ela se sentiria confortável para se sentar, pela forte presença masculina.

A Rua Maciel Pinheiro, também no centro, é um local de desconforto para Flávia, nesta rua existem muitas lojas, desde peças de carros e motos a lojas de materiais elétricos e peças para banheiro, sala e cozinha. “Totalmente desconfortável para se andar, porque calçada,

acho que não tem nem um metro e os homens que trabalham nas lojas ficam onde? Nas caçadas [...] eu não gosto de andar, eu prefiro andar pela pista. ”

Sobre outra rua do centro, agora uma esquina, na rua Padre Azevedo, mais um lugar de desconforto, mais um lugar cheio de homens. Neste local eles ficam em pé anunciando nomes dos bairros que fazem transporte alternativo. “[...] é horrível, você não passa [...], tem calçada mais eles fazem questão de ocupar e se você passar no meio é o corredor de ... de ... você deixa até tudo assim, deles lhe sugarem de uma forma, aí você prefere ir por onde? Pela pista. ”

Os espaços das mulheres ficam reduzidos, e/ou vivendo em constante conflito com os desconfortos, medos e inseguranças gerados principalmente pelo sexo masculino. Parece que os homens presentes nestes espaços nos jogam para fora como doenças que não devem estar lá e se estivermos, seremos obrigadas a passar por todas as humilhações possíveis, pelo simples fato de sermos mulheres. “[...] a mulher é o espetáculo do homem. ” (PERROT, 2003).

Uma das maiores reclamações de Giovana sobre ser mulher na rua, estava mais relacionada ao discurso que escutava principalmente dos outros homens catadores, que afirmavam que a rua não era o lugar delas e sim deles, pelo motivo que as mulheres poderiam viver com o bolsa família e deveriam ficar cuidando da casa. Ela acha que ainda piora pelo fato de ser ela e a companheira, “eles acham que esse é lugar só pra homem”, e completa afirmando que “não existe isso, onde o homem tá a mulher também deve tá”.

Essa hierarquia dos gêneros relacionada a possibilidade de circulação dos diferentes espaços é construída a partir de um discurso biológico da natureza humana, como se os espaços já fossem naturalmente divididos pela função de cada sexo. O espaço doméstico seria o local da mulher, onde ela teria como função o cuidado da família e o espaço público o local dos homens, livres para circularem.

Nestes termos a mulher perde autonomia e acaba com sua liberdade e integridade individual (BIROLI, 2014), “transmitido pelos pais e estabelecido pela sociedade, o espaço **seguro**³⁴ para a mulher é o espaço privado, a casa, diferente dos meninos que são apresentados desde cedo ao mundo público” (SIQUEIRA, 2017, p.25).

Dados divulgados pelo Portal Brasil, em matéria lançada na data de 29 de novembro de 2016, diz que:

No Brasil, dois terços das denúncias de violência contra a mulher têm algo em comum: são praticadas por atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes da

³⁴ Grifo de minha autoria, para lembrarmos que o espaço doméstico não é o lugar mais seguro para as mulheres, como discutirei logo em seguida.

vítima. Entre os tipos de violência conjugal estão a violência física, psicológica, moral, sexual, patrimonial, entre outras. (<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-ustica/2016/11/violencia-domestica-e-causa-de-dois-tercos-das-denuncias-de-agressoes-contra-a-mulher>).

Em outro portal de notícia, o Exame, em matéria publicado no dia 8 de março de 2017, “Os números da violência contra a mulher no Brasil”, divulgando alguns números da pesquisa feita pelo Datafolha diz:

E o agressor, na maior parte das vezes, é um conhecido (61% dos casos). Em 19% das vezes, eram companheiros atuais das vítimas e em 16% eram ex-companheiros. As agressões mais graves ocorreram dentro da casa das vítimas, em 43% dos casos, ante 39% nas ruas. (<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>).

Os respectivos dados foram colocados aqui para mostrar que a casa também não é o lugar de conforto para as mulheres. Duas das mulheres falaram em medos que sentem dentro da própria casa, em relação aos irmãos mais novos ou as/os primas (os) pequenas (os). Quando pergunto sobre elas, acham mais difícil acontecer, dizem serem mais observadoras do que as crianças, – que não entendem as malícias – em relação a um possível abusador.

“O estupro tá as vezes em pessoas que a gente conhece”, responde uma delas quando pergunto sobre se sentir mais segura no Porto do Capim, ou mesmo em casa, “inclusive eu estava de shortinho aqui varrendo a casa eu tava me sentindo incomodada, porque uma pessoa que é da família, mas nesta situação não quer ser da família [...]”. As três mulheres deste estudo já foram assediadas em casa por familiares, uma foi agredida fisicamente, o irmão de uma delas já bateu na esposa e a mãe de duas delas já passaram por agressões verbais em casa vindo do marido, assim como suas avós.

O espaço doméstico também não é um lugar seguro nem confortável para muitas mulheres, além de sofrerem assédios, verbalmente e fisicamente o espaço da casa foi pensado e organizado para o descanso e lazer do homem, ao voltar do trabalho e não para a mulher. Toda essa violência propagada no espaço privado perpassa e reverbera no espaço público. Os espaços se relacionam um com o outro o tempo todo, por isso a liberdade da mulher na esfera privada, depende da liberdade da mulher na esfera pública e vice-versa.

Pelos dados da pesquisa feita em 2017, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)³⁵, 40% das mulheres já sofreram algum tipo de assédio, nos 12 meses anteriores a pesquisa, feita entre os dias 9 e 11 de fevereiro de 2017, sendo 35% de mulheres brancas e 43% mulheres negras. Cantadas e comentários desrespeitosos na rua foram sentidos por 36% das

³⁵ <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>

mulheres entrevistadas, sendo 32% entre as mulheres brancas e 37% entre as mulheres negras. Sobre o transporte público, a porcentagem de assédio físico chega a 10%, sendo 9% entre as mulheres brancas e 11% entre as mulheres negras. As mulheres negras tiveram um maior percentual em todas os diferentes tipos de assédios colocados pela pesquisa. Os dados não só confirmam a violência contra a mulher nos espaços da rua e do transporte público como mostra como a questão da raça tem grande influência no aumento dessas agressões às mulheres negras.

Quando iniciei os encontros com Flávia, que fazíamos quando ela trabalhava na lanchonete da sua mãe, minha metodologia usada era sempre ir com alguns pontos temáticos para conversarmos, comecei sobre o Porto do Capim, seus trajetos e como era ser mulher na cidade. Metodologia que fazia a conversa fluir porque desses pontos sempre surgiam tantos outros, contribuídos também pelas pessoas que passavam e principalmente pelas falas de Flávia que nos levava a tantas outras questões.

Como é ser mulher na cidade, era um dos pontos que mais discutíamos e ela nunca teve problema em responder nenhuma pergunta ou se negou a conversar sobre algum assunto. Em um determinado momento, entre nossas conversas, perguntei a ela como é ser mulher negra na cidade. Estávamos na varanda da casa da tia, com algumas crianças e um senhor sentado na cadeira de balanço ao nosso lado. A voz dela se calou, o silêncio se fez presente pela primeira vez em seus lábios e o olho dela encheu de lágrimas. Flávia não conseguiu falar nada sobre minha pergunta. Percebi naquele momento como o silêncio dela gritava.

Podemos ser indivíduos semelhantes, mas extremamente desiguais. É importante percebemos que da mesma forma que existe um binarismo que distingue os diferentes gêneros e suas funções, supervalorizando a figura masculina em detrimento da figura feminina a questão de raça também contribui para o fortalecimento das desigualdades, distinguindo, por exemplo, as vivências da mulher negra, das vivências da mulher branca na cidade.

Os preconceitos e discriminações sofridas pelas mulheres em relação a cor da pele, como as desigualdades de gênero, também são naturalizadas, impregnam no corpo e a silenciam. A construção do imaginário da mulher negra é uma consequência da sociedade escravagista, que tirou seu lugar de sujeito as transformando em um corpo coisificado, que transita entre a função do trabalho compulsório e da ultrasexualização de seus corpos (LINHARES, 2015).

Os padrões estéticos foram construídos pautados em uma hierarquização de raça, em que o corpo branco e o cabelo liso sempre foi visto como ideal de beleza, trazido pelos colonizados e aperfeiçoado aqui esse padrão inferioriza outros tipos de estéticas que não dialogam com os padrões do branco. Isso gera uma falta de reconhecimento de si e uma negação

ao seu corpo negro e a suas curvas, optam por seguir certos padrões que não valorizam seus formatos na busca pelo pertencimento a um padrão tido como melhor e mais bonito.

Helena tem naturalmente cabelo crespo, mas gosta de deixar ele liso, acha mais bonito e mais fácil de manter, mas algumas amigas questionam ela, por ser uma mulher empoderada mas não assumir seus cachos, “sim, que eu sou uma mulher empoderada não preciso sair com ele crespo, você é uma mulher empoderada no que você fala, no que você é” e termina dizendo que por pintar o cabelo de vermelho também sofre na rua e com amigos que dizem que essa cor é “cabelo de raparigueira”.

Flávia conta que “eu nunca gostei de dar química [no cabelo], eu lembro que desde criança eu nunca gostei, nunca gostei, eu dava pra tentar seguir um padrão e não ser bulinada³⁶ como é, não ter zoeira pro meu lado, aí eu dava pra tentar seguir esse padrão” e continuou “a gente odiava quando mainha fazia aqueles totó de Gil da Banda Beijo na gente, não tem uns totózinho que enrola enrola, pronto, a gente odiava, chorava pra não ir pra escola.”.

Isso faz com que muitas crianças sofram por acharem que sua estética é inferior à branca e “fica extremamente difícil para esses sujeitos atingidos diretamente por essa ideologia do padrão branco como única forma aceitável, criar mecanismos interiores de auto amor e autovalorização” (BERTH, p. 99, 2018). “Era ‘Tonho da lua’ e ‘Chupa cabra’, o nome meu e de Fernanda quando era criança [...] aqui no Porto do Capim, a gente chegava todos os dias chorando dentro de casa” conta Flávia, que esse apelido veio depois que o marido da avó cortou o cabelo de Fernanda porque tinha chiclete e por serem gêmeas, Flávia também teve seu cabelo cortado, “feito joãozinho mesmo, hominho.”. O problema também está em como a cultura Ocidental supervalorizou a noção de belo, hierarquizando-a como seres superiores e o bonito como algo bom (BERTH, 2018).

Dessa forma, à mulher negra sobram os estereótipos de feiura, de mulher má, inferior, ao qual só tem capacidade para o trabalho compulsório e a ultrassexualização. Percebe-se como o corpo carrega marcas, de inferioridade ou superioridade, baseado em princípios legitimados pelo poder através das noções de gênero e raça, hierarquizando os sujeitos e fortalecendo as desigualdades. Flávia sempre questiona que quando sai para festas os homens que mais se aproximam dela são brancos, que ela fica querendo muito sair com um homem negro, mas que nunca acontece, “em ambientes mistos, raramente os negros olham para as negras”, ela acredita que os homens brancos se interessam mais pelas negras pela ideia de que

³⁶ Aqui o termo refere-se quando mexem com ela de uma forma desagradável.

elas são mais fogosas e os negros não chegam porque estão interessados mais nas mulheres brancas.

Se a construção de nossas afetividades é baseada nas nossas vivências cotidianas, tanto as boas quanto as ruins, qual tipo de afeto é possível ser construído nos corpos dessas mulheres que vivem constantes assédios na cidade? Veremos mais a frente como as mulheres seguem formando, criando e recriando reações corporais na resistência e permanência de si no espaço urbano.

Antes de chegar ao ponto descrito acima, queria fazer uma última discussão. As três mulheres afirmaram se sentirem mais seguras quando chegam à comunidade, principalmente por estarem em um lugar mais iluminado e por ter muita gente conhecida pela rua, como olhos que trazem a proteção pela vigilância a elas. Mas, como são as reações ao seu corpo femininos no Porto do Capim?

“Com relação ao corpo, é em qualquer canto”, afirmou Helena, “é sempre complicado”, por que os homens mexem mesmo, tanto nas ruas da cidade quanto no Porto do Capim. Flávia diz receber mais cantadas faladas fora do Porto do Capim, pois ali ela é mais conhecida, nota muito mais os olhares masculinos sobre seu corpo do que algum tipo de cantada. Já houve homens cantando meninas menores, meninas que sofreram casos de estupro dentro do Porto do Capim. “O medo tá igual, Porto do Capim e fora” diz.

Dentro do Porto do Capim, existem ruas mais movimentadas e outras menos, a depender também da hora do dia. As ruas onde ficam as madeireiras, por exemplo, são mais movimentadas pela manhã e tarde e esvaziada a noite. Esta rua é um espaço menos utilizado pelos moradores, principalmente no período da noite, por conta do esvaziamento e mesmo pela manhã e tarde é fácil perceber como os moradores circulam muito mais pela rua Porto do Capim, onde podem encontrar com mais pessoas e olhares conhecidos. Essa rua acaba sendo mais desconfortável para as mulheres, por conta dos olhares dos trabalhadores das madeireiras, que muitas vezes ficam na rua. Em um dos retornos a uma apresentação do Xote das Meninas na Estação de Trem, ao qual fomos a pé, foi constrangedor os olhares que recebemos, eu, Flávia e Helena ao passar por essa rua, de alguns homens que lá estavam, passamos em silêncio e quando saímos daquela rua, nossa reação foi quase automática, ao comentarmos o fato e trocarmos o mesmo sentimento de desconforto, após as meninas dizerem que sempre quando tem que passar por ali é a mesma coisa. Foi nesta mesma rua, Visconde de Inhaúma, onde Flávia foi assaltada, em janeiro de 2018, por dois homens de moto, que passaram e levaram seu celular, ela afirmava para mim que eram pessoas de fora da comunidade porque nunca tinha visto

nenhum deles, “não mais me sinto segura na comunidade”, terminava a fala após me contar sobre esse fato e pude sentir um olhar de tristeza.

A mesma tristeza que sentia quando ela me contava sobre os conflitos que houveram no final do ano de 2017 dentro da comunidade, entre duas facções existente na cidade, que acarretou na morte de um garoto, descrito acima. Ela dizia o quanto isso era ruim porque as pessoas passaram a sair menos de casa, havendo um maior trancafiamiento da população, dessa forma diminuindo os contatos na rua, tão característicos daquela região. Não que ninguém saia mais, mas notara um esvaziamento e dizia incentivar os moradores a permanecerem com suas cadeiras na rua.

Os eventos que aconteceram no Porto do Capim também me deixaram insegura em relação as minhas idas a campo àquela região, pois fiquei sabendo pelas mulheres entre outras coisas que alguns homens armados haviam entrado na casa de pessoas conhecidas minhas por conta de conflitos das facções, na busca de um dos parentes, em residência que eu frequentava, assim como o assassinato do garoto na luz do dia na praça do Quém Quém. Estes fatos me deixaram mais cautelosa com minhas idas a comunidade no final de 2017.

Helena acredita que a violência, que estava crescente na comunidade no final de 2017 e que também a deixou com medo, em começo de 2018 havia diminuído, mas que tinha percebido um aumento da venda de drogas, coisa que não existia no Porto do Capim a uns 5 anos antes e que por mais que sentisse menos medo ao entrar na comunidade, também sabia que ali não é um lugar totalmente seguro. Já Giovana sempre foi mais indiferente sobre essas questões, quando perguntava se sentia medo ou não, ela sempre me respondia que passava muito tempo dentro de casa, então não sabia muito o que estava acontecendo, mas também sentia que não era um assunto que ela queria conversar, pois alguns parentes da família do pai dos seus filhos mais novos estavam envolvidos nesses conflitos.

Dentre as três mulheres, Giovana é a que tem menos contato afetivo com a comunidade. Me pareceu que ela só está ali ainda porque tem uma casa garantida no Curtume, que conseguiu depois de muita briga com o ex-marido, que queria ficar com a casa. Ela sempre deixou muito claro que não tem muita relação de amizade com ninguém da região, “geralmente ali a gente não tem muita conversa não, porque geralmente o povo não considera eu e Vilma, por nós duas morar juntas”, principalmente por conta da família do ex, que é bem grande e que afirma não respeitarem ela e nem aceitarem a relação dela com a companheira.

Outra questão intrigante é o fato da Praça do Quém Quém, já descrita acima ter ganhado um outro nome pela ala masculina que ali frequenta. Quem contou essa história para mim foram tanto Flávia quanto Helena, logo no começo do campo. Houve um boato que

queriam renomeada a praça para “Praça dos Homens”, recebendo essa nova denominação pelas figuras masculinas que lá ficam e assim passaram a chamá-la entre eles. Essa ocupação da praça, majoritariamente por homens, me explicou Flávia, fez com que as mulheres não se sentissem mais confortáveis em lá ficar. “Pensamos em fazer um movimento” para retomar a ideia inicial da praça, já que a intenção não era tornar nada disso uma briga de sexos.

Percebo aí a existência de um possível conflito de espaços entre as figuras masculinas e femininas na comunidade do Porto do Capim. Fernanda, irmã de Flávia, disse incentivarem os homens a participarem dos movimentos. No carnaval de 2017 houve um grupo de Ala Ursa organizado pelos homens, chamado de o Urso Pai do Manguê, mas conta que eles só se organizaram para o carnaval e não fizeram mais nenhum evento, também comentou como tentou ajudá-los dando algumas dicas, mas eles negaram a ajuda.

Normalmente quando chegava a comunidade de carro, estacionava bem ao lado dessa praça, pois fica ao lado do Ponto de Cultura perto da lanchonete onde Flávia trabalhava, local onde muitas vezes encontrei e tinha conversas, principalmente com uma das mulheres desse estudo. Eu, particularmente, sempre sentia um certo desconforto quando descia do carro, pois rapidamente percebia os olhares masculinos – vindo dos homens que lá se encontram, de baixo da árvore, sentados no banco da “Praça dos Homens” – de encontro ao meu corpo, acredito que tanto por ser mulher, como por ser uma mulher estranha a eles. Isso se repetiu ao longo de toda a pesquisa.

Realmente a maioria das pessoas que vejo sentadas ali naquele espaço são homens, adultos, adolescentes e em menor quantidade crianças, normalmente estão jogando futebol ou bola de gude. Já vi sim mulheres sentadas ali, mas sempre em pouca quantidade (um ou duas). Fiquei pensando... Na comunidade são as mulheres que mais fazem parte dos movimentos políticos, como a Associação das Mulheres da Comunidade do Porto do Capim, assim como dos movimentos culturais; o Ponto de Cultura, o grupo As Garças do Sanhauá e o Xote das Meninas. Então, até que ponto os homens, ao ocuparem esse espaço da praça e a renomearem, ao lado da Ponto de Cultura, que é onde centraliza todos esses movimentos que citei acima, de mulheres, não estão buscando, consciente ou inconscientemente, um espaço para eles, uma certa autoafirmação de um lugar masculino dentro da comunidade?

Em conversas mais recentes ao fim da escrita deste trabalho Helena continuou afirmando que, “[...] realmente, hoje em dia a Praça do Quém Quém não é mais a mesma porque antigamente a gente ficava brincando, e tipo, jogava dominó, essas coisas, agora realmente dominou geral pelos homens, de verdade” contou-me Helena e continuou

[...] aqui em casa é pequena sabe, a gente não tem um quintal, como essas casas maiores tem né, da principal³⁷, então eu estendo roupa próximo, não sei se você já percebeu, próximo da Praça do Quém Quém tem uns arames né, de colocar roupa, aí eu sempre estendo roupa ali e como eu trabalho a semana toda, eu lavo minhas roupas no sábado de noite pra no domingo de manhã estender. No domingo de manhã é uma réca³⁸ de homem aí na frente né, porque eles vão jogar de manhã e quando chegam vão pra praça conversar sobre o jogo, então eu fico muito constrangida porque, exemplo, eu não vou ficar em casa dia de domingo com uma roupa composta, uma roupa tipo, me arrochando ou uma roupa longa, calor, tô fazendo minhas coisas, então coloco uma roupa mais, mais fina, mais agradável, entendeu? Não fico nua [risadas de Helena], mas fico mais agradável, então quando eu me abaixo pra pegar roupa, ou estender, fico estendendo, eu percebo que eles ficam comentando, sabe, sobre mim, ou se não eles ficam olhando, tipo assim, com aquele olhar maldoso, então é muito chato, as vezes eu prefiro nem estender. Mainha já sabe sobre isso, mainha as vezes prefere estender, até pra colocar o lixo lá fora as vezes de manhã eu fico com vergonha porque eu passo e eles ficam olhando e comentando.” (Fala de Helena, moradora do Porto do Capim).

Percebe-se que mesmo dentro do Porto do Capim e mesmo as moradoras conhecendo os homens que lá andam e circulam, a figura masculina ainda gera desconforto, como no caso de Helena, que se sente constrangida de estar naquele espaço, com aquela roupa e com aqueles olhares ao seu corpo. Ou seja, acumulam-se os lugares onde as mulheres se sentem assediadas.

Essas falas de Helena aconteceram no mesmo dia que Flávia me respondeu, sobre o mesmo questionamento que fiz a ela sobre este espaço, afirmando que este conflito já não existe mais, e me contou que

[...] rolou mas foi algo bem pontual, não foi algo que se prolongo não, até porque a gente assim que aconteceu esses boatos que a praça era dos homens a gente começou a ocupar intencionalmente, mas hoje o uso é compartilhado, não tem conflito, não é nada tipo, não é um jogo de braço não, hoje é bem tranquilo, de boa, o espaço é livre tanto pra homens quanto pra mulheres, num tem essa rixa não, essa competição não, não mais né, mas antigamente tinha rolado um boato desses” (Fala de Flávia, moradora do Porto do Capim).

As falas das duas mulheres entram em contradição, para Helena, ainda paira essa ideia de “Praça dos Homens”, talvez não como uma nomeação do espaço, mas enquanto uma sensação ainda sentida pelo seu corpo, que continua a vivenciar um desconforto com a presença masculina. Já Flávia, acredita que essa renomeação já foi superada com uma forte ocupação das mulheres no local. Provavelmente o fato de Helena morar ao lado da praça e por isso ter que conviver mais com essa frequência masculina faça com que ela tenha um olhar diferente a este mesmo local, já que as sensações em seu corpo ainda não foram superadas. Por este motivo,

³⁷ Rua Porto do Capim

³⁸ Muitos, uma quantidade muito grande.

por exemplo, que já afirmei aqui como cada indivíduo vivencia de forma diferente os espaços, a depender do seu contexto, criando múltiplos olhares e assim múltiplas cidades.

Me parece que superado ou não, ainda existe uma disputa de território entre homens e mulheres, que é local, no caso da Praça do Quém Quém, mas que também vai sendo perceptível em um nível maior, presente por vários espaços da cidade, que parecem empurrar – não só os espaços, mas também os sujeitos e principalmente os homens – as mulheres para fora.

3.3. O CORPO REAGE: TÁTICAS DE RESISTÊNCIA DA MULHER NA CIDADE

Sendo dentro ou fora do Porto do Capim, diz Helena, “quando vê uma moto, pessoas de vestimenta...” e para a frase na metade, dizendo que não gosta de falar isso, de julgar pessoas, mas dependendo da roupa, fica mais apreensiva. O medo sofrido diariamente por essas mulheres, que andam pelas ruas e vivenciam perigos reais contra seu corpo, acaba recriando e/ou reproduzindo estereótipos nos corpos dos outros, principalmente em relação ao corpo masculino, pois é da presença deles que vem o maior medo, percebido nos relatos dessas mulheres. Desse modo, um homem de moto e a roupa que ele está vestindo tornam-se possíveis sinais de alerta. Assim como facilmente uma aproximação masculina pode já se tornar um alerta de perigo a um possível assédio, esse corpo feminino fica em constante vigilância.

Entendeu o meu “obrigado como cabimento³⁹”, Flávia falando de um entregador de panfleto religioso que puxou um sorriso após o agradecimento dela ao pegar o papel entregue, ela achou a atitude desnecessária. Como uma reação, essas mulheres, a partir de suas vivências na rua, passam a perceber com mais atenção e a julgar perigosa ou não algumas características corporais masculinas, que poderia – no caso de uma cidade que garantisse segurança e que as mulheres não passassem por esses medos – passar despercebido.

“Raramente sento do lado de homem”, pergunto a Flávia o motivo, “por ser homem”. Quando entra no ônibus e passa pela roleta⁴⁰ a primeira coisa que observa são os lugares que estão sobrando para sentar, olha primeiro para a cara de quem está nos assentos, tem “receio” de sentar ao lado dos homens, a preferência sempre é sentar ao lado de mulheres, porque sentar sozinha não garante a segurança, já que pode entrar um homem e querer sentar ao seu lado, “me incomoda o homem que já encara quando entra no ônibus”

– “Evito estar na frente do homem no ônibus” (Flávia).

³⁹ Ato de permitir uma maior aproximação.

⁴⁰ Os ônibus na cidade de João Pessoa tem catracas tanto na parte da frente quanto na parte de traz e os passageiros entram pela parte da frente.

Todas as vezes que peguei ônibus com Helena, ao passar da roleta ela sempre sentava nos primeiros bancos, eu sempre vinha atrás dela e assim seguia até o assento que ela escolhia, em uma de nossas viagens perguntei a ela o porquê do local, ela disse ser porque acha que atrás a mulher fica mais vulnerável, se acontecer alguma coisa ninguém vê direito e que ali, por mais que existia o cobrador que muitas vezes jogava olhares desconfortáveis, pelo menos ela se sentia mais segura se caso acontecesse alguma coisa, como assaltos.

Le Breton traz a ideia de que uma “técnica corporal atinge seu nível quando torna uma somatória de reflexos e se impõe imediatamente ao ator sem esforço de adaptação ou de preparação de sua parte” (2017, p. 43). Esses comportamentos citados acima, se fixaram a seus corpos, não como hábitos no sentido de automatismo obediente, mas como *habitus* enquanto um conhecimento criado, reconfigurado, inventado e adquirido à essas mulheres (BOURDIE, 1998) a partir de suas vivências e que sempre ao estarem na rua ou nos ônibus são acionados como uma proteção aos possíveis contratemplos.

Existe um poder de agenciamento a todas as mulheres na construção de formas de proteção para o convívio minimamente tranquilo no espaço urbano, como o “‘lado ativo’ do conhecimento prático” (MARX *apud* BOURDIE, 1998, p.61) que vem pela busca da integridade física de seu corpo. “Eu não ando mais por aí”, diz Flávia sobre a rua lateral do Teatro Santa Rosa, no centro da cidade, “eu desço por aqui e faço esse arroteio⁴¹ [...] tem vários homens que ficam bebendo tanto no quiosque quanto no outro bar e que ficam no meio, não me sinto confortável, não me sinto de forma alguma, parei literalmente de andar por ai [...]”. “Não gosto mais prefiro”, sobre Flávia ter que trocar de rua para evitar constrangimentos.

Esses medos femininos, entranhados em seus corpos, limitam os espaços de acesso das mulheres a cidade, “acarretando em ‘normas’ coletivas de horários, bem como locais ‘permitidos’ ou ‘proibidos’ em determinadas partes da cidade” (SIQUEIRA, 2015, p. 02). Flávia fazia caminhada com mais 5 à 20 mulheres do Porto do Capim pelas ruas do centro, no período da manhã, mas começaram a ficar inseguras com os espaços por onde andavam, fomos “provocadas a ir para a Lagoa”, pois lá é um “lugar melhor”, com maior segurança e iluminação. A fala não demonstra a troca do local de caminhada pela busca de um espaço mais arborizado ou bonito e sim pela sensação de proteção, tornando mais uma vez o medo o ponto chave, neste caso, para uma nova rota de caminhada dessas mulheres.

Giovana nunca volta para casa sozinha após um dia de trabalho, sempre espera Vilma e seu filho, cada um com um carroça e descem até o Porto do Capim todos juntos, diz

⁴¹ Dar a volta.

que assim não só se sente mais segura mas acredita ser mais seguro para todos que estão juntos, não só porque passa por ruas que considera perigosa, por conta do esvaziamento, mas porque em maior quantidade de gente e de carroça, fica mais fácil dos ônibus perceberem eles, principalmente quando descem a rua Candido Pessoa, em que os ônibus passam bem rápido e próximo às carroças, que chegam a balançar. Neste caso, as reações e cuidados são tomados não por medos dos assédios, mas dos motoristas que muitas vezes nem olham direito para elas, afirma Giovana.

Outro fato interessante é que na única vez que consegui voltar com elas, pois nesse dia tinha um carro para voltar do Porto do Capim até minha casa, uma moradora da comunidade apareceu, parou do lado delas, as cumprimentou e disse que esperaria por elas, pois estava muito tarde e já não queria descer sozinha. Giovana me contou depois que isso era comum, que às vezes algumas mulheres da comunidade encontravam com elas já noite pelo centro e sempre esperavam por elas, pois se sentiam mais seguras. Neste dia, descendo pelas ruas já escuras e esvaziadas, percebi como estar com todas elas e seus filhos me trazia uma sensação de tranquilidade e segurança, que não sentiria se estivesse só naquele espaço àquela hora.

Helena quando volta à noite pelo Porto do Capim também tem sua preferência de rua, que escolheu pela sensação de segurança. Não volta pela rua Visconde de Inhaúma, das madeiras, pois nessa hora o comércio já está fechado e a rua é tomada pela escuridão e pelo vazio. Vai pela rua Porto do Capim, iluminada e com gente conhecida nas ruas.

Raramente sai de casa no final de semana, mas Flávia diz gostar de ir à praia do Praia do Cabo Branco, no Busto de Tamandaré, que chamam também de “Roger Porto e conhecido”⁴², pois é a praia de maior frequência entre os moradores do Porto do Capim e do Roger, outro bairro da região central da cidade⁴³. Gosta de usar biquíni fio dental, mas não se sente confortável de ficar ali naquela localidade, pois tendo muita gente, diz existir uma quantidade maior de olhares a seu corpo e muitos desses olhares são de pessoas conhecidas. “Quando eu vou só com meninas, eu uso biquíni pequeno [...] se eu tiver perto de conhecido homem eu não tiro [o short]”. Prefere estar mais distante, em lugares mais vazios da praia, mas, “estar mais vazio não sabe se é melhor”, pois acredita estar mais vulnerável a abordagens masculinas. Surge aí um impasse, uma dúvida colocada a seu corpo, os olhares desconfortáveis ou o medo de estar sozinha?

⁴² Essa é a mesma praia denominada de “praia do oi” por outras moradora do Porto do Capim, que citei acima.

⁴³ Isso acontece pois existe ônibus direto do centro para a Praia do Cabo Branco, diferente de outras regiões praieiras da cidade, que para quem mora no centro, o acesso fica mais complicado, tendo que pegar mais de um ônibus para chegar a essas localidades.

Insegurança é uma constante que se inscreve em seus corpos femininos e lhe impõem certos limites na possível relação corpo-cidade. Não podem, ou podem mais não devem, ou podem mais é perigoso, acessar à todos os espaços públicos da cidade. Quando não, deixam de estarem nos locais por conta do desconforto e do medo.

Helena não senta no ponto de ônibus a noite enquanto o espera para voltar à sua casa, o ponto fica escuro e nenhuma de suas amigas, quando saem do trabalho com ela também sentam. Elas e alguns homens ficam todos de baixo do posto por conta da iluminação. Ela diz ficar em alerta e em um ponto estratégico porque se algum motoqueiro vir paracima da calçada assaltar alguém, como já aconteceu, ela tem como sair correndo. Dessa forma, existe um ponto com lugares para se sentar, mas o lugar não é utilizado por conta da insegurança a noite, no período da manhã muitas pessoas sentam naquele espaço ao esperar seus ônibus.

Quando comentei com Flávia sobre o espaço da Lagoa, que após a reforma tinha ficado mais iluminado e espaçoso, como um bom lugar para passear, porque era perto do Porto do Capim e ela podia se reunir com amigas e amigos por lá e que dava para ir andando, ela me respondeu com outra perspectiva. Afirmou que era bom ter este espaço próximo da sua localidade porém

Ainda se torna longe, porque tipo, a noite pra gente ir a gente não vai a pé, tipo eu e minha prima se a gente fosse caminhar, neste horário, a gente não subiria para a lagoa a pé [...] próximo mas porém inacessível, porque a gente não vai pegar um ônibus pra descer duas paradas depois [...] e o movimentos das ruas da proximidade, o movimento todo é tudo de dia, é comércio, então a noite tudo fecha, então se torna mais inacessível ainda”. (Fala de Flávia).

Para Flávia a “escuridão faz o bandido” e acaba facilitando para os homens que querem mexer com as mulheres, como o rapaz que ficou atrás do poste para abordar uma de suas amigas e que talvez ele não fizesse se o lugar tivesse cheio de gente. A falta de estrutura física além de outras questões é um dos grandes problemas que contribuem para a existência dos assédios, abusos e violências sofridas pelas mulheres. Ruas e pontos de ônibus mal iluminados, ruas e ônibus vazios, ônibus lotado e principalmente a presença masculina, são pontos chaves na fala dessas mulheres, como características dos espaços da cidade que dão maior medo, onde e como elas se sentem mais vulnerais aos possíveis perigos.

A arquitetura da cidade não é feita, nem pensada para as mulheres. “A cidade passou a ser uma aglomeração de indivíduos assexuados, submetidos a um ponto de vista global – leia-se masculino – [...] misturada na multidão, a mulher vive uma falsa impressão de igualdade de uso e de mobilidade urbana.” (Calió, 1997 *apud* Siqueira, 2015, p. 17). A mobilidade urbana se diferencia a depender do gênero, nessa perspectiva, não podemos dizer que a cidade

frequentada pelos homens é a mesma cidade da mulher, que evita espaços, roupas e posturas, para se proteger.

- “Nossa tática é defensiva” (Flávia).
- “Não mostrar que tem medo” (Flávia).

Essas mulheres, de uma forma ou de outra, resistem e ao permanecerem nas ruas da cidade, criam e recriam táticas e posturas em seus corpos. E aqui faço uma distinção entre táticas e estratégias fundamental para pensarmos a criação de *habitus* corporais às mulheres na cidade, partindo do ponto de vista de Michel de Certeau que nos mostra a noção de estratégia ligada a relações de força, impostas de cima para baixo, característica da “modernidade científica, política e militar” (CERTEAU, p.99, 1994) e que tem como consequência, uma prática panóptica nos espaços.

Já as táticas, seriam formadas por ações daqueles que não tem autonomia e “por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha [...] a tática é movimento ‘dentro do campo do inimigo’, como dizia von Bulow, e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, p.100, 1994). A tática seria uma arte do fraco, enquanto minoria destituída de poder, que produziria o efeito da astúcia como a última instância a ser acionada, em oposição ao poder dos visibilizados.

Essas mulheres trabalham com a astúcia todos os dias, como um último recurso para se manterem no espaço público. A partir desses relatos, percebe-se todo um conjunto de táticas que são acionadas aos seus corpos, se juntando a sua corporificação social, que aqui vou chamar de “táticas de resistência”, produzida pela constante relação entre o corpo e as dinâmicas sociais, em que um influencia no outro.

Com base nos relatos e na convivência com as três mulheres deste estudo, dividido em dois tipos distintos de táticas de resistência utilizadas por elas, as “táticas de enfrentamento” e as “táticas de defesa”, posturas e comportamentos criadas e utilizadas por esses corpos femininos nas ruas. O olhar que observa, pois teme, mais a aproximação do homem do que da mulher, o sentar no ônibus ao lado de figuras femininas, evitar ruas, a reflexão sobre que roupa usar antes de sair de casa, o “não dar cabimento”, andar mais rápido pelas ruas escuras, todas elas seriam formas criadas para se defenderem nos espaços da cidade.

- “Fico sem sutiã mesmo.” (Helena).
- “[...] só uso roupa curta.” (Helena)
- “O problema é do homem e não da mulher.” (Helena)

Flávia também afirma que usa a roupa que quiser, “uso mesmo”, mesmo sabendo que vai acabar escutando mais cantadas masculinas na rua. Essas seriam algumas táticas de

enfrentamento, ao qual, mesmo essas mulheres sabendo do que pode vir acontecer a depender das suas roupas, preferem não se render a esse conjunto de regras e significados socialmente construídos e se impõem na cidade. Outras, como Giovana, preferem não usar roupas curtas quando sai para o trabalho, para não chamar atenção, fazendo dessa forma como uma tática de defesa.

No centro da cidade, Flávia foi fazer compras no comércio e foi de carro com sua irmã, conta que ao estacionar o carro tinha um batente que estava dificultando a subida do carro – e logo deixou claro que fazia muito tempo que não dirigia um carro – rapidamente chegou um flanelinha “tá cuidado dona”, mas sem paciência porque ela não estava conseguindo subir a guia foi logo dizendo “desce que eu estaciono”.

Ela fez um não com a cabeça e uma cara de desaprovação, mas que não foram levados em conta por ele. Continuou estacionando até escutar do mesmo flanelinha, “quer que empurre? ”. Fernanda já raivosa soltou um “é porque é mulher você tá falando assim” entre outros gritos necessários para só assim calar a boca do flanelinha.

Outro caso de conflito necessário na rua, com as mesmas irmãs, aconteceu também devido à falta de respeito de um homem, vendedor ambulante de castanha. Em um dia de trabalho ao qual elas estavam em frente a porta do Banco do Brasil, no centro da cidade, fazendo o cadastramento de pessoas para o kit digital, o vendedor sempre que elas passavam dizia: “Castanha, olha que castanha gostosa e bem novinha! ”. As duas desaprovando a frase, que já havia sido falada em outros momentos e mesmo o cara notando que elas não tinham aprovado da primeira vez continuou falando, brigaram, mostraram o dedo do meio e soltaram um “Vai se fuder!” para ele, depois disso, quando elas voltaram o vendedor não disse mais nada. E completa “ai a gente precisa ser agressiva em alguns momentos? Querendo ou não é se expor porque a gente não sabe com quem a gente tá tratando. ”

Tristemente me parece, voltando para Despentes, que nos falta um pouco de agressividade para conseguirmos conviver no dia a dia com os homens, no texto ela está se referindo ao estupro, mas creio que podemos levar essa questão para todos os espaços e situações vividas pela mulher. “Estou furiosa com uma sociedade que me educou sem me ensinar a ferir um homem se ele abrir minhas pernas à força [...]” (DESPENTES, 2016, p, 39).

As reações de Flávia e Fernanda foram contra o silenciamento de seus corpos, cansadas, seus gritos e grosserias foram necessários para mostrar aos respectivos homens que permanecerão naqueles espaços, utilizados por elas como último recurso.

Dessa forma, essas mulheres revezam entre táticas de defesa e de enfrentamento para diminuir seus medos. Mesmo o medo não sendo algo homogêneo, pois depende das

vivências de cada uma, de cada corpo, criando diferentes tipos de corporalidades, as percepções dessas mulheres se expandem na rua, ficam mais atentas aos detalhes, resistem. Criam seus próprios espaços de circulação, seus próprios trajetos e suas próprias cidades. “Este não-lugar lhe permite sem dúvida a mobilidade [...]” (CERTEAU, 1994). Recriam suas próprias formas de andar, sentir, interagir e olhar para (sobre) viver nos espaços públicos da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou, com a centralidade em três mulheres, Helena, Giovana e Flávia, pensar um pouco sobre a relação possível entre corpos femininos e a cidade, partindo da questão: qual a cidade dessas mulheres? E da noção de cidade a partir de dois pontos principais: Primeiro em uma cidade de fluxos descrita por Janice Caifa, na crença da “mistura urbana” como uma possibilidade importante da cidade, na crença do lidar com o desconhecido e com outras pessoas diferentes de si, em oposição a cidade de muros, fechada e voltada para espaços internos, de Teresa Caldeira. Segundo em uma cidade que é formada exatamente por esses fluxos, movimentos de pessoas, dos contatos e dos diferentes trajetos que contribuem para fazer-cidade como acredita Michel Agier.

Através dos relatos das respectivas mulheres descobrimos os espaços de circulação dos seus corpos, que transitam diariamente pelas ruas e transportes da cidade. Entendendo o afeto como uma reação corporal aos estímulos do espaço, sendo eles tanto positivos como negativos, vimos aqui como o espaço da cidade pode trazer relações positivas a essas mulheres, como as amizades feita por Helena nos transportes alternativos, as saídas de Flávia com as amigas pelo comércio do centro, para a Lagoa com as crianças e principalmente Giovana, que criou uma série de vínculo afetivos à várias pessoas em seu trabalho nas ruas do centro de João Pessoa.

De certo percebemos como as relações de vizinhança formadas no Porto do Capim tem a ver com as trocas possíveis a serem feitas nos espaços públicos da cidade, com as crianças na rua e os olhares cuidadosos a elas pelos diferentes moradores assim como as conversas nas calçadas e os encontros dos adolescentes na porta do Ponto de Cultura. Tudo isso indo em oposição as novas formas de viver na cidade, caracterizada por cidades enclausuradas em que as pessoas se fecham para o interior das suas casas/shoppings/escritórios/carros, perdendo o contato com o outro diferente e negando as possíveis trocas feitas nos espaços abertos.

Entramos em discussões fundamentais sobre a imposição de comportamentos e padrões sobre o corpo da mulher, que vivencia uma sociedade altamente machista e sexista para mostrar como todas essas normas se fazem extremamente presente nos espaços públicos da cidade e como as mesmas influenciam nas afetividades construídas em nossos corpos femininos. Infelizmente muitos dos possíveis afetos que a cidade traz a mulher é pautado na violência e no medo.

Primeiramente trabalhei o corpo como formador do sujeito e das suas subjetividades, influenciado pelas vivências externas a ele, mas sempre com ele, assim como a existência de uma troca que se faz entre a cidade e o corpo, em que tanto podemos pensar em uma grafia da cidade no corpo quanto a formação de diferentes cidades pelos diferentes corpos, por isso não podemos falar em uma cidade, mas de uma multiplicidade de cidades, a depender dos respectivos corpos, trajetos e contextos de vida.

Por mais que a relação com a cidade é construída de forma diferente para cada mulher ou homem, existe uma forte característica normatizadora de padrões que é operado em oposição aos corpos femininos nas cidades e por isso, mesmo que cada mulher tenha sua própria cidade grudada ao seu corpo com suas especificidades, existe algumas vivências que podem ser comum às mulheres.

Nesta perspectiva podemos perguntar o que tanto difere a cidade das mulheres da cidade dos homens? Com os relatos dessas mulheres acredito poder afirmar que aqui, a diferença se faz pelo medo, porque o medo das mulheres na cidade está ligada ao seu corpo. O medo é do assalto ao corpo, do roubo ao corpo e do sequestro ao seu corpo, o corpo feminino é um “corpo exposto” (PERROT, p.13, 2003)

As ruas escuras e vazias são sinônimo de perigo, Giovana que não volta sozinha para casa, as ruas que são desviadas para atingir maior segurança á Flávia e Helena, as falas e os olhares sexualizando seus corpos, que também acontecem na praia e se juntam ao desconforto vivido dentro dos ônibus, onde muitos homens se aproveitam para assediar mulheres quando os mesmos estão lotados e tantas outras histórias relatadas aqui e vivenciada pelas três moradoras do Porto do Capim.

E para a mulher negra sobram inseguranças e desconfortos, que além dos seus corpos ultrassexualizados também sofrem com zombarias a seus corpos considerados fora do padrão de beleza, como Flávia que sofria na rua e na escola quando criança por conta do seu cabelo considerado feio e que ainda tem na família pessoas que zombam do mesmo, hoje, já passada por um processo de transição para os cachos, depois de usar ele liso por muito tempo, diz ter se renovado quando conseguiu ter ele todo transitado para os seus cachos, mas que não foi fácil e que ter feito esse processo junto com sua irmã foi fundamental “você tem que ter pessoas ao seu redor que te apoie, porque a transição já te deixa com a baixa estima [...] você fica querendo pessoas que diga que vai ficar bacana”.

Por todas essas questões acredito que “gênero e raça, ainda mais quando sobrepostos, incidem fortemente nas experiências de vida urbana” (SOUTO, 2017, p. 71). A cidade da mulher é aquela que acredita que tem lugares mais ou menos esquisitos, quando na

verdade o que é esquisito é o medo que elas sentem no corpo. O medo é diferente, o acesso a todos os espaços é diferente e o tempo da cidade das mulheres também é diferente da cidade dos homens.

Milton Santos utiliza o termo “homens lentos” para falar daqueles que tem seus movimentos comandados pelo tempo, tanto pelo transporte público quanto do andar a pé em oposição aos Homens que teriam o poder da mobilidade rápida, como aqueles que tem automóveis particulares. Se pensarmos que as mulheres evitam espaços por medo e acabam fazendo trajetos mais distantes com o intuito em se protegerem, podemos entender que elas chegariam ao mesmo lugar em um tempo mais longo que os homens.

Se uma mulher estiver no ponto do ônibus e chegar um carro alternativo como opção de transporte, muitas não entrariam por normalmente terem passageiros e motorista homens, fazendo com que a mulher tenha que esperar alguns minutos a mais na espera do ônibus para chegar em casa. Então, podemos dizer aqui que em contrapartida aos “homens lentos”, como um relação de temporalidade daqueles que tem uma dependência com o transporte e por isso demoram mais para se movimentarem na cidade e que tem a ver com o seu poder aquisitivo - de não possibilidade de ter automóvel particular – teremos na relação cidade, temporalidade e poder aquisitivo, pensando na perspectiva das mulheres e de suas vivências, as “mulheres mais lentas”, pela dificuldade da mobilidade presente no cotidiano delas.

Por tudo isso que o fato das mulheres estarem na rua, por si só é um ato de resistência, ao ter que conviver com todos os diferentes tipos de desconfortos, seus relatos recriam sua própria experiência na cidade e recriam os espaços, tornando-os um pouco mais sensíveis para o convívio e a permanência das mulheres opondo-se às subjetividades construídas apenas do medo.

De forma produtiva e ativa essas mulheres criaram táticas, na astúcia e na sagacidade do dia a dia, para permanecerem nos espaços da cidade em segurança, que aqui nomeei de “táticas de resistência”, podendo ser dividida entre as “táticas de enfrentamento”, ao qual a mulher se opõe às regras e normas heterossexuais e as desafiam com seus comportamentos e as “táticas de defesa”, em que as mulheres evitam certas atitudes e lugares na tentativa de também evitar inseguranças, assédios e outras violências relacionadas ao gênero.

Gostaria também de lembrar como em todas essas sensações de desconforto que a mulher tem na cidade a figura dos homens estão presentes, a relação de medo entranhada ao corpo das mulheres tem a ver com a normatização da violência masculina como status de virilidade e a noção de proteção que a presença masculina traz a mulher, com isso, a relação com o homem se dá em duplo sentido e em todos os casos sob a palavra dominação.

Além das táticas de enfrentamento e de defesa acredito que nós mulheres podemos ter outra forma de nos fazermos presente e crescermos enquanto resistência e aqui abro um grande leque de possibilidades que este trabalho não se propõe a discutir, mas que aqui faço uma breve iniciação, que é a questão do empoderamento e o que ele pode possibilitar a toda uma discussão sobre resistência.

As “táticas de defesa” fornecem às mulheres uma certa sensação de poder, e poder no sentido de que ao serem utilizadas dão a elas a sensação de autocontrole dos seus corpos, principalmente as “táticas de enfrentamento”, o empoderamento também viria como uma

[...] autoafirmação, autovalorização, auto reconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptível do que se passa ao seu redor” (BERTH, 2018, p. 14).

No caso, diferente da “tática de enfrentamento” que através do autocontrole do seu corpo traz poder apenas para si, o empoderamento seria um processo que viria como uma força tanto para agir para si como e principalmente, para agir pelo conjunto, na busca por uma real transformação social com base na oposição as estruturas e discursos de poder (BERTH,2018), os mesmos que fazem das cidades um lugar perigoso para as mulheres. No caso, acredito que o empoderamento não seria mais uma entre outras táticas, mas talvez um real passo para o processo necessário de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michael. “A cidade e a rua”. In: **Antropologia da cidade**, lugares, situações, movimentos. Editora Terceiro Nome. São Paulo, 2011.

_____. “Do Direito à Cidade ao Fazer- Cidade. O antropólogo a margem e o centro”. In: Mana, Vol. 22. Rio de Janeiro, RJ. 2015.

ALMEIDA, Miguel Vale de. “Manifesto do corpo”. In: **Corpo Presente: Treze Ensaios Antropológicos sobre o Corpo**. Org ALMEIDA, Miguel Vale de. Oeiras: Celta, 1996.

_____. “Corpo na Teoria Antropológica”. In: **Revista de Comunicação de Língua**, Vol.33. 2004.

ARAÚJO, Vera Lúcia. **As transformações na paisagem do Porto do Capim**: leituras de uma paisagem urbana. Dissertação de Mestrado em Geografia – UFPB. João Pessoa: 2006.

BIROLE, Flávia e MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**. Boi Tempo, São Paulo, SP. 2014

BEAUVOIR. Simone de. **O segundo Sexo**, Vol 1. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ. 2016.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Letramento, Belo Horizonte, MG. 2018.

BOURDIEU, Pierre. “A gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo*”. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, [1989] 1998.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2017.

CAIAFA, Janice. **Jornadas Urbanas**: exclusão e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Editora FGV, Rio de Janeiro, RJ. 2002.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. Editora 34; Edusp, São Paulo, SP, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Editora Paz & Terra. São Paulo: 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, artes de fazer. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994.

CONNEL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. nVersos. São Paulo. 2016.

COSTA, Jurandir Freire. **“A ordem médica e a norma familiar”**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CSORDAS, Thomas. “A corporeidade como um paradigma para a antropologia”. In: **Corpo/Significado/Cura**. UFRGS. Rio Grande do Sul. 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Boi Tempo, São Paulo, 2016.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. N-1 edições, São Paul, SP. 2016.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo – Apêndice IV. In: **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

FERREIRA, Marcelus Gonçalves. “Corpo/Cidade: uma corpografia do medo”. In: **Contemporânea**, Vol.9, Num.2. 2011.

FONSECA, Cláudia, “Ser mulher, mãe e pobre”. In PRIORE, MERY. Dell (org). **História das Mulheres no Brasil**, 2ª ed. São Paulo: contexto, 1997.

_____, **As múltiplas mulheres brasileiras**. Palestra proferida durante o seminários de 500 anos de Dominação Masculina? Organizados pelo Museo Antropológico do RS, Estado do RS, Secretaria de Cultura – Museu de Arte do Rio Grande do Sul, 24 de março, 199.

FOUCAULT, Michael. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. 3ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

_____. “O sujeito e o poder”. In: H. Dreyfus e P. Rabinow. **Michael de Foucault, uma trajetória filosófica**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GONÇALVES, Helena Tavares. **O Porto e a Casa**: dinâmicas de transformação no uso dos espaços no centro histórico de João Pessoa. Dissertação de Mestrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: 2014

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Editora Loyola. São Paulo: 1993

INGOLD, Tim. “Contra o espaço: lugar, movimento, conhecimento”. In: **Estar vivo**. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes, Petrópolis, RJ. 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. “Corpografias urbanas”. In: **Arquitextos**. 2008.

JUNIOR, Heitor Frúgoli. **São Paulo: Espaços Públicos e Interação Social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

LEITE, Rogério Proença. “Contra-usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Febrero VOL.17 Num. 49. 2002.

LINHARES, Kleiton. “**O corpo da mulher negra**: a dualidade entre o prazer e o trabalho”. IN: Simpósio Internacional de Educação Sexual. 2015

MAFESSOLI, Michael. “Tribalismo”. In: **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Florense, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Brasil, 2002.

_____ “Antropologia Urbana: desafios e perspectivas”. **Revista Antropológica** (USP). São Paulo, 2016.

_____ interse Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em **Cadernos de História de São Paulo** 2, jan/dez 1993, Museu Paulista- USP.

MALUF, Sônia. “**A antropologia reversa e “nós”**: alteridade e diferença”. *Ilha*, vol.12, n.1.

_____ “Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas”. In: **Dossiê Corpo E História**. Esboço, vol.09. 2001.

MINH-HA, Trinh T. O compromisso da escrita espelhada. **Mulher, nativo, outros**. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1989.

MARCUS. George. **Etnografia em/del sistema mundo**. El surgimento de la etnografia multilocal. ALTERIDADES, 2011.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Editora Devires, Salvador, BA. 2017.

OLIVEIRA, Nilza Ap. da Silva. “**Mapas Mentais** – uma forma de representar a compreensão e interpretação do lugar”.

PERROT, Michelle. “Os silêncios do corpo da mulher”. IN: **O corpo feminino em debate**. Unesp, São Paulo, SP. 2003.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. Etnografia a jato. In: **Experiencia, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ufrgs, 2010. p. 85-88.

RIBEIRO, Matilde. “Relações Raciais nas Pesquisas e Processos Sociais, em busca de visibilidade para as mulheres negras”. IN: **As Mulheres Brasileiras nos Espaços Públicos e Privado**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, SP. 2004.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**, Transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade, São Paulo, SP. 1989.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Expressão Popular. São Paulo, 2015.

_____. “Gênero e Patriarcado: violência contra a mulher”. In: **A mulher brasileira nos espaços públicos e privado**. Editora Perseu Abramo, São Paulo. 2004.

SANTOS, Milton. “Metrópelo: a força dos fracos é seu tempo lento”. In: **Técnica Espaço Tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra**, o corpo e a cidade na civilização ocidental. BestBolso. Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Akene Shionara Cardoso. **Análise das transformações na paisagem do Porto do Capim ao longo século XX e início do século XXI**: uma proposta metodológico para o uso de imagem. Monografia de final de curso em Geografia. João Pessoa: 2014.

SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

SIQUEIRA, Lúcia de Andrade. **Por onde andam as mulheres?** Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro de Recife. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SOUSA, Anne Gabrielle Lima. **Olhares que se cruzam, fronteiras que se erguem**. A sociabilidade em Tambaú, João Pessoa - PB. Dissertação de mestrado pela UFPB. João Pessoa, PB, 2006.

SOUTO, Anna Luiza Salles. “ Gênero e Cidade: violência, assédio e exclusão”. In: **Direito a Cidade, uma outra visão de gênero**. Instituto Brasileira de Direito Urbanístico – IBDU, São Paulo, SP. 2017.

STRATHENR, Marylin. “Estratégias antropológicas”. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, SP: Unicamp, [1988] 2006.

_____. “Um lugar no debate feminista”. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, SP: Unicamp, [1988] 2006.

_____. Os limites da autoantropologia. In: **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac&Naifty, 2014.

WILSON, Elizabeth. “O flaneur invisível”. In: **ArtCultura**, Vol.5, Num 27, Uberlândia, BH. 2013.

WOOLF, Virginia. “Flanando por Londres”. In: **O peixe e o sol**. Autêntica. 2015.